

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EMANOELLA DOS SANTOS RUFFO

O Fenômeno Contemporâneo dos *Incel*s: uma investigação psicanalítica

Maringá
2021

EMANOELLA DOS SANTOS RUFFO

O Fenômeno Contemporâneo dos *Incels*: uma investigação psicanalítica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José da Costa

Maringá
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

EMANOELLA DOS SANTOS RUFFO

O Fenômeno Contemporâneo dos *Incel*s: uma investigação psicanalítica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo José da Costa

PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan

PPI/Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Gustavo Henrique Dionisio

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

DEDICATÓRIA

a todos que cederam e cedem a própria capacidade
de amar àqueles afligidos pelo ódio de si mesmos.

AGRADECIMENTOS

A produção de um trabalho acadêmico é permeada por diversos encontros que possibilitam que um conjunto inicial de ideias possa ser desenvolvido apropriadamente e elaborado na forma de uma dissertação. Neste espaço, dedico meus agradecimentos às pessoas cujas contribuições para esta pesquisa se fizeram excepcionalmente importantes:

À minha mãe, pela presença encorajadora em todos os momentos, seu amor ao conhecimento e sua capacidade inquestionável de amar. Ao meu pai e minha avó, pelas suas virtudes e pela sua presença carinhosa dedicada a mim, ao seu modo, até os dias atuais.

Ao Lucas, pela paciência, amor, carinho, companhia e por sonhar em conjunto comigo. À Vanessa, por compartilhar das horas incontáveis escrevendo e pelo incentivo necessário para o início deste percurso.

Ao Prof. Dr. Paulo José da Costa por partilhar de seu conhecimento, pela diligência, cuidado e generosidade sempre presentes em suas orientações e por acolher minhas questões, inseguranças e anseios que emergiram ao longo do caminhar neste trabalho.

Ao Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan e ao Prof. Dr. Gustavo Henrique Dionisio, pela leitura realizada, e por suas sugestões e contribuições de grande valia oferecidas na etapa da qualificação.

Aos profissionais do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – sem cujo trabalho a realização deste estudo e das atividades realizadas durante o curso de mestrado não teria sido possível – pela possibilidade de desenvolver este trabalho e compartilhar da presença de tantas pessoas abertas à discussão, reflexão e construção de novas ideias.

À Elizabeth, pelos empréstimos da sua capacidade de pensar e pelo espaço singular de acolhida e questionamento, no qual puderam germinar muitos dos pensamentos que levaram à esta dissertação.

Aos amigos Bruna, Bruno e Dani, que compartilharam comigo as vivências do mestrado e os questionamentos, reflexões e inquietações sempre presentes na trajetória do estudo da psicanálise.

À Jessica, Marcela, Raíssa Amadeo e Raíssa Fachinello, pela amizade sempre pronta a pensar junto e acolher as divagações e sentimentos que tangenciaram a produção deste trabalho.

A todos aqueles que tornam possível o acesso democrático ao conhecimento acadêmico.

E por fim, a todos os participantes dos fóruns acessados, por compartilharem publicamente suas experiências de vida e possibilitarem a elaboração deste estudo.

*Não se fazem mais cimitarras como antigamente/
Eu sou uma hecatombe/ Não foi nem Deus nem o
Diabo/ Que me fez um vingador/ Fui eu mesmo/
Eu sou o Homem Pênis/ Eu sou o Cobrador./*

Rubem Fonseca

RESUMO

O presente trabalho se propõe a compreender, a partir de uma perspectiva psicanalítica, o fenômeno dos *incels* por meio de seus relatos encontrados em fóruns *on-line*. O vocábulo *incel*, inicialmente criado em um fórum em 1997 para designar qualquer pessoa que não tinha relações sexuais, foi cooptado para designar um grupo específico de homens que se organizam principalmente em comunidades *on-line*. Observa-se que tais sujeitos possuem uma linguagem e filosofia particular, vinculada a outros grupos masculinos que reivindicam mudanças no tratamento e direitos atribuídos aos homens, tendo em comum o descontentamento com as consequências do movimento feminista. A filosofia *incel*, chamada de Pílula Negra, defende que o valor de cada indivíduo é definido por sua aparência, seus atributos genéticos e possui uma ínfima perspectiva de melhora, entendendo que outros homens com boa aparência, personalidade agressiva e forma física musculosa – condizente com a visão hegemônica da masculinidade – possuem grande vantagem no que diz respeito a conquistas sexuais. Nessa concepção, a revolução sexual, ao empoderar as mulheres, também deu a elas maior liberdade e poder de escolha, o que relegou homens com aparência física e atributos socialmente indesejados ao celibato. Por meio do método da análise de conteúdo conforme proposto por Moraes, selecionou-se 45 tópicos de fóruns *on-line* voltados para a discussão do celibato involuntário cuja análise permitiu a construção de seis categorias temáticas acerca da percepção de um mundo hostil, uma vida solitária, o desejo de vingança, desesperança, noções rígidas sobre sexo e papéis de gênero e um senso de privilégio ferido. A partir das categorias obtidas, buscou-se estabelecer relações entre o conteúdo emergente no discurso dos *incels* e a teoria psicanalítica, tencionando ampliar a compreensão do fenômeno. Assim, tais temas foram analisados à luz da teoria psicanalítica, utilizando o referencial teórico de Melanie Klein e seu entendimento sobre as relações objetais, ansiedade e inveja para desenvolver esta investigação. Estabeleceu-se a hipótese de elaboração insuficiente da posição depressiva e o uso excessivo de defesas regressivas para lidar com a angústia advinda da internalização precária do objeto bom, responsável por sentimentos de inveja, ódio e autodepreciação presentes nos relatos analisados.

Palavras-chave: *Incel*. Celibato involuntário. Manosfera. Masculinidade. Psicanálise.

The Contemporary Phenomenon of *Incels*: a psychoanalytical study

ABSTRACT

This research puts forward a psychoanalytical investigation of incels, i.e. someone who claims to be an involuntary celibate, through the analysis of their posts available in online forums. The abbreviated expression was first used in an online forum in 1997 to designate anyone who did not have sex, and was later co-opted to refer to a particular group of men who organize themselves mainly in online communities. It is noted that these individuals have their particular language and philosophy, which is linked to other groups of men who advocate for men's rights and better treatment of males, while having a common discontentment with the consequences of the feminist movement. The incel philosophy, called the Black Pill, argues that each person's value is tied to their looks and genetics with little room for improvement, thus men with good looks, aggressive personality traits, and muscular bodies - following the hegemonic masculinity ideal - have great advantages in their sexual endeavors. The sexual revolution, by empowering women, also gave them greater power of choice, which in turn relegated men with worse physical appearance or socially unwanted attributes to involuntary celibacy. By using the method of content analysis as presented by Moraes, 45 threads in forums dedicated to discussing inceldom were selected, and their ensuing analysis led to six main categories concerning: the perception of a hostile world, loneliness, vengeance fantasies, hopelessness, rigid notions regarding sex and gender roles and aggrieved entitlement. Based on these categories, we sought to establish links between the emerging content in the incels discourse and psychoanalytical theory, aiming to broaden the understanding of this phenomenon. Thus, the themes were analyzed under psychoanalytical theory, using Melanie Klein's theoretical work and her understanding of object relations, anxiety, and envy, to develop this investigation. The hypothesis presently investigated was that an unsatisfactory elaboration of the depressive position and the unrestrained use of regressive defenses to deal with the anxiety resulting from the precarious internalization of the good object is both responsible for feelings of envy, hatred, and self-deprecation found in the incel discourse.

Keywords: Incel. Manosphere. Masculinity. Psychoanalysis.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1 INCELS: UM FENÔMENO DO SÉCULO XXI	13
1.1 Celibato involuntário: uma caracterização	15
1.2 Do celibato involuntário ao <i>incel</i> : o universo da mansfera.....	17
1.3 A filosofia da pílula vermelha: hierarquia, crenças e valores.....	24
2 PROPOSTA METODOLÓGICA.....	32
2.1 A análise de conteúdo: estratégia metodológica e seus procedimentos	33
3 UM PANORAMA SOBRE A TEORIA DE MELANIE KLEIN.....	38
3.1 Os desdobramentos das primeiras experiências de ansiedade.....	39
3.2 A integração do objeto: Ansiedades paranoides e culpa depressiva	46
3.3 Os estados patológicos e sua relação com a capacidade de amar.....	55
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CATEGORIAS TEMÁTICAS.....	63
4.1 Um mundo hostil: a violência percebida.....	63
4.2 Solidão e exclusão: a violência sofrida	70
4.3 Vingança e retratação: a violência atuada	76
4.4 Suicídio e desesperança.....	79
4.5 Noções sobre sexo: masculinidade e feminilidade.....	80
4.6 Senso de privilégio ferido e autodepreciação.....	85
5 CONSTRUINDO SIGNIFICADOS PSICANALÍTICOS	92
5.1 Um mundo hostil enraizado em sentimentos persecutórios	92
5.2 Vingança enquanto consequência da inveja e ódio	96
5.3 Autodepreciação, fracasso e componentes depressivos da inveja.....	99
5.4 O sexo e o feminino	102
5.5 Solidão e exclusão: a tragédia da própria vida	105
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	113

INTRODUÇÃO

O advento da internet na última década do século XX pode ser apontado como fonte de transformações de grande magnitude para a vida humana, tanto em escala global quanto a nível cotidiano. A possibilidade de estabelecer comunicação com pessoas sem a necessidade de sua presença física, superando as limitações geográficas, permitiu a construção de conexões inéditas até então e o surgimento de formas novas de vinculação e expressão subjetiva. Para a elaboração deste trabalho, estabeleceu-se como ponto de partida o desejo de construir conhecimento acerca desta esfera ainda pouco explorada pelo saber psicanalítico, considerando a hipótese de que o sujeito que se expressa por meio da rede encontra novos recursos e obstáculos para sua satisfação psíquica.

Diante disto, muitas temáticas foram destacadas como possibilidades para a pesquisa. O ciberespaço, caracterizado por uma flexibilidade sem precedentes e pela possibilidade de expressão individualizada, abarca uma gama ampla de fenômenos que atravessam a vida dos indivíduos conectados à internet. O início do século XXI tem sido marcado por fenômenos que se desenvolvem nesta rede virtual; tais como o advento das redes sociais, a possibilidade de trabalho exclusivamente *on-line*, a descentralização na produção de conteúdo de caráter informativo e artístico e a criação de objetos *smart* que, ligados à internet, são capazes de realizar diversas funções de forma remota. Com a popularização dos *smartphones*, a segunda metade da década de 2010 diferenciou-se pela presença *on-line* constante dos indivíduos neste ambiente virtual, o que favoreceu o desenvolvimento de uma modalidade diferente de relações interpessoais, marcada por uma comunicação mediada por símbolos como *memes* e *emojis* e interpelada pela presença de algoritmos inteligentes. Tal constatação abriu espaço para questionamentos amplos e o desejo de compreender de que forma este modo de se vincular tangenciava a subjetividade das pessoas.

Neste novo espaço subjetivo, o termo rede social passou a ter um novo significado, designando sites e aplicativos com o propósito de oferecer espaço para que as pessoas expressem seus interesses e estabeleçam contato com outros indivíduos. Tais redes oferecem a possibilidade de conhecer pessoas baseando-se em seus objetivos e preferências em comum, permitindo a criação de grupos e culturas cuja existência se dá exclusivamente *on-line*. Esta alternativa é valiosa para indivíduos que não dispõem da possibilidade de conviver fisicamente com uma comunidade que partilhe de seus valores e inclinações, seja por limitações geográficas ou razões particulares – como parece ser o caso dos *incels*, indivíduos do sexo masculino que discutem em fóruns *on-line* sobre sua experiência e teorizações sobre a falta de relações sexuais em suas vidas.

A decisão de selecionar os *incels* como objeto desta pesquisa ocorreu por conta da escassez de trabalhos acadêmicos encontrados sobre o assunto, além do conhecimento prévio acerca do tema, reconhecido como uma subcultura virtual com alguma notoriedade em veículos midiáticos e redes sociais. Na *internet*, este grupo tinha associação com elementos da cultura geek e discussões sobre feminismo e misoginia, assim como também se vinculava à produção de *memes* e outros conteúdos ocasionalmente virais. Além disso, o termo recebeu atenção da mídia brasileira no episódio ocorrido em 2019, em que foi apurado que dois jovens que atentaram fatalmente contra uma escola em Suzano utilizaram de fóruns anônimos *on-line* para conversar a respeito de seus planos, espaço compartilhado com *incels* e grupos que propagavam discursos de ódio.

A princípio, a ênfase dada às nuances violentas do comportamento deste grupo causava perturbação, havendo resistência e dificuldade em compreender sua maneira de pensar, frequentemente associada a formas diversas de ataques ao sexo feminino – algo que despertava incômodo frente à perspectiva de tomar contato com falas de teor humilhante e agressivo - que indiretamente, pela sua natureza incisiva e generalizante, também pareciam se aplicar à pesquisadora. Após reflexões que evidenciaram a importância de conhecer melhor este grupo e a possibilidade de tomá-lo como objeto de pesquisa acadêmica, estabeleceu-se como objetivo central do trabalho a utilização a teoria psicanalítica para compreender o fenômeno dos *incels*, a partir de suas postagens realizadas em fóruns *on-line*.

O capítulo a seguir é dedicado a uma revisão sobre os trabalhos publicados acerca do celibato involuntário, bem como outros trabalhos que situam a existência da comunidade de *incels* em relação a outros grupos masculinos. Tais congregações organizam-se em sites e fóruns *on-line* nos quais o anonimato costuma ser comum, preservando dados reais dos participantes e favorecendo a expressão de ideias íntimas e pensamentos que poderiam sofrer retaliação em conversas realizadas face a face, além de partilhar experiências frustrantes em relação ao sexo e uma filosofia centrada em ideias de crise masculina, opressão feminista e impossibilidade de transformação de sua posição neste sistema social.

No capítulo 2, há a apresentação da estratégia metodológica utilizada - a análise de conteúdo, como descrita por Moraes (1999), que se baseia em pressupostos de pesquisa qualitativa e permite um contato mais aprofundado com aspectos subjetivos presentes em produções dos indivíduos a serem estudados. Optou-se por acessar fóruns *on-line*, espaços dedicados aos *incels* para discussão de sua condição de celibato e conversas sobre assuntos variados, selecionando tópicos disponíveis publicamente que enfocavam aspectos da experiência pessoal de cada sujeito. A seguir, o terceiro capítulo apresenta o trabalho psicanalítico de Melanie Klein, referencial teórico utilizado na interpretação dos dados

advindos da análise, após considerar que seu trabalho dedica atenção a analisar estados de angústia e ódio. São apresentados os conceitos de posição esquizoparanóide e depressiva, inveja e reparação, assim como a noção kleiniana sobre os mecanismos de defesa de cisão, negação, idealização, projeção e introjeção.

O capítulo 4 trata da apresentação dos resultados da análise de conteúdo, trazendo as categorias temáticas que sintetizam conteúdos observados em maior frequência no discurso dos participantes selecionados nos fóruns. Estas foram divisadas como “Um mundo hostil: a violência percebida”, “Solidão e exclusão: a violência sofrida”, “Vingança e retratação: a violência atuada”, “Suicídio e desesperança”, “Noções sobre sexo: masculinidade e feminilidade”, e “Senso de privilégio ferido e autodepreciação”. O tema da violência permeou as primeiras três categorias, dedicando uma delas para as expressões do desejo dos indivíduos em executá-la e outras duas para sua percepção de que são vítimas de um mundo que lhes hostiliza constantemente, trazendo como consequência vivências de exclusão e sensação de estar à margem das relações sociais. Também se considerou parte relevante do discurso dos sujeitos a sensação de desesperança decorrente de sua filosofia na qual não há possibilidade de mudança, assim suas concepções e expectativas sobre a masculinidade e a feminilidade e a importância dada às relações sexuais. A última categoria trata de aspectos contraditórios: a frustração diante da ausência de reconhecimento das qualidades observadas em si próprios que coexiste com sentimentos de autodepreciação e de autopiedade.

O último capítulo do trabalho se debruça à elaboração de significados psicanalíticos a partir dos resultados obtidos na análise de conteúdo, a partir da associação com a teoria kleiniana apresentada no capítulo três. Esta etapa foi dedicada à construção de hipóteses que oferecessem significado para os sentimentos e falas mais prevalentes nos *incels*, e postulou-se que dificuldades acentuadas na elaboração da posição depressiva contribuem para a promoção de um estado melancólico nestes indivíduos, que demanda o uso de defesas paranoides para suportar o sofrimento decorrente da internalização falha do objeto total, incorrendo em idealizações excessivas e projeções de seu próprio sadismo nas pessoas ao seu redor.

1 *INCELS*: UM FENÔMENO DO SÉCULO XXI

O presente trabalho se propõe a compreender, a partir de uma perspectiva psicanalítica, o fenômeno dos *incels* por meio de seus relatos encontrados em fóruns *on-line*. Na escolha do objeto a ser pesquisado, definiu-se a importância de observar novos fenômenos decorrentes das inter-relações estabelecidas por meio das novas tecnologias da comunicação: celulares, *smartphones* e redes sociais afetaram os vínculos subjetivos contemporâneos, à medida em que todas estas novas tecnologias - decorrentes do surgimento da internet, no final do século XX - contribuíram para uma grande aceleração tecnológica sem precedentes para a geração atual e sua difusão pelo sistema econômico, bem como pelo tecido social, provocando uma descontinuidade que se assemelha à introdução da energia advinda da máquina à vapor e ao advento da Revolução Industrial e suas consequências no final do século XVIII (Nicolaci-da-Costa, 2002).

A teoria psicanalítica, que despontou no século XIX a partir do estudo da histeria, constatou diante da observação de suas manifestações patológicas a emergência de um sujeito singular, detentor de uma vida privada, desejante e reprimido por seu contexto – características favorecidas pelo novo modo de vida nas cidades que se institui após a passagem do feudalismo para a era da industrialização. A mudança social que advém com a criação da internet, por sua vez, também altera a sociedade e adiciona novas características para o sujeito que se desenvolve rodeado por novos dispositivos cujas principais marcas são estar conectado, sempre em rede, sob o olhar de várias pessoas e num fluxo constante de novas e atualizadas informações. Ao se traçar um paralelo com a Revolução Industrial, pode-se constatar diversas semelhanças entre ambos os momentos e teorizar que a revolução tecnológica também provoca transformações na subjetividade dos indivíduos, que se deparam com um rompimento do paradigma antigo e necessitam construir referências psíquicas que lhes permitam lidar com as consequências destas mudanças (Ferreira-Lemos, 2011; Nicolaci-da-Costa, 2002).

Ainda que as tecnologias da comunicação tenham rapidamente se acomodado no cotidiano das pessoas e provocado as ditas transformações, constatou-se que no campo de estudos da psicanálise há reduzida produção de conhecimento que se proponha a investigar e analisar quais os impactos da revolução tecnológica na subjetividade dos indivíduos, dada a ausência de resultados acerca do tema na busca feita em portais de periódicos científicos. Verificando alguns estudos psicanalíticos desenvolvidos acerca do sujeito contemporâneo, observa-se a busca de compreensão de novas formas sintomáticas que vem se traduzindo em diagnósticos médicos - como o elevado número de diagnósticos de depressão e ansiedade, episódios frequentes de autolesão e outras patologias consideradas limítrofes - o que novamente

pode ser comparado às manifestações históricas que intrigaram os profissionais de saúde no século XIX, como expressões de uma forma de sofrimento característica e vinculada ao momento histórico vigente (Aquino & Assis, 2016; Costa & Queiroz, 2011; Helsinger, 2014; Ramos, 2010). Com isso, entendeu-se como relevante a necessidade de buscar maior conhecimento sobre fenômenos ligados ao campo virtual, dado que a internet favorece o relacionamento humano com informações e outros indivíduos em uma realidade expandida, reinventada (Sakamoto & Souza, 2012).

Considerando a necessidade de viabilizar o estudo de acordo com os critérios necessários para sua realização, optou-se pela delimitação de um fenômeno específico que pudesse ser analisado a partir das produções existentes dos indivíduos na internet. A comunidade *incel* possui pouca visibilidade e se estabeleceu por meio de recursos *on-line*, estando restrita a determinadas redes sociais e fóruns nos quais o anonimato é frequentemente utilizado entre os participantes - alguns dos quais se encontram hospedados em níveis criptografados da internet, que não são indexados por mecanismos de busca padrão. Contudo, tal comunidade esteve vinculada a atos de violência cujo impacto se estendeu para além da esfera das relações virtuais - são notórios um ataque a tiros ocorrido no ano de 2014 em Isla Vista, na Califórnia, que culminou com a morte de 6 pessoas e 14 feridos e um atentado em Toronto, no Canadá, onde um autodenominado *incel* atropelou e matou 10 pessoas dirigindo uma van, em 2018. Acontecimentos como estes atraíram o interesse da mídia em geral, que dedicou reportagens ao esclarecimento de alguns aspectos sobre os *incels* e suas atividades (Baele et al., 2019; Kalish & Kimmel, 2010).

Na comunidade acadêmica, notou-se uma incipiência de trabalhos científicos que abordam esta temática, ou mesmo investigando comunidades que se interessam pela defesa dos direitos masculinos e o estabelecimento de relações entre seus participantes no ambiente virtual. Compreende-se que observar comunidades masculinas que surgem após esta revolução tecnológica tem um papel significativo na compreensão dos problemas sociais enfrentados pelo sexo masculino, e verifica-se que o tema pode ser mais explorado pelas ciências humanas (Van Valkenburgh, 2018). Assim, considera-se que o presente trabalho pode contribuir na coleta de informações, produção de conhecimento sobre este assunto e na elaboração de hipóteses que possam favorecer a compreensão sobre estes indivíduos e sua constituição enquanto grupo, suas crenças, conjuntos de valores e seu funcionamento psíquico.

1.1 Celibato involuntário: uma caracterização

De acordo com Donnelly, Burgess, Anderson, Davis e Dillard (2001), o celibato involuntário é entendido como uma situação em que um indivíduo deseja manter relações sexuais, mas não tem a possibilidade de encontrar um parceiro interessado e sente-se incomodado com este estado. Os autores sugerem como critério um período de pelo menos seis meses, considerando que as pessoas podem permanecer sem relações sexuais por semanas ou meses mas começam a se preocupar após um determinado tempo; embora também reconheçam e destaquem que a escolha de um período determinado de tempo é um marco arbitrário, que deve ser desconsiderado em favor da autodeterminação de um indivíduo que se perceba nesta condição. Diferentes indivíduos podem se reconhecer na situação de celibato involuntário: pessoas comprometidas cujos parceiros não têm desejo de relacionar-se sexualmente com estes, indivíduos solteiros que nunca mantiveram relações sexuais, ou mesmo aqueles que já tiveram relações sexuais anteriormente, mas encontram dificuldade de encontrar um parceiro na situação atual. Tal condição afeta uma diversidade de indivíduos com identidades e orientações sexuais variadas.

Há expectativas normativas acerca do desenvolvimento da sexualidade em diversas sociedades e culturas. Segundo Donnelly et al. (2001), a maioria das sociedades industrializadas espera que os indivíduos tenham seus primeiros relacionamentos amorosos na adolescência ou no início da vida adulta, com a primeira relação sexual acontecendo em seguida, progredindo para relacionamentos de longa duração ou casamento em que ocorra a expressão ativa da vida sexual – cujo declínio é socialmente esperado assim que os indivíduos alcançam o fim da vida adulta e o início da terceira idade. Tais expectativas sociais podem ser analisadas a partir de quatro dimensões: tempo (o momento em que tais eventos se dariam na vida de um indivíduo), sequência (a ordem em que tais eventos ocorreriam), duração (quanto tempo tais eventos durariam) e prevalência (quantos indivíduos teriam a vivência de tais eventos). De acordo com estes autores, os celibatários involuntários teriam uma experiência sexual diversa nestas dimensões daqueles que se consideram não-celibatários ou celibatários voluntários, teorizando o celibato involuntário não como um evento pontual, mas como uma combinação de fatores que compreenderia a duração, a ordem de ocorrência e o momento em que se dariam os comportamentos sexuais ao longo da vida do indivíduo. Høiland (2019) reforça que tal sensação de fugir às expectativas sociais dificulta a interação entre os indivíduos e reduz a possibilidade de estabelecimento de uma relação íntima, afetando a chance de ocorrência de futuras relações sexuais.

Ao buscar entendimento sobre o celibato involuntário para indivíduos que se encontram num relacionamento, foi constatado que fatores como insatisfação conjugal, ausência de atividades em conjunto, idade avançada, crianças em idade pré-escolar e problemas de saúde contribuíam para a ausência de atividade sexual dentro do casamento, bem como gravidez, parto recente ou doenças e ferimentos graves, doenças crônicas ou deficiências permanentes. Numa pesquisa realizada em 1998 por meio de um questionário *on-line* com 82 indivíduos, Donnelly et al. (2001) observaram aspectos de celibatários involuntários dentro de três categorias: indivíduos virgens, pessoas que haviam tido experiência sexual prévia e celibatários em uma relação estável/casamento. Este último grupo tinha a percepção do celibato involuntário como fruto da evolução do relacionamento, tendo alguns observado relutância dos parceiros desde o início da relação, embora tivessem experimentado satisfação sexual no casamento anteriormente à situação de celibato.

No caso dos indivíduos virgens e daqueles solteiros, havia a ideia de que alguns fatores prejudicavam seu acesso a atividade sexual, em particular a timidez, falta de habilidades sociais e uma imagem corporal negativa, além de aspectos relativos ao cotidiano, à organização de trabalho e dificuldade de se locomover para bairros e locais onde pudessem encontrar pessoas diferentes. Neste estudo, 35% dos participantes relataram insatisfação, frustração ou raiva diante de sua situação, alguns dos quais relataram sensações de solidão, rejeição e a ideia de não terem completado a transição para a idade adulta por completo, sentindo-se diferentes de outros indivíduos pelo fato da redução da atividade sexual ser algo esperado no caso de indivíduos doentes, com algumas deficiências ou de idade avançada (Donnelly et al., 2001).

Kiernan (1988) realizou uma análise de dados de indivíduos nascidos em 1946 que não haviam se casado até os 36 anos, concluindo que uma parcela destes indivíduos não se casa devido a algum tipo de incapacidade física ou mental, atribuindo a este grupo o nome de ‘solteiros involuntários’ – cuja maioria residia com os pais ou em instituições. Outros grupos de solteiros eram representados por indivíduos que residiam sozinhos, com os pais ou com outras pessoas, embora nestes casos não seja possível inferir se a condição de solteiro necessariamente estaria atrelada ao celibato.

A respeito disso, Maxwell, Robinson, Williams, & Keaton (2020) destacam a importância dos vínculos sociais enquanto uma necessidade básica para os seres humanos. Os autores apontam que habilidades sociais reduzidas podem provocar um ciclo de solidão e isolamento de difícil interrupção, já que indivíduos solitários teriam uma propensão maior de considerar interações sociais negativas de forma mais intensa e interações positivas de forma menos favorável, o que fortaleceria sua sensação de estarem segregados. Indivíduos com vínculos sociais reduzidos também seriam mais vigilantes diante de ameaças sociais, o que

poderia associar-se com as consequências do celibato involuntário, responsável por maiores níveis de ansiedade, depressão e perda da autoconfiança.

1.2 Do celibato involuntário ao *incel*: o universo da manosphere

Ainda que o celibato involuntário tenha sido analisado em trabalhos como os citados anteriormente, uma expressão em particular desta condição, designada pela expressão '*incel*', tem surgido em discussões na internet e recebido cada vez mais atenção nos últimos anos – inicialmente como um fenômeno norte-americano, tornando-se gradativamente globalizado devido ao acesso à internet (Høiland, 2019). Uma busca por este termo no site Google Trends - que permite acompanhar o número de buscas realizadas por determinadas palavras e sua evolução ao longo do tempo - evidencia um aumento de buscas sobre o assunto a partir do segundo semestre de 2017, atingindo seu ápice em abril de 2018¹. Collins (2019) aponta que embora não seja possível definir com precisão quando se deu a consolidação deste grupo, seu reconhecimento por parte da mídia ocorreu paralelamente ao movimento #MeToo, ocorrido em outubro de 2017 após denúncias de assédio e abuso sexual ocorridas na indústria cinematográfica americana, que trouxe a público diversas outras acusações feitas por mulheres de todo o mundo por meio da internet.

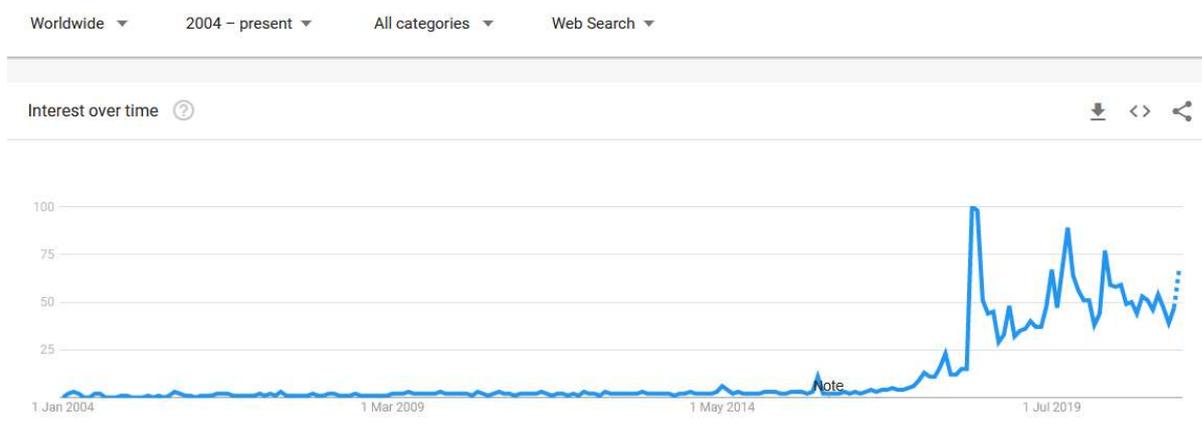


Figura 1. Gráfico gerado no site Google Trends exibindo a frequência relativa de busca pelo termo '*incel*' em todo o mundo, desde janeiro de 2004 até junho de 2021

¹ Em 23 de abril de 2018, Alek Minassian dirigiu uma van contra pedestres na cidade de Toronto, matando dez pessoas, sendo posteriormente ligado a subcultura *incel*. No mesmo ano, o termo *incel* foi uma das palavras escolhidas para concorrer como a "Palavra do ano" escolhida pelo site Oxforddictionaries.com, que busca eleger palavras que refletem o humor ou as preocupações de determinado ano (Baele et al., 2019; Høiland, 2019).

O neologismo *incel* surgiu originalmente em 1997, a partir de um site criado por uma estudante universitária canadense, intitulado “Alana’s Involuntary Celibacy Project” - cujo objetivo era discutir a sua falta de atividade sexual com outras pessoas e construir uma comunidade *on-line* que fosse inclusiva e auxiliasse pessoas com dificuldades de estabelecer relacionamentos. Alana descreve seu projeto como um ambiente agradável e seguro, no qual havia um pouco de sentimentos hostis e alguns homens expressando insensibilidade em relação às mulheres (Høiland, 2019; Zimmerman et al., 2018). Após alguns anos, sua fundadora deixou a comunidade por conta de experiências positivas em seus relacionamentos, o que indica que a comunidade *incel* divergiu do propósito inicial estabelecido por Alana, sendo percebida atualmente como uma comunidade para indivíduos solitários do sexo masculino “que expressam seu ódio contra mulheres e homens sexualmente bem sucedidos, assim como ódio a si mesmo e humor bizarro” (Høiland, 2019, p. 2, tradução nossa).

Lilly (2016) observa que a forma de pensar dos *incels* sugere que o mundo lhes deve relações sexuais, e que as mulheres que lhes recusam relacionamentos ou sexo são responsáveis por sua opressão, ao passo que Zimmerman, Ryan, & Duriesmith (2018) caracterizam o termo *incel* como derivado da expressão celibato involuntário (*involuntary celibate*, em inglês), apontando que a ideologia *incel* acredita que o movimento feminista prejudicou a sociedade, baseando-se na ideia de que antes da revolução sexual dos anos 1960 todos os homens tinham acesso a parceiras do sexo feminino, e que o empoderamento das mulheres afetou negativamente a possibilidade de encontrar uma parceira disponível, já que estas passam a demonstrar preferência por homens mais atraentes fisicamente.

Com isso, os homens mostram-se frustrados com a organização social atual, que nega a eles o poder e o controle sexual sobre a mulher, sentindo-se privados do que entendem ser um direito natural. Observa-se que tais valores estão vinculados a concepções misóginas e engessadas acerca dos papéis tradicionais de gênero, que motivam os participantes desta comunidade a desejar o reestabelecimento da ordem ‘tradicional’ em que os homens exercem controle sobre as mulheres. Ainda que nem todos aqueles que se identificam como *incels* tenham afiliações extremistas ou supremacistas, os autores destacam que os participantes desta comunidade estão mais ligados a formas mais extremas de expressão da violência devido a uma visão tóxica das relações de gênero, o que continuaria alimentando-a (Zimmerman et al., 2018).

Uma figura em particular possui destaque na comunidade *incel*: Em 2014, um estudante de 22 anos chamado Elliot Rodger abriu fogo contra pessoas em Isla Vista, na Califórnia, matando seis pessoas, ferindo treze e cometendo suicídio em seguida. Antes de seu atentado, ele fez *upload* de um vídeo em seu canal no *YouTube* no qual explicava o que iria fazer e suas motivações para o ato, além de enviar por e-mail um manuscrito autobiográfico para algumas

peças próximas. Este manuscrito detalha seus 22 anos de vida, percorrendo sua infância feliz, mas permeada por inseguranças e conflitos, os primeiros contatos com o sexo e a puberdade, a frustração por não ser desejado pelas garotas e seu conseqüente ódio pelas mulheres, sendo conhecido publicamente como seu “manifesto”. O texto de Rodger teve ampla repercussão entre os *incels* por destacar o seu sofrimento intenso decorrente da privação de contatos íntimos e relações sexuais com o sexo oposto, fazendo menções diversas em seu texto a sentir-se humilhado por sua virgindade e injustiçado ao ver vários outros rapazes e moças desfrutando de contatos sexuais (Nagle, 2015; Rodger, 2014):

Passei a ter fantasias de me tornar muito poderoso e impedir todo mundo de fazer sexo. Eu queria privá-los do sexo, assim como fizeram comigo. Eu via o sexo como um ato maligno e bárbaro, tudo porque eu era incapaz de consegui-lo. Essa foi uma mudança importante. Minha raiva me tornou mais forte por dentro. Foi aí que formei minhas ideias de que o sexo deveria ser ilegal. É a única forma de fazer do mundo um lugar igualitário e justo. Se eu não posso tê-lo, vou destruí-lo. Foi essa a conclusão que cheguei (Rodger, 2014, p. 56, tradução nossa).

Rodger (2014) relata raiva e frustração em momentos diversos; algumas vezes por sentir-se inferior, em outras por ver outros homens - supostamente inferiores a ele - desfrutando de relacionamentos amorosos. Segundo ele, a infância é um período no qual todas as crianças compartilham das brincadeiras enquanto iguais, mas a passagem pela puberdade transforma a adolescência em uma “batalha amarga e injusta em busca de valor próprio” (p. 25, tradução nossa) diante da predileção feminina por alguns garotos ao invés de outros. Há também relatos de si próprio como uma criança tímida e um adolescente com intensa ansiedade social, porém ávido pelo reconhecimento de seu valor:

Como um rapaz negro, feio e inferior era capaz de conquistar uma garota branca e eu não? Eu sou bonito, e sou metade branco. Sou descendente da aristocracia Britânica. Ele é descendente de escravos, eu mereço mais. Eu tentei não acreditar em suas palavras imundas, mas elas já haviam sido ditas, e era difícil apagá-las de minha mente. Se isso realmente fosse verdade, se esse negro feio imundo foi capaz de fazer sexo com uma garota branca e loira aos treze anos enquanto eu tive que sofrer com minha virgindade por toda a vida, isso prova o quão ridículo é o sexo feminino. Elas se deixariam conquistar por essa escória nojenta? Que injustiça! (Rodger, 2014, p. 84, tradução nossa)

Por aqueles doze dias cruciais que eu ainda tinha como adolescente, eu andei até o centro de Isla Vista todos os dias e me sentei em uma das mesas do lado de fora da Domino’s Pizza, torcendo contra todas as chances que uma garota viesse falar comigo. Por que elas não viriam? Eu tinha uma aparência boa o suficiente, não tinha? Ou será que não? (Rodger, 2014, p. 88, tradução nossa)

Embora se verifique uma glorificação do ato feito por Rodger e alguns outros indivíduos – como Alek Minassian, autor do atentado em Toronto que levou à morte de dez pessoas em 2018, autoproclamado *incel*, Lilly (2016) afirma que não há figuras de liderança em destaque dentre os *incels*, e que seus membros costumam se manifestar contribuindo em páginas e fóruns

on-line. O *Reddit*, um site dedicado às comunidades variadas para a discussão de interesses diversos, manteve um fórum (segundo denominação do site, *subreddit*) nomeado *r/incels*, que tinha aproximadamente 40 mil membros quando foi fechado, em 2017, após queixas de discussões que incitavam a violência contra as mulheres - após seu fechamento, outro fórum denominado *Incels.me* foi criado e contribuiu para a sensação de pertencimento em seus usuários, embora também tenha sido suspenso em 2018 pela propagação de violência e discurso de ódio. Outro site conhecido pela presença dos *incels* é o *4chan*, um fórum de imagens com formato anônimo de postagens, famoso por utilizar a noção de liberdade de expressão para justificar a postagem de mensagens com teor misógino, racista e agressivo (Baele et al., 2019; Ging, 2019; Jaki et al., 2019; Zimmerman et al., 2018).

Fóruns e sites do gênero têm recebido atenção da mídia, destacando-se por apresentar conteúdo misógino e pela associação com alguns eventos no mundo *off-line* de grande repercussão, como os tiroteios em massa ocorridos em Isla Vista (2014) e Oregon (2015). As investigações realizadas pelo Departamento Federal de Investigação dos EUA – o FBI - em resposta ao tiroteio de Oregon os levaram a mensagens postadas no canal */r/9k/* do site *4chan*. Tais mensagens tinham sido escritas por indivíduos que se intitulavam *incels* e *betafags* e que se utilizavam das mensagens para discutir e organizar uma campanha de vingança contra mulheres e também contra os chamados “defensores da justiça social” (em inglês, *social justice warriors*, ou SJWs) e os “machos alfa” que seriam responsáveis por sua falta de sucesso na esfera das relações sexuais (Ging, 2019; Zimmerman et al., 2018).

Tanto o *Reddit* quanto o *4chan* e outros sites inspirados neste último parecem ser populares para a congregação dos *incels*, sendo ambos espaços nos quais a participação se dá de forma simples e há poucas normas e estruturas de controle sobre o conteúdo postado. No estudo realizado por Farrell et al. (2019), foram analisadas sete *subreddits* relacionadas de alguma forma com o tema – uma das quais, *r/trufemcels*, é dedicada a mulheres que se identificam como celibatárias involuntárias. *Incels* masculinos discordam da possibilidade de existência de *incels* femininas, dada a suposta vantagem do sexo feminino em encontrar parceiros sexuais, e no fórum, uma das páginas é dedicada a esclarecer as diferenças entre *femcels* e *incels*:

Femcel é uma mulher que **não consegue** relações sexuais ou um relacionamento de longa duração apesar de querê-los devido a deficiências físicas, mentais ou cognitivas **que superam** aquelas observadas em mulheres normais ou existentes de forma mais severa. Isso pode ser uma combinação de fatores ou apenas um, variando entre aparência, deficiências, condições de saúde, personalidade disfuncional, problemas mentais ou cultura (*r/trufemcels*, 2018, tradução nossa, negritos no original).

Observou-se que esta comunidade focada em mulheres recebe ofensas de participantes suspeitos de serem *incels*. No caso do *4chan* e outros *imageboards* - fóruns baseados na postagem de imagens e comentários, caracterizados pelo anonimato dos usuários e pela efemeridade dos tópicos - Manivannan (2013) aponta a existência de uma lógica cultural diversa da maioria das redes sociais que reforçam a construção e manutenção de uma identidade forte. As postagens feitas nos *imageboards* ou *chans* são caracterizadas por um rompimento da conexão com a identidade *off-line*, bem como uma ausência de responsabilização pelas ações *on-line*. As comunidades que se formam possuem uma mentalidade coletiva fortalecida e o conteúdo gerado por esta reifica a cultura criada e compartilhada, numa organização horizontal sem lideranças. Assim, a internet fornece um ambiente ideal para a discussão de aspectos íntimos e concernentes à sexualidade do indivíduo de forma anônima e particular, permitindo que os participantes possam ser mais abertos quanto às circunstâncias de seu celibato, mas o anonimato também pode favorecer expressões extremadas de pensamentos e sentimentos sem necessariamente ter de assumir responsabilidade pelo que é dito (Burgess et al., 2001; Farrell et al., 2019).

Tal comunidade *incel* interage com outros grupos que apresentam em comum um interesse pela defesa dos direitos masculinos, constituindo um coletivo conhecido popularmente como “manosfera” (*manosphere*, em inglês). Segundo Ging (2019), este termo surgiu inicialmente em um blog, em 2009, descrevendo uma comunidade *on-line* focada em interesses masculinos, atingindo popularidade posteriormente após sua adoção por ativistas dos direitos masculinos e jornalistas que escreviam a respeito deste grupo. Ainda que movimentos em defesa dos direitos dos homens tenham sido observados desde o final do século XIX e se manifestado ao longo do século passado, a expansão da internet possibilitou a construção da manosfera enquanto uma coletânea de materiais disponíveis em blogs, sites, fóruns e canais do *YouTube*, com características próprias que a distinguem dos movimentos *off-line* – heterogeneidade, descentralização e mutabilidade, com seus conteúdos sendo acessados, editados e contestados por diversos indivíduos, com suas intenções e entendimentos particulares sobre o assunto. Embora a manosfera seja composta por fenômenos diversificados, observa-se que o feminismo é visto como uma ameaça e o anti-feminismo se apresenta como um ponto em comum que liga suas diferentes expressões, bem como a noção de opressão masculina advinda das mulheres ou de outros homens (Hunte, 2019; Lilly, 2016; Schmitz & Kazyak, 2016; Van Valkenburgh, 2018).

Para Lilly (2016), não há clareza quanto à composição demográfica da manosfera: alguns estudos acerca de grupos *off-line* em favor dos direitos masculinos apontam uma maioria de homens brancos de classe média ou alta, outros observam maior predominância da classe

média e trabalhadora. Há quase exclusividade de homens heterossexuais, em torno de 40 ou 50 anos, embora nota-se um número crescente de *millennials*² nos últimos anos. Mesmo com tais diferenças e imprecisões, pode-se entender a manosphere como um conjunto de homens reunidos por uma visão de mundo perpassada pelo entendimento da misoginia enquanto uma possível solução simbólica para as frustrações de suas vidas, sejam elas financeiras, sociais ou sexuais.

Dentro da manosphere há outras subculturas que interagem com os *incels*, divididas segundo Lilly (2016) em ativistas dos direitos masculinos (*men's right activists*, ou MRAs), homens trilhando seu próprio caminho (*men going their own way*, ou MGTOWs) e artistas da paquera (*pick-up artists*, ou PUAs)³. Para esta autora, há uma aproximação entre os MRAs e os MGTOWs, da mesma forma em que os PUAs se assimilam aos *incels* buscando ou se comparando com o ideal de homem alfa de formas específicas a cada subcultura, explicadas a seguir.

Este ideal de homem – na subcultura *incel*, conhecido como “alfa” ou “Chad” – é aquele com atributos desejáveis como boa aparência e habilidades sociais, que conseqüentemente teria o monopólio das relações sexuais. Esta noção vincula-se ao conceito de masculinidade hegemônica, ou seja, representações culturais e práticas de gênero que garantem a dominância masculina em relação ao sexo feminino, atuando na legitimação da desigualdade entre os gêneros e estabelecendo uma hierarquia de poder e dominação social. Esta construção, que se dá por meio de processos históricos e sociais, também favorece uma forma de expressão da masculinidade em detrimento de outras, que passam a ser marginalizadas ou inferiores, o que implicaria em experiências variadas de desvantagem por aqueles indivíduos que não estariam total ou parcialmente de acordo com este perfil (Maxwell et al., 2020). Nos Estados Unidos, a masculinidade hegemônica se traduz na figura do homem branco, heterossexual e de boa condição financeira – realidade que representa apenas uma pequena porcentagem da população (Schmitz & Kazyak, 2016; Vito et al., 2018). Ainda assim, Høiland (2019) destaca que a masculinidade hegemônica não se trata de uma masculinidade normal, mas sim de uma normativa, que é estabelecida em um patamar inatingível.

No caso daqueles que fracassam em atingir tais expectativas, pode haver conseqüências na forma de sanções sociais. Os atributos mais comuns que compõem essa masculinidade são o

² O termo se refere a indivíduos nascidos entre o início dos anos 1980 e o final dos anos 1990, constituindo a geração que sucede a chamada Geração X (Tomaz, 2013).

³ Os ativistas dos direitos masculinos têm como preocupação central os direitos legais dos homens, debatendo sobre pautas como o alistamento militar obrigatório e a busca pela igualdade de direitos entre os sexos, questionando a legitimidade de ações que favorecem as mulheres. Os homens trilhando seu próprio caminho são um grupo que se aproxima do primeiro, mas se focam em discutir seu estilo de vida, buscando uma noção de independência que rejeita relacionamentos com mulheres – podendo também buscar um distanciamento completo da sociedade. Por fim, os artistas da paquera compõem uma parte ampla da manosphere e têm como objetivo aprimorar suas técnicas de sedução, visando tornarem-se machos alfa (Lilly, 2016).

comportamento agressivo, a firmeza, competitividade e uma forma física musculosa e forte, bem como a negação de emoções e sinais de fraqueza. No que diz respeito à aparência física, é importante destacar que o corpo humano vai sofrendo alterações e sendo percebido de forma diferente de acordo com construções históricas e socioculturais, exigindo cuidados e empenho em melhorias para que este reflita de forma constante as características definidas como hegemônicas. Logo, ainda que muitos homens não consigam atingir o ideal de corpo proposto, sua masculinidade torna-se investida na busca por esta imagem, reforçando e reificando esta imagem idealizada e alimentando uma autoimagem negativa naqueles que não conseguem alcançá-la. A heterossexualidade também é uma característica importante para a masculinidade hegemônica, e demonstrações públicas de atividade heterossexual servem tanto para destacar a heterossexualidade de um indivíduo quanto para conquistar um status superior junto a outros homens (Vito et al., 2018).

Em sites que se declaravam abertamente ativistas dos direitos masculinos, Schmitz e Kazyak (2016) observaram a existência de um entendimento de que os homens são tão ou mais oprimidos do que as mulheres, tendo a compreensão de que o ativismo em prol do sexo masculino contribuirá para o seu empoderamento. O discurso dos ativistas centra-se numa visão de desamparo e crise masculina, exigindo atenção para a violência, o suicídio e outras pautas que afetam este sexo e prejudicam sua qualidade de vida, assim como exigem mudanças institucionais acerca de situações como o pagamento de pensão alimentícia – algo que, segundo eles, reforça a misandria. Embora haja uma preocupação com a igualdade entre os gêneros, os ativistas dos direitos masculinos divergem das ideias feministas por atribuir ao feminismo a causa de tais desigualdades, tendo dado poder excessivo às mulheres e levando fatalmente à subordinação masculina. Estes autores também observaram outros sites que tratavam da temática dos direitos masculinos e faziam parte da *manosfera*, mas que se diferenciavam dos ativistas em sua abordagem do tema. Há neste outro grupo uma valorização da noção hegemônica de masculinidade, incentivada de forma explícita por meio de instruções e dicas. Tal noção de masculinidade é definida pelos próprios homens para os homens, enquanto o papel feminino fica em segundo plano.

De acordo com o site *Men Going Their Own Way* (2019), esta é a visão daqueles que se denominam “homens trilhando seu próprio caminho” (n. p.), cuja comunidade *on-line* defende a busca pela soberania de si mesmo e:

a exclusão de preconceções tolas e definições culturais do que é um ‘homem’ . . . Recusando-se a se curvar, servir e ajoelhar pela oportunidade de ser tratado como uma utilidade descartável. E vivendo de acordo com seus próprios interesses em um mundo que preferiria que ele não o fizesse (*Men Going Their Own Way*, 2019, n. p., tradução nossa).

Assim como os ativistas dos direitos masculinos, este grupo entende que o feminismo provocou uma desvirilização do sexo masculino, e tal compreensão é fundamental para que os homens possam recuperar sua masculinidade (Hunte, 2019; Schmitz & Kazyak, 2016).

Assim como os ativistas dos direitos masculinos, os homens trilhando seu próprio caminho repudiam o feminismo e atribuem a este a culpa pelas mudanças prejudiciais ao sexo masculino. Baele, Brace, & Coan (2019) observam que os *incels* partilham da mesma visão, considerando que a sociedade monogâmica patriarcal que antecede a segunda onda do feminismo dá aos homens possibilidades mais igualitárias de acesso às mulheres e ao sexo, com pouco valor dado à beleza e ao prazer. Na visão dos homens trilhando seu próprio caminho, as mulheres são vistas como inferiores e imorais, entendidas como “um prêmio, mas não como um objetivo” (Schmitz & Kazyak, 2016, p. 6, tradução nossa).

Contudo, chama a atenção a contradição aparente entre esta visão depreciativa do sexo feminino e a busca por relações sexuais heterossexuais, entendida como uma das principais insígnias do ideal de masculinidade. Há um conteúdo diversificado cujo objetivo é o de ensinar os homens a comprovar sua superioridade ao se relacionar com mulheres, que transmite uma mensagem ambígua de que estas são ao mesmo tempo indivíduos inferiores e desprezíveis, mas também objetos a serem conquistados e possuídos.

1.3 A filosofia da pílula vermelha: hierarquia, crenças e valores

Um conceito central para a *manosfera* é a “Pílula Vermelha”, uma referência ao filme *Matrix*, de 1999, em que o personagem Neo tem a escolha de ingerir pílulas de cores diferentes: a pílula azul permitiria que ele voltasse a viver uma vida confortável e ilusória, enquanto a pílula vermelha permitiria “despertar” e conhecer a realidade e suas verdades incômodas. Assim, a filosofia da Pílula Vermelha tem como objetivo trazer aos homens da *manosfera* o conhecimento acerca da misandria e da lavagem cerebral que estão por trás do movimento feminista. Van Valkenburgh (2018) analisou vinte e seis postagens apresentadas pela *subreddit r/TRP* - um subfórum do site *Reddit* dedicado à Pílula Vermelha (*The Red Pill*, em inglês) – destacadas pelos moderadores como essenciais para a compreensão acerca do assunto e participação nas discussões. Segundo o autor, há uma percepção de que a filosofia da Pílula Vermelha, que possui fundamentos supostamente inspirados em alguns conceitos encontrados na psicologia evolutiva e na economia neoliberal, funcionaria como um antídoto para o feminismo - entendido enquanto estratégia das mulheres para assegurarem parceiros sexuais com boa genética e estabilidade financeira (Ging, 2019; Schmitz & Kazyak, 2016).

Assim, tais postagens - cuja proposta é a de ser um guia para os novos participantes da comunidade - exibem uma lógica que busca valorizar o conhecimento científico nos moldes do Iluminismo, a coleta de dados observáveis e empíricos e o pragmatismo. Argumenta-se que o feminismo e os estudos de gênero são o extremo oposto da *r/TRP*, dado que os primeiros são “moldados por opiniões e valores, ao invés de evidências empíricas” (Van Valkenburgh, 2018, p. 7, tradução nossa). Utilizando noções inspiradas em alguns princípios da psicologia evolutiva como justificativa, a filosofia da Pílula Vermelha compreende que o sexo feminino age buscando relações sexuais com homens que se enquadram em um certo padrão de características que indicariam bons genes, mas também procura relações duradouras com homens com características diferentes, necessitando de apoio emocional e financeiro e segurança para sua prole. Na linguagem da *manosfera*, os alfas seriam aqueles que teriam um maior número de mulheres interessadas em sexo devido às suas características – tanto evidências físicas de força e virilidade, quanto manifestações psicológicas de dominância, enquanto os betas seriam eleitos para suprir as necessidades por segurança e apoio (Maxwell et al., 2020; Van Valkenburgh, 2018).

Os betas são entendidos, em comparação aos alfas, como tendo características mais femininas - tais como um desgosto por situações de risco, humildade e dependência da presença de mulheres, sendo representados como fracos, carentes e avessos à pílula vermelha, o que os mantém em sua condição de submissão e padecimento frente às mulheres (Baele et al., 2019; Van Valkenburgh, 2018). Estes são entendidos como bons pais em potencial, mas destaca-se que as características que os fazem fornecer segurança e cuidado e os colocam em tal papel são exatamente as mesmas que lhe colocariam em desvantagem diante de um alfa, dotado de uma genética melhor e capacidade de assumir riscos que claramente produziria um bebê mais adaptado e com maiores chances de sobrevivência numa perspectiva evolutiva. Em oposição à pílula vermelha, o conceito de pílula azul (em inglês, *blue pill*, também em referência ao filme *Matrix*) diz respeito à escolha de permanecer vivendo em uma realidade ilusória, que para a *manosfera* seria aquela em que há a negação da dominância e dos privilégios femininos. Para os adeptos desta filosofia, são chamados *bluepilled* aqueles que vivem uma vida de submissão perante as mulheres, estando relegados ao papel de homens beta. Embora a pílula azul seja fruto de um condicionamento social que esconde de forma contínua a dita natureza feminina, os homens podem ser libertos desta condição pela exposição e aceitação da filosofia da pílula vermelha (Hunte, 2019; Lilly, 2016).

Um terceiro conceito derivado desta filosofia é a chamada *blackpill*, ou pílula negra, em português. Enquanto a realidade proposta pela pílula vermelha na *manosfera* é a de que há uma dominação feminina sobre o sexo masculino, a pílula negra representa outros valores e distingue

de forma crucial seus adeptos, que correspondem principalmente à comunidade *incel*, de outros membros da manosphere e grupos em favor dos direitos masculinos. Enquanto os sectários da pílula vermelha entendem que a aceitação de tal filosofia lhes coloca em vantagem ao lhes trazer conhecimento e a possibilidade de romper com a dominação feminina, oferecendo assim alguma possibilidade de mudança, os adeptos da pílula negra compartilham de uma visão desesperançosa da realidade, na qual a imutabilidade das condições de valor sexual de mercado (aparência física e genética) faria com que muitos homens estivessem condenados a uma desvantagem perpétua no que tange aos relacionamentos (Baele et al., 2019). Os *incels* distinguem-se dos artistas da paquera desta forma, considerando que a principal atividade destes últimos seria esforçar-se para chamar a atenção das mulheres por meio da aprendizagem de técnicas de flerte ou mudanças na aparência.

A visão de mundo dos *incels*, entendida como um conjunto de crenças interconectadas sobre a realidade que formam uma lente coerente com a função de interpretá-la e compreendê-la, pode ser explicada como um sistema que categoriza os indivíduos rigidamente e onde não há possibilidade de mobilidade: os homens são divididos entre alfas (ou *Chads*), betas (ou *normies*) e *incels*, estes últimos indivíduos fisicamente indesejáveis, que também podem ser subdivididos de acordo com particularidades ou características responsáveis pelo celibato involuntário (por exemplo, *ricecels* e *currycels* são nomes dados aos *incels* leste-asiáticos e sul-asiáticos, respectivamente, que atribuem à suas características étnicas sua condição de celibatários). O *Chad* corresponde ao ideal entendido como alvo do desejo feminino, detentor de privilégios diversos e sujeito a regras sociais diferentes que contribuem para seu triunfo nas relações sociais. Diante disso, esta categoria de homem torna-se alvo de sentimentos de inveja, sendo recriminada por suas vantagens e conquistas que são avaliadas à luz de critérios mais brandos e admirada por seu sucesso social e conquistas sexuais (Baele et al., 2019; Maxwell et al., 2020).

As mulheres, embora vistas como inferiores e sub-humanas de modo geral, também são vistas como criaturas hipersexuais e capazes de grandes esquemas de manipulação. Estas costumam ser divididas entre alfa (*Stacy*) e beta (*Becky*), de acordo com seus atributos físicos, e avaliadas em uma escala de valores numéricos que confere notas mais altas àquelas que possuem as qualidades mais desejadas (Maxwell et al., 2020). Nos fóruns, há diversas palavras para se referir ao sexo feminino, sendo a maioria delas palavras de baixo calão ou referências aos órgãos genitais femininos, reduzindo e desumanizando as mulheres por meio da linguagem (Baele et al., 2019; Jaki et al., 2019; Zimmerman et al., 2018).

Para Maxwell et al. (2020), um aspecto significativo para os *incels* diz respeito à ausência de compreensão e diálogo com indivíduos que não pertencem a esta comunidade. Os

normies são percebidos como pessoas incapazes de compreender as dificuldades vivenciadas pelos celibatários involuntários, cujas tentativas de aconselhamento são muitas vezes percebidas como insultos que simplificam e minimizam seus sofrimentos. Isto amplia a sensação de isolamento dos *incels*, que creem que a rejeição e reações negativas de terceiros é a causa central de sua condição. Esta dificuldade de comunicação também reforça a posição solitária destes sujeitos, que passam a buscar contatos sociais dentro de sua comunidade, reforçando assim suas crenças e visão de mundo.

Høiland (2019), ao conduzir uma análise de narrativa acerca de postagens encontradas na *subreddit /r/Braincels*, observou cinco narrativas compreendidas como centrais para a visão de mundo *incel*, sendo elas: Sexo determina o valor de um homem; a aparência física é tudo, enquanto a personalidade não vale de nada; mulheres são inferiores aos homens; o feminismo exclui os homens; e a narrativa da solidão. Segundo a autora, os *incels* eram protagonistas de todas estas narrativas, ocupando nelas o papel de vítima, enquanto o papel de antagonista era ocupado prioritariamente pelas mulheres, mas também pelo feminismo, pelos homens liberais e os *Chads*. Ainda de acordo com a autora, a determinação do valor masculino através do sexo é a base da identidade deste grupo, fazendo com que as consequências do celibato involuntário os subjuguem à uma posição inútil. Seguindo a perspectiva *incel* de que as mulheres decidem com quem fazer sexo com base em suas necessidades biológicas, elas passam ter poder sobre “a coisa mais importante para o valor de um *incel*: sexo. Além disso, as mulheres não desejam dar-lhes acesso ao sexo, portanto, passam a ser suas inimigas” (Høiland, 2019, p. 92, tradução nossa).

Há uma valorização da própria categoria por parte dos *incels*, definindo-se, conforme amostras analisadas por Baele et al. (2019), como intelectualmente superiores e evoluídos, tendo capacidade de estabelecer relações por motivações mais complexas do que meramente aparência e desejo sexual. No entanto, também é possível verificar no discurso destes a existência de indicativos da percepção de si mesmos como indivíduos inferiores, com referência à sua aparência física. Este último aspecto denota que os *incels* têm ideias negativas tanto de si próprios quanto de outros grupos de indivíduos, embora tais ideias se contraponham a uma valorização, presente no discurso, do que é percebido como superioridade intelectual nos membros de sua comunidade - expressa enquanto características psicológicas e valores civilizados ausentes naqueles que estão alheios ao seu grupo (Baele et al., 2019).

Conforme Baele et al. (2019), na narrativa que une tais grupos é possível se entender que a organização patriarcal conservadora, que primava pela manutenção do casamento monogâmico era favorável a todos os homens e não só aos alfas, favorecendo a distribuição igualitária de mulheres em relacionamentos monogâmicos, nos quais estas possuíam menos

liberdade de escolha em relação a suas perspectivas de futuro. O feminismo e suas ideologias de independência feminina inverteram este quadro, dando ao sexo feminino o poder de escolha acerca das relações sexuais, nas quais predomina a tendência atribuída à biologia de buscar apenas os parceiros com genética dominante, agravando a marginalização dos *incels*. Os betas também são vistos enquanto culpados por este movimento, já que estes, ao se conformarem com a norma social afetada pelo feminismo, validam e asseguram a posição superior feminina. Assim, a visão de mundo dos *incels* se firma em uma narrativa que correlaciona seu grupo com as mulheres e outros grupos masculinos (alfas, betas) observando que tais grupos agem de forma a prejudicar sua existência, fazendo com que atualmente se encontrem em uma situação extrema de abstinência sexual (Baele et al., 2019).

Assim, conforme os autores supracitados, tais características estão associadas a uma visão de mundo extremista, em que a violência não é meramente aceita, mas também entendida como uma possível solução para o conflito que os *incels* enfrentam. Embora não se estabeleça correlação direta entre a visão de mundo *incel* e atos de violência, há indícios de que sua forma de compreender a realidade se vincula e tolera formas específicas de agressão: há manifestações diversas falando sobre revoltas e rebeliões que poderiam, em última instância, restaurar a monogamia e o patriarcado; mas a filosofia da pílula negra também leva muitos *incels* a entender tais discursos como uma forma escapista de lidar com a frustração, resignando-se à imutabilidade de sua condição e discordando que tais atos violentos viriam a mudar sua condição dos *incels*. Isso associa-se ao discurso observado acerca do suicídio, com muitos membros de fóruns mencionando o tema de forma irônica ou expondo pensamentos e desejos sobre o assunto (Baele et al., 2019).

Conforme mencionado, a violência e a força são aspectos importantes na noção de masculinidade hegemônica, e no caso dos homens que não conseguem alcançar os ideais impostos, alguns deles sentem-se no dever de provar sua masculinidade para a comunidade. O comportamento violento predomina em homens que se sentem merecedores de determinados privilégios - na ausência ou mudança que leve ao fim destes privilégios, estes indivíduos costumam responder de forma agressiva (Kalish & Kimmel, 2010). Estes autores, ao analisar tiroteios em massa que ocorreram em instituições de ensino americanas e tiveram grande repercussão midiática, concluem que alguns aspectos ligados à masculinidade contribuem para o desenrolar de episódios como estes, destacando nos casos analisados que todos os atiradores eram do sexo masculino e ao longo de sua trajetória educacional foram humilhados por indivíduos que eram vistos por eles mesmos como inferiores a si.

A sensação de injustiça pelas perseguições sofridas por não atender às expectativas acerca da expressão de sua masculinidade e a ausência de outras formas de afirmar uma

identidade de si mesmo encontra escape por meio da violência, entendendo assim que estes atiradores – ao contrário do observado em manchetes jornalísticas, que os retratam como anormalidades – eram excessivamente apegados à noção hegemônica de masculinidade, entendendo a violência como uma forma legítima de reagir ao tratamento vexatório, retribuindo àqueles que lhes causaram dor com a violência, traço considerado característico da masculinidade (Kalish & Kimmel, 2010; Shaw, 2019; Vito et al., 2018). Assim, entende-se como uma forma de privilégio ferido (*aggrieved entitlement*, em inglês), em que os indivíduos sujeitos a este sentimento particularmente masculino creem ter sido prejudicados por outrem, que merecem punição e que esta pode ser feita através da violência, entendida como uma resposta legítima e adequada (Kalish & Kimmel, 2010):

É a sensação de que todos aqueles benefícios que você acreditava serem seus por direito foram tirados de você por forças invisíveis maiores e mais poderosas. Você acredita ser o herdeiro de uma grande promessa, do Sonho Americano, que acabou se tornando uma fantasia impossível para aquelas pessoas que iriam herdá-la (Kimmel, 2003 como citado em Shaw, 2019, p. 189, tradução nossa).

Collins (2019) estabeleceu comparações entre a visão da comunidade *incel* sobre a feminilidade e o *serial killer* conhecido como Jack, o estripador, criminoso da era vitoriana. Neste período histórico as mulheres não tinham direito à propriedade e eram privadas dos meios de ganhar dinheiro, recebendo a possibilidade de exercer papéis influentes na esfera social e doméstica. As distinções marcadas dos papéis de gênero levavam à concepção de que, embora não fossem fisicamente superiores aos homens, elas eram moralmente distintas e mais puras, o que caracterizava a corte feita aos pretendentes pela exibição de talentos tipicamente femininos e a valorização da beleza e castidade. Tal organização social demandava que as mulheres buscassem um parceiro para garantir sua sobrevivência, o que implicava que elas não poderiam ser excessivamente criteriosas na escolha dos pretendentes.

A ideia de que a pureza feminina as tornava incólumes à luxúria implicava na repressão de expressões da sexualidade – o que dificultava um equilíbrio entre a moral casta das esposas e o desejo sexual de seus maridos. A sexualidade feminina estava a serviço da satisfação das necessidades masculinas e da procriação – e as vítimas escolhidas por Jack, o estripador, eram as prostitutas do sexo feminino que representavam o completo oposto do ideal feminino do século XIX. As prostitutas abriam mão voluntariamente de suas ‘virtudes’, e os crimes bárbaros de Jack, que lesionava e manipulava os corpos após os crimes de acordo com sua vontade, podem ser compreendidos como manifestações do entendimento de que o corpo feminino equivale a um espetáculo a ser apreciado pela sociedade ao invés de receber o reconhecimento pelo seu valor (Collins, 2019).

No caso dos *incels*, tal distorção e manipulação ocorrem no meio virtual, como pode-se observar pelas diversas postagens com imagens de mulheres e comentários depreciativos acerca delas. Pode-se interpretar tais comportamentos como tentativas de recuperar a autoridade sobre o corpo feminino, considerando que a frustração de tais indivíduos com o fracasso de suas habilidades românticas poderia ser mitigada se a responsabilidade pelas relações fosse exclusivamente feminina. Assim, pode-se observar três elementos da era Vitoriana presentes nas ideias misóginas que são perpetuadas atualmente por tais grupos virtuais: o entendimento de que o homem é naturalmente superior à mulher, a ideia de que a sexualidade feminina está necessariamente atrelada ao desejo masculino e deve servir a este, e a crença de que as mulheres têm alguma parcela de responsabilidade pelas transgressões morais e sexuais masculinas (Collins, 2019).

Farrell et al. (2019) constataram o aumento de discursos hostis e violentos acerca das mulheres na internet e que há um movimento reativo ao feminismo que apresenta características definidas pelos autores como estoicismo (a expressão da capacidade de suportar as dores e as dificuldades decorrentes da falta de beleza ou de intimidade) e distorção de narrativa (referências à opressão masculina causada pelas mulheres ou por outros grupos masculinos). O estoicismo elencado pelos autores enquanto categoria de análise é entendido como uma narrativa importante que envolve esta comunidade, sendo caracterizado por elementos que se aproximam da filosofia da pílula negra, comentada anteriormente.

Além disso, observa-se aproximações entre a manosphere e um movimento político da atualidade chamado *alt-right* (abreviação de *alternative right*, ou direita alternativa, em português). A *alt-right* se caracteriza por valorizar ideias misóginas e de supremacia branca em sua ideologia, bem como acredita no declínio da sociedade ocidental em termos de papéis e hierarquias tradicionais. Algumas teorias sobre este movimento atribuem sua gênese a uma ansiedade advinda da economia neoliberal, embora observe-se que seus correligionários dificilmente criticam os fundamentos do capitalismo liberal, tendo um enfoque combativo frente a questões culturais e sexuais. As transformações sociais ocorridas a partir da segunda metade do século XX afetaram as esferas econômica e cultural da sociedade, afetando a primazia do trabalhador ocidental do sexo masculino – afetado por fluxos migratórios que oferecem mão de obra barata e o processo de independência feminina. (Hunte, 2019; Shaw, 2019; Zimmerman et al., 2018).

Assim, cresce a necessidade para que este homem busque adaptar-se a um contexto de crescente instabilidade e novos trabalhos que podem confrontar a noção hegemônica e tradicional de masculinidade. Pode-se entender a *alt-right* como um movimento reacionário que visa o reestabelecimento dessa estabilidade que cercava a figura masculina, dado que esta

entende o feminismo moderno como extremamente vinculado à tais transformações sociais que resultaram no multiculturalismo e na busca pelo politicamente correto. Para aqueles que compartilham desta ideologia, a busca da inclusão de grupos com questões socialmente diversas e a crítica ao paradigma dominante é interpretada como um ataque à liberdade de expressão. Assim, embora a comunidade *incel* não esteja necessariamente afiliada à movimentos de violência e seus participantes não tenham uma identidade hegemônica, verifica-se muitas aproximações de sua filosofia com elementos antifeministas, misóginos e preconceituosos, cuja proposta é o reestabelecimento de uma visão fortalecida sobre a masculinidade hegemônica.

2 PROPOSTA METODOLÓGICA

Ao apresentar a pesquisa qualitativa como proposta metodológica norteadora do presente trabalho, faz-se importante uma discussão sobre os aspectos e implicações desta na coleta e interpretação dos dados acerca do objeto de pesquisa. Destaca-se que o termo qualitativo, neste caso, não expressa meramente uma forma de pesquisa oposta à perspectiva quantitativa, outrora predominante nas pesquisas realizadas nas ciências sociais. Neste caso, entende-se que a pesquisa chamada qualitativa possui pressupostos filosóficos norteadores distintos e métodos próprios, capaz de oferecer formas diferentes de acessar aspectos do objeto de pesquisa que são inacessíveis por outras formas.

De acordo com González Rey (2005), a diferença entre pesquisa quantitativa e qualitativa é epistemológica e não apenas metodológica, já que esta considera o objeto da pesquisa como um sujeito, dando a este o mesmo entendimento que dá ao indivíduo que ocupa o papel de pesquisador. Este entendimento é fundamental para a delimitação desta diferença epistemológica dado que o pesquisador, na posição de sujeito, passa a considerar suas ideias e impressões subjetivas como parte da pesquisa, ao invés de descartá-las como interferências na construção de um conhecimento objetivo da realidade - e, portanto, as impressões dos indivíduos pesquisados também passam a ser consideradas e analisadas. Para Morin (1998, como citado em González Rey, 2005), o conhecimento construído nas ciências sociais está intrinsecamente ligado à cultura, à história e à organização social, sendo determinado e produzido, e ao mesmo tempo, determinante e produtor – permitindo, assim, a desconstrução do princípio de objetividade, noção considerada essencial para a construção do conhecimento a partir dos fatos.

De forma contrária, as pesquisas orientadas pela epistemologia positivista buscam produzir conhecimento simplificando o objeto em variáveis, que são passíveis de serem analisadas em relação a outras variáveis - o que fomenta o desenvolvimento de um modelo de conhecimento que exclui tanto o pesquisador quanto o sujeito pesquisado de sua condição pensante, traduzindo seu conteúdo por meio de instrumentos previamente validados, cuja ideia de previsibilidade favorecia a construção de um conhecimento idôneo e objetivo. Já a epistemologia qualitativa possui três princípios, sendo eles: o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, o caráter interativo do processo de produção do conhecimento e a compreensão da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento (González Rey, 2005).

Tais princípios apresentam o conhecimento como algo constituído por mais do que mera soma dos fatos levantados a partir do emprego de técnicas e procedimentos. Há a necessidade

de dar sentido aos aspectos observados do objeto de estudo, fazendo com que o pesquisador integre e reconstrua os dados constatados, dando a estes uma interpretação que invariavelmente depende de si, do referencial teórico adotado e das especificidades e complexidade do sujeito estudado. Além disso, entende-se que o cenário principal da pesquisa qualitativa são as relações estabelecidas entre pesquisador e pesquisado, bem como as relações estabelecidas entre os sujeitos pesquisados, as nuances de sua comunicação e elementos imprevistos advindos desta interação entre sujeitos, valorizando sua singularidade e reforçando a ideia de que o conhecimento científico se legitima pela qualidade da expressão dos sujeitos, e não pela quantidade de indivíduos investigados, como se todos estes expressassem uma mesma realidade objetiva (González Rey, 2005).

Assim, o que se entende como metodologia qualitativa é um processo constante que considera a relação estabelecida entre pesquisador e sujeito/fenômeno pesquisado e os sentidos produzidos a partir desta relação, afetada por diversas nuances. A pesquisa deve considerar em seu método as características do objeto a ser estudado, bem como o papel da subjetividade do pesquisador na produção do saber. González Rey (2005) destaca que reconhecer o lugar da subjetividade na pesquisa científica pressupõe a superação de dicotomias comuns nos trabalhos em ciências humanas, tais como interno/externo e social/individual, e afirma que para compreendê-lo deve haver uma desconstrução do pensamento que permita ideias diferentes sobre a compreensão do psíquico em relação às já existentes.

2.1 A análise de conteúdo: estratégia metodológica e seus procedimentos

Roque Moraes (1999) apresenta a análise de conteúdo como uma estratégia metodológica desenvolvida no final do século XIX. Ainda que tenha sido utilizada em pesquisas orientadas pelo paradigma positivista, o autor observa que este método de pesquisa também oferece possibilidades para a exploração qualitativa de informações; e afirma que este serve para interpretar conteúdos presentes em diversos tipos de documentos, cuja análise possibilita o conhecimento de fenômenos e aspectos sociais que não são acessíveis por outras vias, centrando-se assim em materiais que contenham comunicação verbal ou não-verbal. Para Moraes e Galiazzi (2011), a pesquisa qualitativa neste contexto se utiliza de textos e busca compreender e reconstruir conhecimentos já existentes acerca do assunto escolhido, ao invés de testar hipóteses em busca de sua comprovação ou não.

A análise de conteúdo considera que uma fonte pode ser investigada dentro de múltiplas perspectivas, entendendo que um texto possui significados variados: deve-se levar em conta que diferentes leitores podem captar sentidos diferentes de um mesmo texto, que o autor

expresse sentidos inconscientes para si mesmo ou ainda que o leitor possa compreender um sentido que coincida com a ideia pretendida pelo autor do texto. Neste sentido, Moraes (1999) propõe que a análise de conteúdo se baseia sempre em uma interpretação, de maneira próxima à epistemologia da pesquisa qualitativa, escapando à perspectiva de neutralidade que dominou o paradigma da ciência psicológica em seu início. O autor ainda afirma:

O contexto dentro do qual se analisam os dados deve ser explicitado em qualquer análise de conteúdo. Embora os dados estejam expressos diretamente no texto, o contexto precisa ser reconstruído pelo pesquisador. Isto estabelece certos limites. Não é possível incluir, nessa reconstrução, todas as condições que coexistem, precedem ou sucedem a mensagem, no tempo e no espaço. Não existem limites lógicos para delimitar o contexto da análise. Isto vai depender do pesquisador, da disciplina e dos objetivos propostos para a investigação, além da natureza dos materiais sob análise (Moraes, 1999, p.12).

Para esta estratégia metodológica, deve-se ter em mente que a mensagem da comunicação é simbólica, e que a compreensão de seu contexto e conteúdos implícitos no texto é relevante para a realização de uma análise mais aprofundada.

Pode-se realizar a análise de conteúdo tendo diferentes objetivos, dando maior enfoque em aspectos diferentes como o emissor da mensagem; suas características e ideias propriamente ditas; o objetivo por trás de determinada comunicação; o receptor da mensagem e os resultados atingidos por determinada mensagem. Este trabalho irá, por meio dos conteúdos eleitos, realizar uma investigação centrada no sujeito que emite a mensagem, a partir de inferências realizadas a partir do material levantado, partindo da hipótese que tal material é uma representação de seu autor (Moraes, 1999).

Para a realização de uma análise de conteúdo, Moraes (1999) orienta os procedimentos a serem executados pelo pesquisador, que inicialmente deve selecionar produções sobre seu tema. Bardin (1979), ao apresentar este método, afirma que é muitas vezes necessário estabelecer o que ela chama de *corpus* - um conjunto de documentos que constitui as informações a serem trabalhadas pelo pesquisador – antes de proceder à análise.

Para o presente trabalho, o conteúdo a ser analisado foi encontrado em fóruns *on-line* entre março e junho de 2020, cujos endereços foram selecionados a partir de pesquisa utilizando como termo de busca *incel forums* no serviço de busca Google. Por meio dos resultados, foram encontrados três sites ativos com espaços dedicados a discussão do celibato involuntário⁴. Como critério para seleção, estabeleceu-se que as publicações selecionadas priorizariam as falas dos autores sobre si mesmos de forma explícita, como em relatos de experiência ou pedidos de ajuda. Para além do conteúdo disposto nas mensagens encontradas publicamente nos fóruns,

⁴ Os fóruns utilizados foram Incels.co (Cuja URL acessada na etapa de seleção de conteúdo - <https://incels.co/> - foi suspensa, atualmente encontrado em <https://incels.is/>), Incels.net (<https://incels.net/>) e Lookstheory (<https://lookstheory.org/forums/inceldom-discussion.7/>)

não houve possibilidade de estabelecer contato com seus autores, não sendo possível verificar a veracidade das informações encontradas acerca de suas identidades e histórias de vida. Contudo, para a finalidade da análise, levou-se em consideração que o material escrito corresponde à realidade psíquica do sujeito.

Oliveira & Ceccarelli (2015) apontam que nas relações estabelecidas pela internet há uma miríade de possibilidades oferecidas pelo anonimato, que pode contribuir para o surgimento de outros “habitantes da subjetividade” (p. 104). Assim, a fatualidade dos dados relatados, mesmo que não comprovada, não constitui obstáculo para a realização da investigação proposta, dada a possibilidade de acessar aspectos subjetivos latentes nestes indivíduos. Freud, em suas investigações acerca das neuroses, concluiu que a fantasia tem um papel decisivo no surgimento dos sintomas, sendo uma expressão do que está contido no inconsciente. Para o autor, “no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a decisiva” (1917/2014, p. 398).

Após realizada a delimitação do conteúdo, uma leitura atenta e meticulosa deve ser realizada, a fim de detectar e definir o que Moraes (1999) chama de unidade de análise, de registro ou de significado. As unidades de análise são recortes do discurso previamente selecionado, delimitados de acordo com o pesquisador, para serem identificadas e isoladas para a análise posterior. Este processo exige a reelaboração da mesma para que possa ser compreendida fora de seu contexto original, sem a necessidade de outras informações adicionais. O autor ainda destaca que há a perda de algumas informações do material, afirmando que a leitura de um texto implica sempre em um recorte feito pela perspectiva do pesquisador – no entanto, ao considerar que esta perda de informação existe, a mesma pode ser compreendida e justificada por favorecer um conhecimento mais aprofundado sobre o objeto da pesquisa.

Em seguida, os dados delimitados são categorizados, considerando seus elementos em comum – o que pode ser feito segundo critérios estabelecidos previamente, ou determinados conforme a análise vai sendo realizada. Seu intuito é sintetizar de maneira consistente os elementos destacados em categorias que devem ser válidas, exaustivas e homogêneas. Tal validade está diretamente relacionada aos objetivos da pesquisa, demandando que as categorias tenham utilidade e sejam significativas no processo de investigação. Da mesma forma, todo o material relevante para a pesquisa deve ser englobado por estas categorias, sendo classificado apenas em uma delas, que devem ser criadas com base em um único critério de classificação, garantindo assim a homogeneidade das mesmas (Moraes, 1999).

Foram selecionados quarenta e cinco tópicos dentre os três fóruns diferentes, priorizando aqueles que já haviam sido respondidos e cujos títulos sugerissem um ponto de

vista pessoal ou a narrativa de acontecimentos da própria vida do autor, em detrimento de discussões sobre temas políticos, acontecimentos externos ou tópicos de humor. Também foram descartados tópicos cujo conteúdo continha majoritariamente links externos, optando pelo enfoque nos textos produzidos para os fóruns no momento das postagens. Cada tópico foi sequencialmente categorizado por um número entre 001 a 045, e as unidades de análise foram selecionadas após a leitura das mensagens, destacando em diferentes unidades falas que tratavam de assuntos diferentes ou de autoria diferente, ainda que estivessem discutindo um mesmo tópico. Cada unidade de análise foi codificada por um número de três dígitos referente ao tópico ao qual pertence, seguida por uma letra de A até H – utilizada para separar as unidades em temáticas afins na etapa preliminar de leitura – e mais um número, que indicava as diferentes unidades de análise em um mesmo tópico. Na etapa de análise, os códigos se apresentam no formato 001-A1, sendo 001 a indicação de qual tópico se encontra a referida unidade de análise, e A1 representa que esta é a primeira unidade de análise deste tópico, associada ao grupo temático ‘A’, que congregava falas relacionadas à hostilidade.

As categorias de análise estabelecidas por meio dos procedimentos de leitura e unitarização do conteúdo são apresentadas no capítulo seguinte, divididas nas seguintes temáticas: a hostilidade presente no ambiente dos *incels*; sentimentos de solidão e exclusão; manifestações de vingança e violência; menções ao suicídio e sensação de desesperança; noções acerca do sexo, masculinidade e feminilidade e por fim, o senso de privilégio ferido.

Após esta etapa, utilizou-se da descrição para comunicar as observações feitas nos momentos anteriores, por meio de textos que resgatem o conjunto de significados obtidos a partir das unidades de análise, retomando o conteúdo original através de citações que garantam maior validade para a pesquisa. Tal etapa possui grande importância dentro da análise de conteúdo, já que é neste momento que se pode expressar aquilo que foi captado e intuído dos materiais analisados. A fim de buscar uma compreensão mais aprofundada, a pesquisa qualitativa, que se utiliza da análise de conteúdo, deve também fazer uso da interpretação (Moraes, 1999).

Os dados advindos da análise de fóruns que discutem temáticas propostas por indivíduos *incels* foram analisados e interpretados a partir da teoria psicanalítica. Para tanto, os referenciais psicanalíticos utilizados nessa etapa foram definidos *a posteriori*, a partir do levantamento nas postagens e nas categorias de análise. Considerou-se, para isso, a incipiência de produções científicas em geral, particularmente as psicanalíticas, sobre o tema, bem como a complexidade da teoria que, se utilizada *a priori* com a elaboração de uma fundamentação teórica, forçaria a uma interpretação prévia do fenômeno estudado, sem o devido cuidado de priorizar os dados para ver o que emergiria desse contato, após uma etapa de imersão que possibilitaria uma

análise mais apurada. Certamente que desde o contato inicial com o objeto desta investigação - durante o levantamento da literatura a respeito e a leitura de materiais visando selecioná-los - ocorreram associações livres de alguns conceitos que poderiam ser considerados pistas para posterior aprofundamento, mas não seria apropriado partir dessas associações preliminares e incipientes para propor uma fundamentação teórica, sem antes optar por utilizá-la a partir de um tratamento analítico dado às informações coletadas. Isso caracterizaria o desenvolvimento da pesquisa, segundo Moraes (1999), como baseado em um raciocínio indutivo – que parte essencialmente dos dados para construir as categorias de análise e aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno escolhido, ao invés de elaborar um teste de hipóteses característico de uma abordagem dedutiva-objetiva.

Conforme exposto, a temática dos *incels* – embora pouco explorada até o momento – foi eleita para o estudo por se organizar a partir dos meios virtuais de comunicação, uma nova dimensão do espaço que supera os limites geográficos, temporais e barreiras de acesso ao conhecimento, modificando as relações socioculturais entre indivíduos e trazendo como consequência transformações na noção identitária do ser humano enquanto representação de sua individualidade (Sakamoto & Souza, 2012). Assim, desperta-se o interesse de compreender a existência de tal fenômeno a partir dos conceitos psicanalíticos, de modo a ampliar o entendimento do assunto e contribuir para novas produções teóricas neste contexto.

3 UM PANORAMA SOBRE A TEORIA DE MELANIE KLEIN

Conforme explicitado previamente, a configuração metodológica que norteou esta pesquisa levou ao entendimento de que o referencial teórico a ser utilizado na etapa final de análise seria definido posteriormente à realização da análise de conteúdo, momento em que haveria maior conhecimento sobre o tema. Tal escolha se justifica por possibilitar a construção de hipóteses partindo de aportes teóricos mais apropriados para o objeto de estudo, capazes de oferecer contribuições mais elaboradas sobre diversos aspectos do fenômeno. Assim, a presente seção trata de uma revisão realizada em um momento cronologicamente posterior ao capítulo que a sucede, cuja apresentação se faz adequada a fim de facilitar a compreensão do desenvolvimento da pesquisa.

O material prevalente na análise de conteúdo conduziu à teoria de Melanie Klein como referencial psicanalítico eleito para o desenvolvimento do estudo. A obra desta autora desenvolveu-se a partir de seu trabalho realizado na análise de crianças, permitindo que esta tivesse contato com aspectos de um arranjo egóico mais primitivo e elaborasse novos conceitos teóricos, tendo como ponto de partida a psicanálise freudiana e algumas teorizações de Karl Abraham acerca da melancolia e dos desejos orais, expandido o entendimento psicanalítico acerca do desenvolvimento do psiquismo e seus estados patológicos. Klein apropriou-se das elaborações de Freud sobre a pulsão de morte – apresentadas de forma explícita em “Além do Princípio do Prazer” (1920/2010b), obra na qual o autor discorre sobre uma natureza conservadora das pulsões e um desejo ao retorno a um estado anterior das coisas, algo que produz uma compulsão à repetição de acontecimentos nos quais não haveria possibilidade de viver a satisfação. Tal compulsão leva à elaboração de teorias sobre a existência das pulsões de morte e de vida, que se opõem ao buscar, respectivamente, o retorno a um estado inorgânico de repouso e um prolongamento da vida e de agrupamentos.

Na construção da sua obra, a autora supracitada parte destas formulações para explorar a ideia de que nos primeiros momentos da vida do indivíduo há um montante intenso de forças que buscam destinos conflitivos: o princípio da constância deseja manter as tensões percebidas pelo indivíduo dentro de um nível adequado, enquanto as pulsões sexuais o levam à busca de satisfação, efetivamente garantindo a manutenção da vida do indivíduo. Este conflito perdura na vida psíquica do sujeito, e torna-se trabalho do ego manter as demandas dissonantes em equilíbrio. Klein (1948/1991b) também destaca que suas teorizações partem de um olhar diferenciado acerca do papel dos impulsos agressivos em relação ao exposto por Freud e a noção vigente na psicanálise até então – ao estabelecer uma investigação acerca da ansiedade, o trabalho kleiniano pressupõe que tal fenômeno se relaciona com a agressividade e passa a

considerá-lo como uma manifestação pulsional merecedora de tanta atenção quanto a libido. Ela entende que na situação do nascimento há predominância da pulsão de morte, movida pelas angústias e necessidades vividas pelo infante nessa fase de vulnerabilidade e desestruturação, decorrente do rompimento da unidade mãe-bebê. Nesse sentido, os primeiros meses do recém-nascido são descritos pela autora como uma ocasião que mobiliza diversas defesas psíquicas para conter os sentimentos negativos advindo do desamparo frente a sensações como fome, frio e medo da morte, que provocam ansiedades e perturbações no mundo interno da criança, ainda sem recursos psicológicos para manter-se tranquila diante destas insatisfações. Com isto, nesta etapa de grandes necessidades, faz-se fundamental a figura da mãe, ou outra pessoa que esteja disposta a dar-lhe cuidados irrestritos (Klein, 1935/1996a).

Inicialmente, a mãe é compreendida pelo bebê apenas de forma parcial: está presente quando oferece o seio a seu filho, sendo um seio que proporciona gratificações orgânicas e psíquicas, satisfazendo sua fome ao mesmo tempo em que é sugado e oferece prazer oral para o bebê; e é representada como um seio ausente quando, por algum motivo, é incapaz de satisfazer as necessidades que surgem nessa criança, deixando-a à mercê de suas ansiedades insatisfeitas e terrores iniciais. Esta percepção limitada dá origem aos conceitos de objeto bom e mau, notoriamente simbolizados pelas figuras do seio bom e do seio mau. Para o infante, o objeto que lhe satisfaz e aquele que se nega a fornecer cuidado são distintos, e sua integração em uma única figura só pode se dar após uma maior estruturação da criança. Assim, as primeiras etapas da vida psíquica são marcadas pela existência destes dois objetos que representam aspectos antagônicos e que são os elementos iniciais das relações infantis (Klein, 1936/1996b). Os conceitos elaborados pela autora serão apresentados de forma mais detalhada no início do presente capítulo, acompanhando uma discussão da teoria correlacionada com a análise feita sobre a trajetória dos *incels*.

3.1 Os desdobramentos das primeiras experiências de ansiedade

Conforme mencionado, a autora inglesa Melanie Klein desenvolveu novos conceitos psicanalíticos partindo da teoria freudiana, buscando elucidar aspectos sobre o psiquismo de crianças pequenas que demandavam atenção clínica. Um aspecto inovador, e que difere suas formulações do trabalho psicanalítico existente até então, é o enfoque dado à pulsão de morte e suas consequências no desenvolvimento psíquico desde a primeira infância, pensando na agressividade como algo além de um acessório da libido e aproximando-a de manifestações de ansiedade observadas no início da vida (Klein, 1948/1991b, 1937/1996c).

Para compreender a teoria desta autora, é importante pensar no desenvolvimento do bebê, buscando realizar uma análise dos estados iniciais do sujeito. Este início da vida é marcado pela existência de ansiedades e emoções fortes que tendem ao extremo, acompanhadas por manifestações fantasísticas primitivas, que servirão de base para as construções objetais e relações futuras do indivíduo. Muitas destas fantasias e desejos de caráter positivo e negativo que se apresentam na infância não podem ser satisfeitos – alguns são barrados por razões práticas e podem encontrar uma satisfação na maturidade do indivíduo, enquanto outros são irrealizáveis, devido à natureza contraditória dos desejos que se estabelecem a partir do inconsciente. Além disso, neste período também é possível perceber a utilização de mecanismos psíquicos de introjeção e projeção, nos quais se incorporam objetos tidos como “bons” e “maus” pelo infante – que futuramente contribuirão na construção do superego e do Complexo de Édipo (Klein, 1946/1991a, 1937/1996c).

Para a autora (Klein, 1946/1991a), o ego arcaico que está estabelecido neste momento inicial da vida do indivíduo possui uma tendência à não-integração, ainda que possa alternar para estados mais coesos. Este estado de não-integração é reforçado pela existência excessiva da ansiedade que decorre da pulsão de morte, que por sua vez gera um temor pela possibilidade de ser aniquilado ou perseguido pelos objetos. Klein (1948/1991b) observa que, na infância, a ansiedade decorre da excitação libidinal insatisfeita, e seu principal conteúdo arcaico é a sensação de perigo vivida pelo bebê de que suas necessidades não serão atendidas.

Os objetos mencionados como parte dos processos de introjeção e projeção realizados pela criança são estabelecidos a partir de um protótipo encontrado na realidade: o seio materno, digno de elevada importância por oferecer ao recém-nascido o alimento que satisfaz sua fome e garante sua sobrevivência. A alimentação no peito da mãe, além de sua importância biológica, também oferece à criança a possibilidade de encontrar sua primeira experiência de gratificação oral psíquica no ato de sugar e no contato com a genitora – nestas circunstâncias, a percepção inicial sobre o seio é de que este é um objeto bom, dotado de qualidades desejadas e capaz de afastar do bebê estados desagradáveis de ansiedade e tensão, bem como possuidor de paciência, criatividade e bondade inexauríveis (Klein, 1957/1991d, 1937/1996c).

Este contato entre mãe e bebê compreende as experiências primárias de alívio frente a vivências dolorosas, tais como estados de fome, dor e medo; gerando assim uma sensação de segurança. Contudo, outras situações podem promover uma percepção contrária: a ausência materna em um momento de necessidade, assim como sua presença excessiva e intrusiva ou dificuldades no momento da amamentação podem fazer com que o seio seja vivenciado como um objeto “mau”, capaz de causar ou agravar a ansiedade e provocar ainda mais sofrimento. Inicialmente, na fantasia infantil, Klein menciona que a frustração é sempre percebida como a

privação de algo por parte de alguém, fazendo com que os estímulos negativos experienciados sejam ligados ao objeto hostil, e as experiências prazerosas atribuídas de forma análoga ao objeto bom (Klein, 1936/1996b, 1937/1996c).

A percepção do seio como um objeto mau não se dá apenas por conta das frustrações as quais o infante é submetido: ela também deriva da projeção de conteúdos agressivos que se originam na criança e são depositados no seio, transformando-o em uma imago (uma imagem psíquica distorcida e fantasiosa que parte de um objeto existente na realidade) bastante perigosa, garantida da capacidade de ferir, destruir e atacar. Tanto o objeto bom quanto o mau passam, assim, a existir na realidade interna da criança e, neste cenário, faz-se necessário o uso de defesas psíquicas contra objetos perseguidores e o estado de ansiedade. No caso das fantasias destrutivas, estas são equivalentes a desejos de morte: a sensação de ter aniquilado os maus objetos tem efeitos importantes para o desenvolvimento psíquico do indivíduo, mobilizando fantasias e mecanismos defensivos.

Melanie Klein (1935/1996a) menciona como defesas a projeção e a expulsão, bem como a escotomização – a negação da realidade psíquica, um dos mecanismos mais remotos disponíveis. Tais recursos defensivos podem ser mobilizados por circunstâncias diversas, capazes de originar estas sensações angustiantes para a qual o sujeito carece de ajuda. Sobre esta temática, Klein (1946/1991a, 1948/1991b) também afirma que a ansiedade está presente no sujeito desde o início de sua vida pós-natal, decorrente da pulsão de morte e traduzida em medo da morte por aniquilação e temor de possíveis perseguidores. A percepção da experiência do nascimento como um evento doloroso acentua a pulsão de morte e promove a visão de que o mundo interno seja percebido como algo hostil. Para manejar este sentimento aflitivo, o ego arcaico utiliza-se de recursos defensivos para livrar-se da ansiedade e do ódio vivenciados internamente. Caso, na vida adulta, a capacidade de tolerar esta ansiedade não seja suficiente, o ego pode retornar ao uso excessivo de algumas defesas, ou recorrer a mecanismos defensivos mais primitivos, com consequências desfavoráveis ao ego (Klein, 1957/1991d).

A autora também explica que a projeção deriva da deflexão da pulsão de morte para o mundo externo, o que auxilia o ego a se livrar da ansiedade ao se afastar de situações ameaçadoras (Klein, 1946/1991a). No caso da projeção, esta corresponde à atribuição do ódio sentido pelo próprio bebê ao objeto mau, enquanto a introjeção diz respeito ao processo de absorver aquilo que é apreendido do mundo externo. No início da vida, o bebê recebe seu alimento por via oral e é pela boca que ele começa a conhecer a realidade que o envolve – e nesta atividade, passa a fantasiar que retém em seu interior seu primeiro objeto de desejo – o seio da mãe, em seus aspectos bons e maus (Klein, 1936/1996b).

Processos de cisão também são empregados para dispersar a ansiedade que sobrecarrega o ego arcaico (Klein, 1946/1991a). Inicialmente, o conceito de clivagem ou *splitting* surge na obra freudiana em num artigo intitulado “A cisão do Eu no processo de defesa”, em que Freud (1940/2019) fala sobre os conflitos que perturbam o psiquismo diante da impossibilidade de satisfazer seus desejos e necessidades frente a obstáculos colocados pela realidade, e aponta que o ego infantil, frente a uma situação como esta, pode buscar solucionar seu dilema buscando atender a ambas as necessidades ao mesmo tempo, utilizando-se de “reações opostas, ambas válidas e eficazes” (Freud, 1940/2019, p. 217) – entretanto, tal saída é obtida a custo de uma cisão no Eu.

Este movimento de divisão está ligado à recusa de certas circunstâncias, que tem como seu protótipo a castração. Seu funcionamento não é exatamente o de uma defesa do ego, pois busca a coexistência de dois processos diferentes de defesa, um ligado à recusa exigida pela realidade e outro voltado para a pulsão. Laplanche e Pontalis (2001) falam a este respeito: “com efeito, uma das particularidades deste processo é não levar à formação de um compromisso entre as duas atitudes em presença, mas mantê-las simultaneamente sem que entre elas se estabeleça relação dialética” (p. 67). Tal processo tem consequências, apontadas por Freud (1940/2019) como uma fissura egóica que avança ao longo do tempo.

Dando sequência ao trabalho freudiano, Melanie Klein (1935/1996a) também abordou a temática da clivagem em seus estudos, analisando o processo de clivagem do objeto. Para esta autora, a cisão faz com que o bom e o mau objeto, introjetados pelo bebê, mantenham-se apartados no início de sua vida psíquica, e esta separação contribui para a preservação do objeto bom ao longo do desenvolvimento, favorecendo as tendências integradoras do ego.

Para além da separação entre um seio bom e um mau, as fantasias sádicas do bebê fazem-no sentir que ao ter contato com o objeto mau, ele está internalizando algo fragmentado, em pedaços. O seio bom – que é percebido como inteiro – serve como um ponto focal no ego, balanceando os processos de cisão e dispersão, tendo grande importância para a construção do ego. Klein (1946/1991a) crê que tais cisões na relação com os objetos promovem processos correspondentes no próprio ego, que pode então fragmentar-se em correspondência ao objeto mau interno – um estado de fragmentação que se caracteriza por sua transitoriedade no desenvolvimento normal, e que pode estar associado a estados de despersonalização ou esquizofrenia, caso se apresentem por mais tempo, ou em maior intensidade do que possa ser suportado pelo indivíduo. Ainda que tais processos ocorram apenas em nível de fantasia, seus efeitos podem afetar o sujeito, ao acarretar o isolamento entre sentimentos e processos de pensamento no futuro.

Outros recursos utilizados para sobreviver a esta ansiedade inicial incluem mecanismos como a onipotência, a idealização e a negação: mecanismos associados a estados maníacos, e que em graus menores se fazem presente em todos os sujeitos (Hinshelwood, 1992). A onipotência é característica comum a estes movimentos defensivos, baseando-se na negação – que por sua vez, pode ser definida como um apagamento de parte da percepção da realidade, ou de partes do psiquismo. Assim como outros mecanismos característicos deste período inicial do desenvolvimento, a onipotência vincula-se a uma atividade defensiva precoce e com características violentas, na qual o ego luta contra ansiedades psicóticas. Tais mecanismos contribuem para proteger o indivíduo da dor de vivenciar a dependência e das consequentes rupturas que se estabelecem futuramente na relação com o objeto de amor, mas podem favorecer a gratificação sádica obtida ao triunfar por meio de um controle onipotente sobre o objeto – fazendo com que a intensidade desta gratificação possa converter os objetos novamente em perseguidores (Hinshelwood, 1992).

A negação também contribui para a idealização, atuando ao obliterar partes más do objeto alvo, produzindo assim uma figura ilibada que corresponde ao conceito de objeto ideal. Inicialmente, a idealização minimiza a ocorrência de estados confusionais, em que desejos destrutivos são direcionados aos objetos bons, permitindo o rompimento de círculos viciosos de caráter bastante persecutórios nas relações com objetos hostis. Mas a perfeição resultante da idealização também pode evocar o retorno dos sentimentos persecutórios ao contribuir para a percepção do objeto real como algo danificado e perigoso, contribuindo assim para a manutenção dos mecanismos primitivos de defesa (Hinshelwood, 1992).

Melanie Klein (1946/1991a) completa ao frisar que estes mecanismos defensivos citados tem uma importância para os estágios iniciais do ego, que pode ser comparada ao papel da repressão nas etapas subsequentes do desenvolvimento psíquico, já que agem em defesa dos excessivos sentimentos persecutórios que caracterizam este momento inicial na vida do sujeito. A cisão estabelece uma ligação entre os sentimentos amorosos e o seio bom durante os estados de satisfação, e vincula de forma análoga os sentimentos odiosos e ansiedades persecutórias ao seio frustrador nas vivências de insatisfação. A idealização está vinculada ao processo de cisão, dado que esta atua para que os aspectos positivos do objeto sejam amplificados como um recurso de proteção contra o mau objeto perseguidor (Klein, 1935/1996a).

Observa-se a presença destes recursos na situação infantil da gratificação alucinatória, na qual ocorre esta separação entre objeto perseguidor e objeto idealizado, em um processo que nega sua existência e as consequentes situações aflitivas e sentimentos dolorosos. Este estado se mantém através da negação da realidade psíquica, que por sua vez só se torna possível por meio de sentimentos onipotentes, bastante presentes nas organizações mentais primitivas. Ao

atingir este estado de negação da realidade, o inconsciente estabelece a equivalência do desaparecimento do objeto mau e da ansiedade com a sua aniquilação pelo impulso destrutivo, estendendo a mesma aniquilação para a relação com o objeto mau e a parte correspondente do ego, da qual partem os sentimentos para com este (Klein, 1935/1996a).

Assim como os recursos citados, o sujeito também pode recorrer à projeção e a introjeção como forma de evitar o contato com tais ideias. Tanto a projeção quanto a introjeção são recursos utilizados pelo ego nos momentos iniciais da vida infantil, e possuem importância fundamental no estabelecimento de uma personalidade bem-estruturada. Melanie Klein (1948/1991b) explica que a projeção deriva da deflexão da pulsão de morte para o mundo externo, e assim auxilia o ego a se livrar da ansiedade ao se afastar de situações ameaçadoras. No caso da projeção, esta corresponde à atribuição ao mau objeto do ódio advindo do próprio bebê, enquanto a introjeção diz respeito ao processo de absorver aquilo que é apreendido do mundo externo. No início da vida, o bebê recebe seu alimento por via oral e é pela boca que ele começa a conhecer a realidade que o envolve – e nesta atividade, passa a fantasiar que retém em seu interior seu primeiro objeto de desejo – o seio da mãe, em seus aspectos bons e maus (Klein, 1936/1996b).

Conforme definida por Laplanche e Pontalis (2001), a projeção “aparece sempre como uma defesa, como a atribuição ao outro . . . de qualidades, de sentimentos, de desejos que o sujeito recusa ou desconhece em si” (p. 376), em que “trata-se sempre de rejeitar para fora o que se recusa reconhecer em si ou o que se recusa ser” (p. 379). O termo carrega sentidos diferentes na definição dada por Hinshelwood (1992), podendo explicar a externalização da pulsão de morte, a ejeção de um objeto interno percebido como mau e ansiógeno, ou uma forma de externalização de conflitos, observada em determinadas ações, como por exemplo a brincadeira infantil. Trata-se, portanto, de um processo psíquico em que o sujeito se encontra frente à grandes quantidades de tensão para a qual não existe a possibilidade de se proteger – tensões advindas do mundo interno do indivíduo, para as quais não existem barreiras similares às que contém as excitações advindas do mundo externo. Nestas condições, a possibilidade de projetar tais excitações em um objeto que esteja supostamente além das fronteiras do eu torna-se uma forma de se defender deste excesso percebido como desagradável, reduzindo assim a sensação de ansiedade.

Hinshelwood (1992) ainda menciona, ao definir projeção, que a concepção mais tradicional do termo está associada à projeção de partes do *self*. Neste caso, Klein (1935/1996a) faz uso do termo identificação projetiva para se referir a este movimento de atribuição de estados mentais desagradáveis do indivíduo a outras pessoas, negando a percepção originária destes estados em si. A criança realiza ataques de natureza oral (com o intento de sugar, escavar

e exaurir o seio bom de suas qualidades) e anal-uretral (excretar elementos nocivos no objeto) e, em conjunto com estes conteúdos nocivos, também são colocadas partes excindidas do ego tidas como más, cujo papel é danificar o objeto e também tomar posse deste, tornando-se assim o *self* mau. Esta projeção contra a mãe do ódio que originalmente se direciona para partes do *self* leva a esta forma particular de identificação.

Nesta dinâmica, partes boas do ego também são expelidas e projetadas para dentro de outras pessoas, ocasionando uma identificação baseada na projeção que, neste caso, permite que o bebê construa boas relações de objeto e integre seu ego. Contudo, se este movimento projetivo é utilizado em demasia, os aspectos bons da personalidade são sentidos como perdidos e a mãe passa a ser tida como o ideal de ego, gerando uma situação de dependência e enfraquecimento egóico. Neste cenário, a introjeção de objetos bons também é perturbada, pois o ego tem dificuldade de assimilá-los e pode se sentir controlado por eles (Klein, 1946/1991a).

A projeção de um mundo interno predominantemente hostil, regido por medos persecutórios, leva à introjeção – a um retomar para si – de um mundo externo hostil, e vice-versa, a introjeção de um mundo externo hostil e distorcido reforça a projeção de um mundo interno hostil (Klein, 1946/1991a, p. 30).

Ao considerar a identificação projetiva como mecanismo integrante dos recursos psíquicos disponíveis para o infante, faz-se relevante citar a elaboração de Bion (1959, como citado em Hinshelwood, 1992) sobre a existência de uma identificação projetiva normal e outra patológica. A primeira se desenrola mantendo o contato com a realidade interna e externa, enquanto a segunda se dá com violência e sentimentos onipotentes, causando uma confusão entre o *self* e o objeto e a sensação de perda da identidade.

Ao analisar o início da vida psíquica do indivíduo, destaca-se que o uso destes mecanismos apresentados possui importância central tanto para o desenvolvimento saudável e adaptativo do sujeito, quanto no surgimento de relações de objeto patológicas (Hinshelwood, 1992). O desenvolvimento infantil se baseia no uso de mecanismos de introjeção e projeção, acolhendo e expulsando de si objetos bons e maus, em um movimento que vai gradativamente permitindo a construção de uma identidade, e o desenvolvimento desfavorável está vinculado ao excesso de ansiedades e do uso de defesas em seu manejo (Klein, 1946/1991a). A figura materna – inicialmente a primeira relação reconhecida pelo bebê – funciona como protótipo para estas construções, que são entendidas como benéficas quando surgem oferecendo a satisfação para o bebê e más quando se furtam à criança, deixando-a à mercê da aflição decorrente de suas necessidades insatisfeitas. Esta elaboração inicial decorre de um ego arcaico que inicialmente não é estruturado e tem como característica uma percepção parcial e cindida

da mãe, em que os sentimentos de amor e ódio associam-se a objetos exclusivos (Hinshelwood, 1992; Klein, 1946/1991a, 1935/1996a).

3.2 A integração do objeto: Ansiedades paranoides e culpa depressiva

Melanie Klein caracteriza como esquizoides as relações de objeto que se desenrolam baseadas no uso excessivo das defesas apresentadas acima, dado que a cisão e a projeção em demasia fazem com que a pessoa alvo dos mecanismos seja, na verdade, percebida como um perseguidor. Estas relações também possuem características narcisistas, já que os processos projetivos e introjetivos partem de frações do *self* que o indivíduo tenta manejar (Klein, 1946/1991a).

Tais relações esquizoides podem se manifestar em diferentes momentos da vida, porém são particularmente características do desenvolvimento inicial. Em seu trabalho teórico, Melanie Klein propôs o termo posição para se referir a determinados estados mentais que se manifestam durante o desenvolvimento psíquico, destacando a posição esquizoparanóide e a posição depressiva, que gradativamente adquiriram importância central em sua obra.

A chamada posição esquizoparanóide é estabelecida pela ansiedade que se manifesta no início da vida psíquica, que contribui para uma ameaça de fragmentação ao psiquismo do indivíduo e efetivamente produz separações que se apresentam com maior ou menor profundidade em cada sujeito, sendo que tal estado de despedaçamento está relacionado com o trabalho da pulsão de morte que se manifesta desde o princípio da vida (Klein, 1948/1991b). O desenvolvimento desta noção, para Klein, partiu de outras contribuições sobre a existência de estados esquizoides e processos de cisão. Estes estados esquizoides favorecem o estabelecimento de objetos internos que posteriormente contribuirão para as relações adultas, mas a ocorrência de medos persecutórios excessivos pode prejudicar a elaboração desta posição esquizoparanóide, causando dificuldades também no transcorrer da posição depressiva (Hinshelwood, 1992).

Ainda de acordo com a teoria kleiniana (Hinshelwood, 1992), o conflito decorrente dos sentimentos de amor e ódio que passam a ser compreendidos como sentidos em relação a um mesmo objeto, levam a um estado de tristeza intensa, chamado por Klein de posição depressiva. A partir do desenvolvimento infantil – que oferece ao infante maiores condições de reconhecer que as percepções cindidas de seu primeiro objeto diziam respeito a uma mesma pessoa – a criança passa a entender o perigo que seu objeto bom corre, sendo ameaçado ou danificado pelos ataques sádicos que direcionou ao objeto mau. Isso leva a um maior esforço para reforçar

o aspecto positivo do vínculo com o objeto total, demandando um uso maior de defesas, incluindo as de cunho esquizoide (Hinshelwood, 1992; Klein, 1935/1996a).

Esta mudança se dá entre os quatro e seis meses de vida, na qual o objeto é visto sob uma perspectiva mais realista e que favorece o surgimento de preocupações – já que o antigo objeto idealizado e excepcional deixa de existir e dá lugar a uma figura mista, que apresenta sua bondade em associação com aspectos hostis, dando a impressão de estar danificado de alguma forma. Esta consciência pode ser equiparada à vivência de um luto pelo adeus do objeto antigo e perfeito, e tal mudança pode dar origem a muitas fantasias para tentar compreender este fenômeno – o objeto pode ter perdido sua bondade, ou ter sido contaminado ou machucado pelos impulsos agressivos (Hinshelwood, 1992). Com isso, a criança recorre aos sentimentos conhecidos em busca de uma explicação, levando a uma sensação de angústia e responsabilidade pelo ocorrido. A ansiedade decorrente de perceber um dano neste objeto internalizado promove uma identificação com o objeto, o que leva a tentativas do ego de reparar o objeto ou diminuir sua agressividade frente à figura internalizada (Klein, 1952/1991c).

Pode-se entender o que acontece neste período como a percepção de que os objetos infantis adquirem independência, causando uma diminuição da onipotência infantil e uma ferida egóica diante da constatação que o lugar do eu é menor do que se acreditava no mundo que se conhece, e que os objetos entram e saem independente das vontades do indivíduo (Hinshelwood, 1992). Esta ansiedade depressiva é crucial para que, futuramente, o indivíduo consiga estabelecer vínculos afetivos maduros, nos quais possa pensar em seus objetos de forma generosa e altruísta. Na posição depressiva, o sujeito consegue amar o objeto mesmo apesar de suas partes hostis, enquanto na posição esquizoparanóide as partes más fazem com que o objeto seja transformado em um perseguidor (Klein, 1952/1991c).

Observa-se que, a princípio, o infante apresenta reações sádicas para com os seus objetos, um estado derivado da fusão de sentimentos e fantasias de natureza agressiva e gratificante. Melanie Klein (1936/1996b) afirma que a ocorrência de um desenvolvimento psíquico saudável depende de que o bebê tenha suas experiências aflitivas atenuadas e vivencie situações que o ajude a se adaptar a elas, o que contribuiria para a diminuição de suas fantasias assustadoras. Neste cenário, a criança teria maior facilidade em se adaptar à realidade, estabelecendo mais favoravelmente uma imagem integrada das pessoas ao seu redor ao longo de seu desenvolvimento. Já circunstâncias externas que afetem a relação com o objeto externo teriam a capacidade de provocar abalos na relação com o objeto interno, o que remete às observações freudianas sobre a melancolia que se estabelece devido à consciência da perda de um objeto amado – em que sentimentos ambivalentes que tendem ao ódio transformam o objeto

interno em um perseguidor com quem uma relação anormal é estabelecida (Hinshelwood, 1992).

As defesas mobilizadas nas situações primárias de ansiedade são apontadas nos escritos de Klein (1935/1996a) como presentes no fundamento das paranoias, que têm como objetivo eliminar os objetos persecutórios. Com o passar do tempo, em torno do segundo trimestre de vida, o ego se torna mais organizado e as imagos existentes aproximam-se da realidade, o que permite uma maior identificação egóica com os objetos bons – e faz com que este também passe a ser passível de ser perseguido pelos objetos maus. Neste momento, a preservação do objeto bom é entendida como necessária para a sobrevivência do sujeito – a identificação que se estabelece contribuirá para a capacidade de ter atenção para com o próximo e sentir um amor forte e real pelos outros (Klein, 1935/1996a, 1937/1996c).

Klein (1935/1996a) também destaca que nesta situação há uma mudança importante no psiquismo: as relações de objeto, que anteriormente eram parciais, passam a tornar-se relações com objetos totais, nos quais o lado bom e mau possui uma integração maior. Gradativamente, o bebê vai se aproximando da elaboração da posição depressiva, ainda que as defesas esquizoides e ansiedades de caráter paranoide continuem sendo elaboradas e reelaboradas ao longo dos primeiros anos de vida, tornando difícil traçar uma linha clara que separe estes dois momentos do desenvolvimento. Este movimento leva a uma mitigação das ansiedades e maior unificação do ego, que passa a perceber os objetos de forma menos idealizada ao ser capaz de se adaptar melhor à realidade (Klein, 1946/1991a). Esta modalidade de relação permite que seja vivida a perda do objeto amado, pois este “só pode ser amado como um todo no momento em que sua perda seja sentida como um todo” (Klein, 1935/1996a, p. 306).

Este estado de perda abre um estado de vivência de novas ansiedades, que consequentemente afetam os mecanismos de defesa utilizados. Há também uma mudança na libido, já que a ansiedade inicial de que os objetos maus já destruídos se tornem fontes de perigo dentro de si leva a uma desconfiança dos objetos incorporados, provocando um enfraquecimento dos desejos orais. Melanie Klein (1935/1996a) distingue em sua obra dois tipos de ansiedade: a paranoide, ou persecutória; e a depressiva. Tais ansiedades permanecem acompanhando o desenvolvimento do indivíduo – mesmo nas pessoas consideradas normais, nas quais os mecanismos esquizoides e paranoides existem mesmo excindidos do *self* – e diferem entre si: as ansiedades persecutórias advêm do temor pela aniquilação do ego; enquanto a ansiedade depressiva possui um caráter mais complexo e também teme pela destruição do ego e de seu objeto, mas é acrescida do temor pelo dano feito aos objetos amados, manifestando o receio em não conseguir proteger o objeto bom apesar de seus esforços contínuos (Klein, 1952/1991c, 1935/1996a).

Com a identificação com o objeto bom, há a presença de amor e do desejo de incorporar esse objeto, reforçando por sua vez a introjeção como mecanismo de defesa – ainda que este objeto benevolente não seja percebido de forma consciente, passa a ser sentido “como algo dentro da personalidade que tem a natureza da bondade e da sabedoria” (Klein, 1936/1996b, p. 334), oferecendo ao indivíduo uma maior capacidade de confiar em si e superar o temor de perder o controle diante dos próprios sentimentos odiosos. As antigas defesas paranoides ainda persistem, mas sofrem progressivas modificações devido ao estabelecimento de uma relação diferente entre o ego e seus objetos.

A vivência da perda objetal neste momento do desenvolvimento psíquico se dá pela incapacidade de manter o objeto bom internalizado, o que pode ocorrer por influência dos medos e ansiedades paranoides dos perseguidores. Conforme o desenvolvimento do ego avança e este introjeta o objeto de forma completa, sua relação com o mundo externo e as pessoas torna-se mais elaborada e isso torna evidente a extensão desastrosa dos ataques sádicos realizados anteriormente (Klein, 1935/1996a). Esta capacidade de integrar o objeto permite reconhecer que as defesas empregadas contra a ansiedade paranoide o deixaram danificado, e tal reconhecimento dá origem a sentimentos de remorso e desespero, além da ansiedade (Klein, 1935/1996a). A autora afirma:

Em minha opinião, só quando o ego introjeta o objeto como um todo e estabelece uma relação melhor com o mundo externo e as pessoas reais é que ele percebe o desastre criado pelo seu sadismo e principalmente pelo seu canibalismo. Só então ele sofre por causa disso (Klein, 1935/1996a, p. 311).

De forma sintética, pode-se explicar a ansiedade depressiva como resultante da síntese entre os desejos sádicos e amorosos diante de um objeto único, decorrente da percepção da potencial capacidade danosa promovida por esta justaposição de afetos. O estabelecimento deste tipo de ansiedade está correlacionado com o aparecimento da culpa, conceito definido por Klein como um sentimento que surge pela compreensão de que a agressividade do sujeito causa dano ao objeto amado. Em seu trabalho intitulado “Sobre a Teoria da Ansiedade e da Culpa”, Klein (1948/1991b) aponta a teoria freudiana de que o sentimento de culpa se origina a partir do complexo de Édipo, embora alguns trechos encontrados em outras passagens da obra de Freud definam este sentimento como a expressão do conflito ambivalente entre as pulsões de vida e morte, compreendendo a culpa como uma agressividade que passa a ser suprimida e manuseada pelo superego – o que poderia situar sua origem num momento anterior do desenvolvimento. Melanie Klein parte deste segundo posicionamento que encontra na obra do referido autor para traçar associações que situariam a origem deste sentimento na vivência das

ansiedades persecutórias da posição esquizoparanóide e a consciência dos ataques danosos realizados ao objeto (Klein, 1948/1991b).

A integração dos objetos parciais altera a relação que se estabelece com o objeto, à medida em que este passa a ser compreendido como vítima dos ataques sádicos feitos ao objeto mau. Surge o entendimento de que a maldade atribuída ao objeto derivava da agressividade do infante e suas projeções, e com ele, culpa e medo pela ideia de ter danificado o objeto bom. A consciência de tais ataques leva, assim, ao surgimento da culpa característica da posição depressiva, mas pode também fornecer alívio e esperança à medida que transmite inconscientemente ao indivíduo o entendimento de que o objeto internalizado não era tão mau quanto parecia ser (Klein, 1957/1991d). Ainda segundo a referida autora (Klein, 1937/1996c), algumas pessoas carecem excessivamente de manifestações afetivas como uma forma de obterem provas e se reassegurarem de que são dignas de amor, buscando se proteger de um temor inconsciente de que possam fracassar em conter seus impulsos agressivos e se tornarem perigosos para aqueles que amam.

Há outro mecanismo defensivo que surge a partir deste momento no desenvolvimento e do surgimento do sentimento de culpa, chamada da capacidade de fazer reparação. Esta decorre de uma maior capacidade de percepção da realidade psíquica e capacidade de sintetizar os acontecimentos. De acordo com Klein (1935/1996a), surge não somente como uma formação reativa, mas como uma tentativa de promover uma restituição ao objeto por conta dos ataques que lhe foram infligidos, agora que consegue se identificar com ele. A autora citada também menciona que sentimentos de amor são despertados na criança pequena desde o início, em resposta aos cuidados e à satisfação oferecida pela figura materna; e quando o infante passa a se relacionar com seu objeto de forma mais complexa e reconhece a existência do medo de perdê-lo, os sentimentos de culpa que surgem têm influência no estabelecimento da capacidade de amar. O conflito entre impulsos amorosos e hostis acaba se traduzindo, nas crianças e adultos, no desejo de se sacrificar para auxiliar e reparar as pessoas amadas que foram vitimadas em sua fantasia (Klein, 1946/1991a, 1937/1996c). A referida autora afirma:

Nas profundezas da mente, o desejo de deixar as pessoas felizes está ligado à forte sensação de responsabilidade e de preocupação com elas, que se manifesta através da solidariedade genuína com os outros e da habilidade de compreender como eles são e como se sentem (Klein, 1937/1996c, p. 352).

O desejo de restaurar advém de uma capacidade adequada de tolerar o sentimento de culpa e a aflição diante da ideia da morte da figura amada. Ao aproximar-se do objeto bom, o ego tem um conhecimento mais amplo da realidade psíquica – e sem confiar completamente na bondade do objeto, ou na sua capacidade de reparar o dano causado, novos conflitos psíquicos

se estabelecem (Klein, 1936/1996b, 1937/1996c). Diante de uma situação de frustração, pode-se regredir a um estado de temor tanto por conta do ódio sentido, quanto pelo amor direcionado ao objeto bom, pois nestes momentos iniciais da vida do sujeito este ainda está associado com o desejo de devorar o objeto. Mesmo desejando guardar e proteger seus objetos positivos, o indivíduo teme que algo aconteça a estes, que venham a morrer ou permaneçam agonizando em seu interior (Klein, 1935/1996a; 1936/1996b).

Na fantasia infantil, a reparação equivale a ideias de juntar os fragmentos resultantes dos ataques anteriores, uma ação que dá origem a mais ansiedade, pois não há confiança total na capacidade egóica de executar essa reparação. Faz-se presente também o sentimento de culpa, a tristeza que deriva do medo de perder o objeto e o senso de responsabilidade de mantê-lo preservado. A isso, se juntam censuras e acusações que são feitas contra o Id, já que o Ego reconhece que, juntamente com a capacidade de amar, ele também possui sentimentos de ódio que podem tornar-se mais poderosos e destruir o objeto. Estas censuras estão presente no quadro de melancolia, tomado por uma conduta negativa do sujeito contra si próprio – acusações que são, na verdade, ataques ao objeto mau, secundariamente alimentados pela defesa diante do ódio do ego pelo Id (Klein, 1935/1996a). Na ocorrência de entraves na superação das ansiedades paranoides, ocorre um prejuízo na capacidade de enfrentar os medos emergentes na posição depressiva, causando um círculo vicioso no qual o temor excessivo faz com que o indivíduo regrida ao uso dos mecanismos esquizoparanóides e retorne aos medos persecutórios (Klein, 1946/1991a).

Perturbações na capacidade de amar dão espaço ao sentimento de inveja, uma disposição parcialmente inata que afeta o desenvolvimento da capacidade de sentir-se grato e feliz. Esta se manifesta na construção do objeto bom, dificultando sua consolidação por alimentar a noção de que a gratificação desejada por parte do objeto bom não ocorreu, pois este guardou suas qualidades para uso próprio, frustrando, assim, a criança (Klein, 1937/1996c, 1957/1991d). Em sua obra “Inveja e Gratidão” (1957/1991d), Klein apresenta uma diferenciação entre os conceitos de voracidade, ciúme e inveja: destaca que esta última pode prejudicar o estabelecimento do objeto bom por parte do indivíduo, dado que existe a percepção de que o objeto retém suas qualidades e capacidades gratificadoras para uso próprio, privando o sujeito destas. A inveja é o sentimento de que outro indivíduo é possuidor de características desejáveis e as mantém para sua própria satisfação, sendo o impulso invejoso o desejo de interromper esta relação ou estragar tais características boas. Já o ciúme deriva da inveja e diz respeito à percepção do amor que o indivíduo entende como seu em vias de ser tolhido e oferecido a um rival, estabelecendo-se em uma relação de duas ou mais pessoas, enquanto a inveja ocorre num vínculo dual entre o sujeito e o outro que possui as características desejadas. Ao buscar

definições em um dicionário de sinônimos, Klein (1957/1991d) complementa que o ciúme é a resposta de alguém que teme a perda daquilo que possui, enquanto a inveja é o sofrimento ao ver o que é desejado na posse do outro. A voracidade, por sua vez, diz respeito a um desejo insaciável e impetuoso que esgota as capacidades do objeto de saciar o indivíduo, visando primariamente escavar, drenar e devorar o seio, realizando uma introjeção destrutiva; enquanto a inveja busca, para além disso, depositar maus elementos e partes ruins do *self* dentro da figura materna, visando sua destruição.

Como mencionado, os anseios do bebê em relação ao seio não são apenas pelo leite, mas também pela sua capacidade de refrear os impulsos destrutivos e o medo persecutório. Isto empresta ao seio (e à imago materna) a característica de onipotência, de ser dotada da capacidade de evitar todo o tipo de dor e sofrimento. Quando as ansiedades são intensas demais e a criança é assaltada por seus medos persecutórios, o objeto pode ser contaminado pela inveja e perde seu valor, sofrendo ataques mais intensos e duradouros (Klein, 1957/1991d).

A experiência de satisfação está diretamente ligada a capacidade de amar e é esta que atua como fundamento do sentimento de gratidão, e posteriormente da felicidade – o sentimento de “ser plenamente compreendido, o que é essencial para toda relação amorosa ou amizade felizes” (Klein, 1957/1991d, p. 219). A vivência de sentir-se grato se origina na sensação infantil de ter recebido do objeto bom uma dádiva especial que merece ser preservada, que permite que o sujeito aprecie o que existe de positivo nos outros e em si mesmo e confie nas figuras boas que o cercam. Além disso, segundo esta elaboração kleiniana, a gratidão também está ligada à generosidade, pois a sensação de riqueza interna – que permite ao indivíduo compartilhar os dons que recebe do objeto – depende de uma boa assimilação deste.

De acordo com as formulações kleinianas (Klein, 1937/1996c), o amor é um sentimento necessário como suporte para contrabalançar o sentimento de culpa e outros temores, e a pessoa amada necessita reforçar por meio de demonstrações afetivas que não foi danificada pelos impulsos destrutivos do sujeito, amparando assim a ideia de que o indivíduo não é irreparavelmente mau. Assim, enquanto a boa relação que se estabelece com o objeto é marcada pelo desejo de poupá-lo, na ausência da possibilidade de desfrutar plenamente esta satisfação o indivíduo é tomado por sentimentos vorazes, que buscam exaurir o objeto visando o controle e acabam por danificá-lo. A percepção deste objeto danificado pela agressividade do sujeito desperta novamente as ansiedades persecutórias, pela aflição de conviver com um objeto perigoso e corrompido dentro de si (Klein, 1957/1991d).

Diante disto, Klein (1957/1991d) também comenta sobre defesas empregadas contra a inveja, que se associam às defesas contra a pulsão de morte e às ansiedades que afligem o ego. Estes mecanismos nem sempre são bem-sucedidos, dado que em quadros nos quais

predominam traços paranoides os ataques realizados ao sujeito reforçam um sentimento de perseguição, que fomenta mais a ansiedade e que requer novos ataques para ser controlada, o que culmina em um círculo vicioso. Um dos mecanismos citados pela autora neste trabalho é a idealização, que surge na ocorrência de uma cisão precária entre objeto bom e mau. Klein (1957/1991d) afirma que o objeto idealizado – concebido a partir de um mecanismo de defesa utilizado contra os impulsos destrutivos e a inveja – diverge do objeto bom internalizado, já que o primeiro se origina primariamente na ansiedade persecutória, e não na capacidade de amar. No mesmo trabalho, a autora já mencionada também explica que em casos em que predominam idealizações excessivas, estas ocorrem devido a uma forte ansiedade persecutória, dado que a idealização é uma defesa contra tal estado e o seio ideal seria o oposto do seio devorador e ameaçador. Sentimentos excessivos de idealização são frequentes defesas diante de ansiedades persecutórias exacerbadas, já que o objeto idealizado seria uma contraparte do objeto perseguidor. Além disso, o objeto idealizado está muito menos integrado no ego do que o objeto bom, pois não está baseado na capacidade de amar, e sim em uma resposta à ansiedade persecutória (Klein, 1957/1991d).

Esta idealização que decorre da inveja é bastante precária e pode se desfazer facilmente em comparação com a relação mais segura estabelecida com o objeto de amor, que é internalizado mesmo com suas imperfeições. Amizades e relacionamentos amorosos formados a partir da idealização demandam a substituição frequente do objeto por outras figuras, na expectativa de encontrar algo que seja capaz de satisfazer integralmente os desejos do sujeito – enquanto as pessoas anteriormente idealizadas passam a ser vistas como perseguidores, internalizando a inveja e as críticas do indivíduo (Klein, 1957/1991d).

A inveja em excesso afeta negativamente esta cisão que separa o objeto bom e mau, afetando a estruturação do objeto interno bom e perturbando a capacidade de distinguir aquilo que é benéfico ou maléfico. Assim, interferências neste processo de cisão normal podem contribuir para o surgimento de um estado de confusão entre os objetos, originando tanto estados confusionais graves, característicos de quadros psicopatológicos, quanto a dificuldade de pensar com clareza e tirar conclusões (Klein, 1957/1991d). Este estado de confusão também pode funcionar como uma defesa, mitigando os sentimentos de perseguição ou culpa frente à dúvida se o objeto com o qual se relaciona é bom ou mau. No trabalho citado, encontram-se outras defesas que podem ser utilizadas contra a inveja: a desvalorização do objeto, que o despoja de suas qualidades e o rebaixa até um ponto em que não possua mais nada que possa ser invejado; a desvalorização do *self*, que se manifesta como uma consequência da culpa pelo fracasso na preservação do bom objeto diante da inveja e funciona por desmentir a inveja e punir o indivíduo por senti-la ao mesmo tempo; e o abafamento de sentimentos amorosos, que

dá maior espaço para a intensificação de sentimentos de ódio ou indiferença, substituindo o sentimento de culpa que decorre da combinação entre amor, ódio e inveja do objeto (Hinshelwood, 1992; Klein, 1957/1991d).

Klein (1946/1991a, 1957/1991d) disserta novamente sobre as relações entre culpa e inveja, apontando que uma das consequências desta última para o desenvolvimento é o surgimento de um sentimento prematuro de culpa, cujos efeitos sobre o ego ainda imaturo são os de uma sensação de perseguição e desintegração, transformando o objeto que provoca a culpa em um perseguidor. O sentimento de persecutoriedade está ligado estreitamente à posição esquizoparanóide, uma organização psíquica característica de momentos mais regressivos do desenvolvimento, caracterizada pela desintegração do ego, a relação parcial com os objetos e uma angústia intensa vinculada aos objetos maus. Nesta situação, não é possível elaborar nem a ansiedade depressiva e nem a persecutória:

Quando a ansiedade persecutória aumenta nessas pessoas, por motivos internos ou externos, elas perdem completamente seu objeto originário bom ou, melhor dizendo, seus substitutos, sejam essas pessoas ou valores. Os processos subjacentes a esta mudança são um retorno regressivo a mecanismos arcaicos de cisão e desintegração (Klein, 1957/1991d, p. 221).

Tal estado de inveja excessiva também atrapalha a experiência da gratificação oral, podendo incentivar precocemente tendências e desejos genitais. Isso traz consequências tanto para a satisfação oral como genital – Klein (1957/1991d) explica que a expressão sexual genital que se baseia numa fuga da oralidade “é insegura porque para ela são transportados os desapontamentos e as suspeitas ligadas à satisfação oral prejudicada” (p. 227). Prejuízos na vivência desta gratificação oral podem afetar a capacidade futura de um orgasmo genital pleno. Ainda neste tema, a autora mencionada comenta sobre os sentimentos de inveja que são dedicados aos atributos do sexo oposto, no caso das meninas e dos meninos. Para o sexo masculino, sentimentos demasiado intensos de inveja do seio podem ser transferidos para a vagina, abrindo caminho para a construção de uma atitude genital problemática em relação às mulheres.

Buscando uma maior compreensão sobre entraves na expressão da sexualidade masculina em relação ao sexo feminino, há um texto em particular de Freud (1912/2016), chamado “Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa”, que busca analisar o que nomeia como impotência psíquica e observa os efeitos de processos psíquicos que afetam a libido. Diante deste quadro, o autor afirma que há um desencontro entre as correntes libidinais de ternura e sensualidade que se dá pela repressão do desejo direcionada aos objetos interditados da infância, afastando a libido da realidade e mantendo-a inconscientemente ligada a “fantasias inconscientemente incestuosas” (Freud, 1912/2016, p. 274). A escolha de objeto passa a se dar

de forma limitada, evitando associações que evoquem a corrente terna, causando uma cisão na vida amorosa destes indivíduos, que amam apenas aquilo que não desejam e desejam apenas o que não evoque sentimentos de amor. O autor prossegue afirmando que a depreciação do objeto sexual funciona como um contraponto aos objetos inconscientes, que recebem os sentimentos de superestimação e valorização que normalmente são atribuídos às paixões.

Ainda no trabalho referido acima, Freud sugere que a felicidade completa numa relação amorosa requer que os homens possam superar seu respeito pelas mulheres. Esta fala não se refere a adoção de atitudes de injúria, mas remete à necessidade de pensar no sexo feminino de forma menos idealizada por sentimentos respeitosos, a fim de permitir o estabelecimento de uma relação amorosa entre parceiros que permita aceitar e tolerar sentimentos raivosos e agressivos pelo objeto de amor e admiração (Freud, 1912/2016; Hartmann, 2009).

3.3 Os estados patológicos e sua relação com a capacidade de amar

Melanie Klein (1935/1996a) afirma que os primeiros objetos incorporados formam a base da estrutura superegógica. Esta é uma explicação apresentada na obra kleiniana para tratar da temática da melancolia, em cujo quadro há a presença de um superego excessivamente rígido e predisposto a recriminações constantes ao sujeito. Ela observa que as manifestações iniciais da consciência estão associadas à perseguição que vem dos objetos maus, e que a severidade do superego estaria vinculada aos ataques dos objetos maus ali existentes, bem como às exigências rigorosas para resguardar os objetos bons e mantê-los afastados dos maus, associada à dúvida sobre a real natureza dos bons objetos. Todas estas situações “se combinam para produzir no ego a sensação de estar preso entre reivindicações contraditórias e impossíveis de se realizar” (Klein, 1935/1996a, p. 309).

As exigências rigorosas feitas pelo superego buscam auxiliar o ego a lutar contra sentimentos de ódio e o ataque dos maus objetos, almejando resguardar o objeto bom. Neste processo, ao procurar manter internamente os objetos bons e os maus à distância, isto contribui para a idealização destes objetos bons como figuras perfeitas. Destas idealizações parte a necessidade de se adequar às exigências morais elevadas. Assim, estes bons objetos tornam-se ainda mais cruéis e exigentes por – apesar dos esforços do ego – não poderem ser separados completamente dos objetos maus, adquirindo certa severidade em suas demandas (Klein, 1935/1996a).

Na passagem entre as posições esquizoparanóide e depressiva, a culpa se associa ao temor pela perda do objeto, e as ansiedades mobilizadas neste período se dão principalmente pelo receio de não conseguir manter a salvo o objeto integrado. Segundo a autora supracitada,

o depressivo se sente pesaroso e tomado pela ansiedade ao se dar conta de que os objetos parciais se conjugam em uma única figura cuja condição é de alvo de ataques do ego e passível de sofrer uma desintegração, o que gera temor pelo estado objetal e uma busca por formas de recuperá-lo; enquanto o paranoico reconhece o objeto desintegrado como uma multidão de perseguidores. Há diferenças também no emprego de mecanismos de defesa comum às duas posições: em seu entendimento, o estado depressivo no indivíduo deriva do estado persecutório, resultando da ansiedade paranoide inicial e somado com ansiedades e defesas advindas do reconhecimento da possibilidade de perda do objeto amoroso (Klein, 1935/1996a).

Caso o receio sentido seja muito grande, as ansiedades aumentam e isso exige o uso de mecanismos de defesa que contenham a aflição gerada pelos perseguidores. Este movimento pode determinar a ocorrência de falhas na internalização do objeto, causando a sensação de perda que caracteriza a melancolia. Para uma compreensão mais aprofundada sobre este fenômeno, é pertinente levar em conta o trabalho em que Freud (1917/2010a) busca compreender o estado de melancolia e do luto, definindo o primeiro como um doloroso processo de perda de interesse pelo mundo exterior, bem como da capacidade de amar e redução da autoestima. O processo de luto, por sua vez, é entendido enquanto reação à perda de algo amado, seja uma pessoa ou uma ideia. O autor destaca nesta obra que tais estados se assemelham em seu desdobramento, mas no caso melancólico o sujeito há um intenso empobrecimento de si mesmo, enquanto o enlutado desliga-se do mundo temporariamente ao viver a perda de algo importante, que não se encontra mais na realidade externa. Este empobrecimento de si, no estado melancólico, é manifesto particularmente no discurso do indivíduo, que se recrimina em demasia.

Ainda segundo Freud (1917/2010a), pode-se entender que tais recriminações na verdade dizem respeito ao objeto amoroso, que deriva de uma identificação narcísica e ao ser defrontado com as decepções causadas pela pessoa amada, tem sua libido retirada e direcionada para o ego, que passa a estabelecer uma relação de identificação com o objeto e sofrer recriminações no lugar deste. O autor comenta que “O automartírio claramente prazeroso da melancolia significa, tal como o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio relativas a um objeto” (Freud, 1917/2010a, p.184). Neste trabalho, também se destaca que este movimento – ao contrário do luto comum – desdobra-se devido a uma relação ambivalente com o objeto, em que os sentimentos de amor e ódio se confrontam para realizar o desligamento desta libido do objeto, ou mantê-la de forma a realizar uma espécie de contra-ataque.

O referido autor também denota que em alguns casos a melancolia pode se transformar em estado maníaco, que carrega sintomas opostos aos traços característicos da melancolia.

Ambos os estados se aproximam por enfrentarem o mesmo conflito ante a perda de um objeto estimado – que, no estado melancólico, acaba por dominar o Ego; enquanto a mania apresenta um desfecho diferente e pode subjugar tal luta. Freud (1917/2010a) sugere que há um acúmulo de investimento psíquico que se deve à regressão libidinal ao narcisismo, provocando um conflito egóico que demanda um grande contrainvestimento – e que no quadro maníaco, a superação da perda deste objeto permite que este contrainvestimento esteja novamente disponível.

Este reconhecimento de uma relação ambivalente, remete mais uma vez às observações feitas por Klein acerca do conflito entre o amor e o ódio, encontrado na posição depressiva. A ambivalência presente nesta posição surge devido a uma cisão nas imagos, cuja função é fazer com que o infante possa confiar mais em seus objetos internos, amando-os e podendo vivenciar de forma saudável as fantasias de restauração de seu objeto amado (Klein, 1935/1996a). As ansiedades e defesas paranoides, ainda presentes, se voltam para os objetos maus e, conforme isto ocorre, uma maior adaptação ao mundo externo conduz a um maior contato com a realidade. No momento em que o amor e a confiança pelos bons objetos externos e internos estão bem consolidados, a ambivalência pode diminuir, já que esse aumento no amor também amplia a capacidade do sujeito de confiar em sua capacidade de amar, diminuindo as ansiedades persecutórias e reduzindo seus impulsos sádicos (Klein, 1935/1996a).

Melanie Klein (1935/1996a) também resgata o entendimento freudiano de que o estado maníaco está vinculado à melancolia, e propõe que a mania é uma fuga do estado melancólico assim como de um estado de paranoia, do qual o sujeito não consegue escapar. Segundo esta teorização kleiniana, há um estado de dependência que se estabelece entre o ego e seus objetos, e tal estado gera sofrimento pela intensidade da identificação, impelindo o ego à busca da liberdade. Conforme já mencionado, a autora supracitada afirma que o estado maníaco se caracteriza especialmente pela presença do sentimento de onipotência e do mecanismo de negação – originário nas etapas mais anteriores da vida psíquica, quando o ego necessita se defender dos perseguidores que estão internalizados. Ela comenta que “a primeira coisa a ser negada é a realidade psíquica; depois disso, o ego pode negar boa parte da realidade externa” (Klein, 1935/1996a, p. 318). Assim, a onipotência passa a ser utilizada a fim de estabelecer controle sobre os objetos, buscando negar o medo causado por eles e conseguir que o mecanismo de reparação possa ser aplicado.

As relações esquizoides de objeto têm seu lugar no desenvolvimento da criança em um tempo em que o ego não se encontra estruturado, mas podem se estender para outros momentos do desenvolvimento, por ocorrência de problemas na elaboração da posição depressiva, que ocasiona a regressão do indivíduo para vivências anteriores de seu desenvolvimento psíquico.

Como já apresentado, os primeiros meses da vida infantil consistem em pedaços do mundo real percebidos pelo bebê, que constituem os objetos perseguidores ou gratificantes, com os quais ele interage. Com o tempo e o desenvolvimento de uma relação de objeto – normalmente com a figura materna – tal relação contribui para a percepção de um objeto integrado, também chamado de objeto total, que passa a ser alvo tanto de amor como de ódio, sentimentos conflitantes que evocam perturbações complexas na mente infantil (Klein, 1935/1996a). A solução para o conflito entre estas forças contraditórias é o indicador determinante da superação da posição depressiva, e seu sucesso ou falha passa a depender da existência de uma relação bem estabelecida com a figura responsável pelos cuidados infantis. Caso a introjeção do objeto bom não funcione como esperado e se estabeleça de forma precária, o infante se encontra numa situação de perda do objeto, análoga a vivenciada pelo indivíduo melancólico. Esta perda inicial pode levar ao estabelecimento de um quadro depressivo, caso o estabelecimento do objeto amado dentro de si fracasse (Klein, 1935/1996a).

Melanie Klein (1935/1996a) também discorre acerca do suicídio, em que se busca atacar o objeto introjetado, destruindo os objetos maus e preservando os objetos amados, internos e externos de seus sentimentos incontroláveis de ódio. Ao procurar a morte, o sujeito tenciona romper sua relação com o mundo externo para que os objetos reais sejam poupados de si, das partes do ego identificadas com os objetos maus. De forma análoga, o rompimento de relações com o mundo externo, visível no estado melancólico, também decorre desta mesma situação (Klein, 1935/1996a).

Os processos de internalização que ocorrem no princípio da infância têm um papel essencial no desenvolvimento dos estados psicóticos – nos quais, com a internalização das figuras paternas, há o retorno de fantasias agressivas que resgatam o temor frente aos antigos perseguidores. Por essa perspectiva, o sujeito que vivencia intensas ansiedades paranoides (podendo se constituir num quadro de paranoia) também realiza a introjeção de um objeto inteiro, mas não consegue identificar-se por completo com ele, porque a ansiedade persecutória é intensa demais e não permite a crença total na bondade do objeto – tendo em vista que este ainda permanece como uma ameaça potencial, um perseguidor (Klein, 1935/1996a).

Nessas condições, mesmo que tal sujeito tenha uma capacidade desenvolvida de observar a realidade, suas interpretações são distorcidas, porque a ansiedade transforma esta averiguação do mundo externo em uma busca, focada em reconhecer se as pessoas são ou não perseguidores. Isto impede o estabelecimento de uma identificação estável, que reconheça o objeto pelo que ele realmente é, e de uma capacidade total de amá-lo. Tal fracasso na superação dos temores persecutórios pode ser atribuída tanto à incapacidade do próprio sujeito de lidar com seus conflitos demasiado intensos, quanto à conduta de elementos externos, conforme

relatado por Klein ao examinar um de seus casos (Klein, 1935/1996a; 1936/1996b). Em decorrência disso, as ansiedades adicionais e os sentimentos de remorso e culpa que surgem no contexto da posição depressiva subsequente também se tornam excessivas para o sujeito em estado psicótico, o que afeta a manutenção desta capacidade de se relacionar com o objeto integrado e faz com que ele retorne ao funcionamento característico da posição esquizoparanóide. Esta oscilação que ocorre entre as posições explicita o entendimento kleiniano sobre este conceito, definido enquanto estados psíquicos que transcendem etapas do desenvolvimento individual, permanecendo relacionadas e afetando o sujeito ao longo de sua vida.

Melanie Klein (1937/1996c) também fala sobre a capacidade de amar, associando-a ao conceito que ela estabelece de reparação: a busca, motivada pelo sentimento de culpa decorrente dos ataques hostis direcionados ao objeto, em recuperar e preservar suas qualidades. O sentimento de gratidão, conforme apresentado por Klein (1957/1991d, p. 219) é “o fundamento da apreciação do que há de bom nos outros e em si mesmo”. Este sentimento deriva das experiências de satisfação que, por sua vez, só podem ser vividas se a capacidade de amar está suficientemente desenvolvida. A referida autora menciona que tais vivências de satisfação acabam sendo a base para as experiências posteriores de felicidade e do sentimento de unidade com outras pessoas, unidade que é responsável pela sensação de ser plenamente compreendido e se faz necessário numa relação feliz de amor ou amizade.

Dificuldades na elaboração de tais conflitos têm impacto no desenvolvimento das relações adultas. Tomando como exemplo um menino cujo sofrimento diante da frustração de seus desejos era muito intenso, este pode ter nutrido fantasias de que seu pênis seria um instrumento para ferir a mãe que se recusava a atendê-lo. Também pode ter outras fantasias malignas contra o pai, motivadas pelo ciúme e pelo ódio da atenção materna que este recebia. Na ocorrência de uma relação genital na idade adulta que lhe seja satisfatória, esta relação poderia funcionar de forma positiva ao atenuar tais medos e fantasias, oferecendo ao indivíduo a garantia de que seus genitais não seriam tão destrutivos como acreditara outrora. Embora tais fantasias sádicas não desapareçam por completo, elas vão perdendo força conforme o psiquismo se desenvolve e aparecem na relação amorosa e sexual mescladas ao erotismo, de forma mais positiva. Este cenário de satisfação num relacionamento amoroso traz a reafirmação tanto da bondade do parceiro quanto do próprio indivíduo, evocando a sensação de segurança associada à experiência inicial de sentir-se amado (Klein, 1937/1996c).

Isto evidencia que os relacionamentos que se estabelecem na idade adulta podem mobilizar experiências psíquicas que remontam às primeiras relações, tidas pelo sujeito com seus pais ou cuidadores. Algumas características dos genitores podem, contudo, colocar-se

como entraves no desenvolvimento de uma personalidade capacitada para tolerar a frustração. Klein (1937/1996c) discorre sobre a capacidade materna de sentir empatia e colocar-se no lugar do filho, para atender suas necessidades de forma amorosa, sendo esta uma habilidade que deriva das próprias vivências infantis da mãe, de lidar com seus sentimentos de culpa e conseguir realizar a reparação de seus objetos de amor. Todavia, há cenários em que a mãe acaba abnegando de si mesma por um excesso de culpa, ou se aproveita da vulnerabilidade infantil para satisfazer seus desejos de posse, por exemplo. Em casos como estes, pode ocorrer uma intensificação das fantasias destrutivas, ou do sentimento de culpa, dificultando o manejo por parte do bebê e resultando no uso excessivo de mecanismos de defesa, impactando o estabelecimento da capacidade de sentir amor e a qualidade dos vínculos afetivos futuros.

É importante perceber que o desenvolvimento da criança depende da sua capacidade de descobrir uma maneira de suportar as frustrações inevitáveis e necessárias, assim como os conflitos de amor e ódio que são até certo ponto causados por elas (sendo em grande parte moldado por essa capacidade): ou seja, trata-se de encontrar um caminho entre o ódio, que é alimentado pelas frustrações, e o amor e o desejo de reparação, que trazem junto consigo o sofrimento dos remorsos (Klein, 1937/1996c, p. 357).

A ocorrência destes cenários de criação, nos quais os adultos não apresentam uma capacidade de amar bem desenvolvida, pode afetar o encontro de uma solução para o conflito primitivo entre o amor e do ódio. Como consequências, existe a possibilidade de ocorrer tanto um afastamento na relação com a pessoa amada pelo sujeito, quanto o estabelecimento de uma relação excessivamente dependente, bem como atitudes de infidelidade para com seus parceiros. Cada um destes desdobramentos decorre de contrariedades ocorridas no desenvolvimento – como, por exemplo, um medo terrível da morte da pessoa amada, que prejudica o estabelecimento de um vínculo por conta do temor das consequências de uma perda futura e pode levar a uma redução da capacidade de amar, ou seu deslocamento para outros interesses e atividades. O medo excessivo da perda da mãe também pode ter uma solução que caminha para uma dependência excessiva, levando o indivíduo à voracidade, em busca de extrair o máximo do objeto de amor. Nesta situação, o amor do objeto é muito necessário para defender o sujeito de seus sentimentos de culpa e do medo de ter causado prejuízos irreversíveis com seus impulsos sádicos (Klein, 1937/1996c).

A impossibilidade de encontrar uma resolução satisfatória de conciliação entre estes desejos também tem consequências na vivência da sexualidade. Os desejos sexuais estão profundamente vinculados à agressividade, sofrendo modificações com o passar do tempo no decorrer da criação de novos vínculos e aquisições de habilidades. Há uma repressão de tais desejos, que passam a se expressar na forma de ternura para familiares e amigos próximos, assim como na busca de conhecimento em interesses diversos. Contudo, uma repressão

excessiva dos elementos que constituem a sexualidade acarreta problemas na etapa da adolescência, período em que ocorre uma reedição do conflito edípico e a possibilidade de satisfazer os desejos eróticos retorna direcionada a outros objetos (Klein, 1937/1996c).

Na perspectiva kleiniana, prejuízos na capacidade de amar também contribuem para fracassos na construção de amizades, já que estes vínculos demandam uma “capacidade de dar e receber emocionalmente” (Klein, 1937/1996c, p. 372). Numa relação adulta de amizade, o indivíduo ainda pode experimentar sentimentos primitivos de inveja e ciúme, mas estes são apaziguados por conta de uma identificação com o outro, através do qual pode-se desfrutar das conquistas e alegrias do amigo – o que resulta de um manejo saudável do sentimento de culpa e permite o entendimento de que os desejos agressivos não causaram danos permanentes. Esta modalidade de vínculo afetivo sofre abalos, caso o sujeito não consiga lidar com suas necessidades arcaicas insatisfeitas e conflitos infantis não resolvidos e atue inconscientemente, fazendo exigências movidas pela inveja, ciúme ou voracidade. Para a autora, as consequências disso são dor e ressentimento (Klein, 1937/1996c).

Por fim, uma tolerância adequada em relação ao sentimento de culpa permite que o amor seja expresso de forma saudável e também influencia tanto a capacidade criativa, quanto a realização do trabalho. Considerando as ideias expostas acima pela autora citada, é possível pensar que circunstâncias ambientais desfavoráveis possuem a capacidade de evocar imagens infantis terríveis dos pais inflexíveis, que permaneceram internalizadas pelo sujeito – o que, em alguns casos, tem como consequência a expressão de atitudes negativas e desesperançosas em suas relações futuras. Melanie Klein (1937/1996c) afirma que perturbações e infelicidade precoce afetam a capacidade de amor e confiança do indivíduo, mas sua capacidade de amar e sentir-se feliz não se desenvolve em proporção direta com o amor que esta recebe. Alguns indivíduos com uma capacidade reduzida de suportar a agressividade e as frustrações podem sentir os erros de seus pais – e por conseguinte, de outros relacionamentos – de forma distorcida, tendendo a amplificar a percepção da severidade e crueldade que estas falhas carregam. Por outro lado, também é possível compreender por que algumas pessoas são capazes de vivenciar situações abusivas e ainda assim dar continuidade a suas vidas sem a sensação de terem sido completamente vitimadas, já que conseguem resistir ao domínio de seus sentimentos de ódio e desconfiança. Em síntese, “pode-se perceber que a quantidade de impulsos agressivos, medo e sentimento de culpa (que surgem em parte por motivos internos) exerce uma influência importante sobre a atitude mental predominante que desenvolvemos (Klein, 1937/1996c, p. 381).”

Klein (1957/1991d) também apresenta a constatação de que tanto as situações de grande frustração quanto de indulgências excessivas podem ser responsáveis por quadros maníaco-depressivos futuros, dado que certas experiências frustrantes em intensidade moderada podem

estimular o sujeito a adaptar-se ao mundo externo e às exigências da realidade. Esta autora afirma que se a criança pequena é capaz de experimentar a frustração, seguida pela experiência de gratificação, ela pode desenvolver a noção de que foi capaz de lidar com suas próprias ansiedades, além de que os desejos não satisfeitos também podem contribuir para o desenvolvimento das atividades de sublimação e criação. Assim, um estado hipotético de ausência de conflito sugere a existência de um ego menos fortalecido e uma personalidade mais empobrecida, considerando o papel dos conflitos e sua superação no desenvolvimento da criatividade (Klein, 1957/1991d).

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CATEGORIAS TEMÁTICAS

Conforme apresentado anteriormente, a seleção de materiais encontrados nos fóruns *on-line* foi submetida a um processo metódico de leitura, a fim de realizar a seleção das unidades de análise. Aqui, apresentam-se as categorias elaboradas durante o processo de contato com o material e delimitação destas unidades, escolhidas a partir dos conteúdos identificados com frequência e entendidos como relevantes para a compreensão da visão de mundo *in cel*. Salientamos ainda que, em função dos fóruns utilizados serem todos em língua inglesa, traduziremos todos os conteúdos à medida em que forem apresentados trechos nas categorias a seguir.

4.1 Um mundo hostil: a violência percebida

O discurso que sustenta a filosofia da *blackpill* baseia-se na ideia que os indivíduos têm um valor inerente na sociedade correspondente ao seu valor no mercado sexual, atrelado principalmente à genética e aparência física (Van Valkenburgh, 2018). Para os *incels*, o conjunto de suas características físicas e psicológicas os colocam numa posição bastante desfavorecida neste sistema de valor. Nas postagens encontradas, alguns membros dos fóruns apresentam situações em sua história de vida e cotidiano nos quais o contato com tal ideia lhes traz prejuízo e sofrimento, como pode-se observar nesta passagem: “*Homens bonitos e as subfêmeas tem um valor inerente, assim eles têm direito a algumas coisas na sociedade Eles [os normies] estão certos em dizer que você não tem direito a nada. É porque você é feio*” (007-A4).

Outro usuário afirma: “*Gente feia sempre é vista como perigosa. Todas as pessoas más nos filmes são mostradas como feias*” (038-A3). Em seu modo de pensar, ao não atingirem as expectativas sociais do padrão masculino de beleza, estes indivíduos afirmam receber tratamento discriminatório, que prejudica sua capacidade de estabelecer relações, limitando conseqüentemente suas possibilidades de se relacionar sexualmente com alguém.

Para além das relações sexuais, os *Chads* também são vistos como privilegiados em outros contextos, como sugere a fala de um usuário, que compartilha um relato sobre sua irmã para justificar o seu ponto de vista:

Minha irmã é provavelmente a pessoa menos sensata que já conheci em toda minha vida ela é psicóloga clínica já faz um tempo. E todo dia eu me pergunto. . . como alguém como ela é capaz de ajudar alguém? essas são as pessoas que deveriam ajudar e cuidar de você e dos seus problemas psicológicos Um dia cedo antes do trabalho ela estava com um humor melhor que o de costume ela me disse que o primeiro paciente do dia dela era um cara

muito bonito se você é um Chad você ganha até tratamento melhor de saúde mental (030-A1).

Esta passagem reforça a noção apresentada anteriormente de que os homens bonitos possuem privilégios, sendo percebidos como seus rivais, com quem estão numa competição constante e injusta. Os trechos selecionados a seguir oferecem exemplos dessa forma de pensar: *“Esse mundo é cruel pra caralho. Eu odeio Chads de verdade. Tem tantos Chads saindo da cadeia que são bombados pra caralho e pode crer que eles não tem que procurar por mulher porque elas virão pra eles automaticamente” (032-A6).* Outro usuário comenta sobre o mesmo assunto, completando: *“Enquanto isso tem incels apodrecendo numa kitnet, se escravizando por um salário que mal dá pra viver, sofrendo com problemas de saúde e doenças, que nunca vão conseguir transar” (032-A7).*

Por meio da leitura destes excertos, é possível perceber nos participantes do fórum a existência de sentimento de indignação e sofrimento frente ao que entendem ser uma injustiça diante das diferenças de tratamento oferecidas aos *incels*. Estes reconhecem em si mesmos algumas qualidades, que, contudo, não parecem reconhecidas como suficientes para a realização de seus objetivos de uma vida satisfatória ou suficientes para competir com as características dos *Chads*. Assim, sentem que por mais que façam o seu melhor, estarão fadados à infelicidade, uma visão que transforma o mundo e a sociedade em um ambiente hostil, buscando assim mecanismos de autopreservação e sobrevivência em um contexto que nunca lhes será favorável.

Na leitura do material, os *incels* mostram-se convictos de que são hostilizados e destratados devido a sua aparência e estrutura física, considerada indesejada. Muitos participantes veem com desdém e ceticismo a ideia de que a personalidade pode ser igualmente ou mais importante no tocante ao estabelecimento de vínculos afetivos e conquistas amorosas. Alguns deles afirmam ter tentado atividades diversas em busca de desenvolvimento físico e psíquico, para serem defrontados com as mesmas reações negativas por parte de suas comunidades – afirmando, então, que tal ideia trata-se de uma construção enganosa, que manipula os homens a permanecer numa ilusão que os aprisiona num ciclo de expectativas e frustração, e que sua condição de vida já está determinada pela genética, restando a eles se resignar a estas condições ou escapar por meio da morte. A expressão *cope or rope* (em tradução literal, enfrentar ou corda), utilizada pelo grupo, sintetiza bem esta ideia: a desesperança trazida pela Pílula Negra oferece apenas estas duas soluções, sendo a primeira o enfrentamento do celibato involuntário buscando recursos para atenuar o sofrimento - tais como a masturbação, uso de substâncias psicoativas ou estratégias para melhorar a aparência física - e a segunda, o suicídio (Diogenes, 2018).

Eu tive múltiplos terapeutas (um aconselhador, dois psiquiatras) . . . Eu esperava muito desses profissionais, mas no fim, tudo o que recebi deles foi essa baboseira de “esperança” . . . Mas o fato é, a realidade não muda só porque você muda. O fato brutal do universo é que você não é livre . . . Aquilo com o que você nasce é aquilo com o qual você vai ser sempre amaldiçoado pra sofrer nessa vida até morrer (033-A1).

Neste trecho, observa-se um desprezo pela ideia de esperança na possibilidade de mudanças, apresentadas pelos profissionais responsáveis pelo acompanhamento terapêutico mencionado. A busca de aprimoramento por parte do indivíduo não seria suficiente para transformar suas condições socioambientais, sendo equivalente a um desperdício na melhor das hipóteses e uma nova decepção no pior cenário, contribuindo para o sofrimento relatado. Assim, a conclusão que se segue à lógica deste participante é de que, independente de suas iniciativas, não há escolhas ou liberdade o suficiente para que ele consiga abandonar sua condição de *incel*. Há diversos comentários que reforçam a construção de que o valor individual é determinado pela carga genética e construção física do sujeito, encerrando os *incels* nesse ambiente inóspito comparado, no trecho abaixo, a um “*inferno permanente*”, cuja única possibilidade de escape seria o suicídio:

Nossos genes são nosso destino. Não tenho nenhuma dúvida disso. Genes errados? Você vai ser incel a merda da sua vida inteira . . . Um inferno permanente que você pode abandonar quando quiser se matando como o animal que você é . . . Meus pais também eram psicopatas que me faziam estudar por 4-8 horas por dia sem nenhum motivo (022-A2).

Falas como esta oferecem a possibilidade de refletir sobre a angústia que afeta os *incels*, que se consideram indivíduos excluídos e marginalizados em um mundo cujo sistema de valores é arbitrário, tendo como única constante a exaltação da aparência física, em particular de traços determinados geneticamente como altura, estrutura óssea definida e um fenótipo caucasiano. Ao não terem tais características e tampouco meios para sua obtenção, os participantes do fórum consideram-se condenados e aprisionados num constante estado de insatisfação que os condena a uma vida miserável e infeliz, para a qual há pouca ou nenhuma chance de mudança em vida.

O mal-estar causado por sua aparência física é agravado pela convivência com o que eles supõem ser a ausência de empatia das outras pessoas. Segundo os relatos, os *normies* (mulheres e homens que não se consideram *incels*) mostram-se indiferentes às dificuldades de relacionamento apresentadas pelos participantes da comunidade *incel*, como pode-se inferir por meio de falas como “*normies dizem que ficam ‘traumatizados’ pelas menores coisas possíveis*” (012-A2) e “*não é que eles [os normies] não entendem [nosso sofrimento], é que eles não ligam*” (013-A3).

Assim, os indivíduos depoentes entendem que, por conta de sua aparência, eles passam também a ser julgados e avaliados negativamente no que diz respeito a suas emoções e personalidade, recebendo manifestações hostis da sociedade. No fórum, um dos usuários

selecionou mensagens de redes sociais que se referiam aos *incels* de forma agressiva, algumas pedindo a morte destes, e comentou: “*Normies dizem que os incels são violentos, mas falam esse tipo de coisa*” (024-A1). É possível entender que, para eles, tal ausência de empatia corrobora o tratamento discriminatório e prejudicial aos *incels*, submetendo-os a um padrão duplo que dá a eles e aos *Chads* tratamento diferenciado nas mesmas circunstâncias, conforme um usuário afirma: “*O Chad que se comporta do mesmo jeito que você vai ser o aluno mais adorado da classe. Confie em mim*” (043-A2).

Neste contexto citado acima, o autor da postagem (também chamado na linguagem dos fóruns de OP) relatava sua tristeza por se dar conta que não despertaria nenhum tipo de sentimento em seus colegas de sala, caso eles viessem a saber de seu suicídio, pois sente-se desprezado. Outro usuário escreve a respeito:

Nós vamos nos lembrar dele [OP] e nos entristecer que perdemos mais um do nosso bando, ainda mais enquanto os sociopatas do IncelTears comemoram o suicídio do OP e do nosso luto por ele. Nós vivemos num mundo doente e pervertido de merda (043-A3).

Nos fóruns há algumas menções sobre a *subreddit* IncelTears, comunidade do site Reddit desativada em abril de 2020, cujo objetivo é “compartilhar *screenshots* de conteúdo de ódio, misoginia, racismo, violência ou outras bizarrices criadas por *incels* (r/IncelTears, 2020, n. p, tradução nossa), entendida como um espaço onde há prática de *bullying* com os celibatários involuntários. Em um outro excerto, um dos membros expõe sua dificuldade de compreender o comportamento de alguns de seus colegas, que associavam comportamentos ligados à vida adulta e situações de risco com um *status* social elevado:

O que me deixa puto em gente assim é como eles se acham tão “maduros”, como se usar drogas e transar fosse uma conquista. Quando foi que comportamentos autolesivos como uso recreativo de drogas, piercings e tatuagens e sexo sem proteção viraram símbolos de status? É risível (032-A9).

Tal fala sugere um estranhamento que parece ocorrer tanto dos *incels* para com os *normies* como também na direção contrária. A comunidade *on-line* IncelTears, que se descrevia como “parte deboche, parte cão de guarda” (r/IncelTears, 2020, n. p, tradução nossa), selecionava postagens da comunidade *incel* que despertavam a atenção de terceiros, ressaltando suas semelhanças com discursos de ódio e outros conteúdos tidos como irracionais e absurdos. Desta forma, tais conteúdos negativos teriam um alcance maior, permitindo que mais pessoas validassem seus aspectos negativos. De maneira análoga, os *incels* também destacam e selecionam os aspectos mais discrepantes e chamativos dos *normies*, que parecem estar além de sua compreensão e, portanto, além dos limites da empatia. Tais diferenças parecem então se tornar ameaçadoras na percepção dos dois grupos, prejudicando a existência de uma relação mais confiável, e ampliando a sensação de solidão e receio dos sujeitos analisados.

Nesta fala, um participante do fórum atribui ao comportamento alheio a responsabilidade pelas manifestações de agressividade de seus pares: “*Naturalmente nenhum de nós nasceu com ódio, mas graças a essa sociedade e o comportamento dos normies tratando nossos irmãos feios e com problemas mentais igual lixo nós ficamos assim. Nós não devíamos ser os excluídos dentre os excluídos*” (035-A5). Novamente há indicativos da sensação de viver num espaço inamistoso, no qual o indivíduo torna-se vítima de ataques gratuitos de seus semelhantes, desenvolvendo manifestações hostis em resposta às agressões sentidas.

A partir disso, podemos pensar sobre a capacidade dos *incels* de lidar com decepções frente ao que entendem como um sistema de valor arbitrário, cujo resultado nem sempre é o mesmo frente às atitudes do sujeito. Neste exemplo, um membro do fórum relata sua experiência escolar, que serviu para desiludi-lo da ideia de meritocracia, na qual as habilidades e o esforço individual têm correspondência direta com o resultado obtido.

Eu parei de me esforçar pra QUALQUER COISA no momento em que percebi o quão arbitrário o sistema humano de valor é. Às vezes eu estudava por semanas e tirava uma nota medíocre e às vezes eu não estudava e tirava um A ao invés do F esperado . . . a meritocracia ocidental está MORTA (032-A8).

A recusa em oferecer resultados equivalentes ao empenho do sujeito pode ser percebida enquanto uma modalidade de violência psicológica, causadora de sofrimento ao acarretar decepção e adiar a satisfação planejada.

Além disso, para além de sua condição desvantajosa frente ao sistema de valor dos *normies*, muitos usuários dos fóruns compartilharam, em suas postagens, vivências concretas de abuso e violência em sua história de vida, como discriminação e uma criação excessivamente rígida e agressiva por parte dos pais:

*Trabalhei a minha vida inteira. Os únicos momentos que eu me “divertia” era quando meus pais não estavam em casa ou quando eles estavam cansados pra me bater . . . Esse cara⁵ é o modelo vivo de tudo o que meus pais não queriam que eu me tornasse . . . minha vida inteira tive que lidar com bullying, ódio, abuso e apesar disso não descontei em ninguém nenhuma vez . . . Tem vadias que passaram a adolescência inteira perdendo tempo e se divertindo e agora elas fizeram um *onlyfans*⁶ e ganham dinheiro que a maioria das pessoas só sonha em conseguir E AINDA ASSIM VOCÊ ESPERA QUE EU ACREDITE QUE TRABALHO DURO COMPENSA? Essa vida é uma piada cruel. Aparência define tudo na sua vida (022-A1).*

Neste relato, é possível captar a frustração e revolta do autor da publicação, em ter recebido uma criação baseada em normas rígidas e punições frequentes, com pouco espaço para divertir-se ou realizar seus desejos que divergissem do planejado por seus pais. Tal frustração chega ao seu ápice ao defrontar-se com uma vida adulta na qual as perspectivas de sucesso não

⁵ Refere-se a Jeremy Meeks, modelo americano que se tornou famoso e iniciou sua carreira após ser preso e ter sua imagem divulgada no Facebook.

⁶ Serviço de conteúdo por assinatura, popular na indústria de entretenimento adulto.

estão atreladas apenas ao trabalho, mesclando-se com sentimentos de inveja por indivíduos na posição de Jeremy Meeks; ou seja, indivíduos que apresentaram algum tipo de mau comportamento e mesmo assim obtiveram sucesso – em particular, recebendo atenção das mulheres.

Outros membros do fórum também partilham experiências negativas de sua infância: “*Não tinha amigos crescendo. Meu pai me batia como qualquer outro pai. Só não funcionava comigo e me deixou mais fodido. Aprendi a ficar quieto perto dos meus pais, o que fodeu com as minhas habilidades sociais*” (019-A2). Outro afirma: “*Minha mãe e meu pai são criminosos e eu sou uma merda de um incel, meus pais sempre brigam e isso me deixa louco*” (026-A1). A presença de conflitos domésticos na infância prejudica o desenvolvimento infantil de maneiras diversas, e pode afetar a capacidade de estabelecer relações saudáveis com terceiros, bem como a capacidade de tolerar frustrações. Assim, pensando nisso, pode-se tecer hipóteses sobre o papel das relações parentais e o celibato involuntário.

Além de dificuldades nas relações parentais, outros participantes da comunidade compartilharam suas vivências nas quais houve comprometimento de sua capacidade de estabelecer vínculos afetivos. Situações de abuso físico e psicológico são relatadas no início da vida destes indivíduos, e eles atribuem a estes acontecimentos grande importância psíquica enquanto situações que abalaram sua capacidade de confiar e relacionar-se com outros indivíduos, compreendendo que tinham menos valor. Um membro do fórum relata: “*Fui estuprado aos cinco anos por uma criança curry⁷ mais velha, que era meu vizinho*” (021-A1), enquanto outro compartilha, referindo-se a problemas de saúde que afetaram sua aparência facial:

. . . vocês podem imaginar que isso destruiu minha autoimagem e confiança em mim. Me tornei socialmente inapto, passei pela vida com a cabeça baixa e nunca olhava ninguém nos olhos. As pessoas que me viam ficavam chocadas e as crianças ficavam me encarando (019-A3).

Um terceiro usuário, que se descreve como negro, fala que “*SER NEGRO É UMA SENTENÇA DE MORTE Subfêmeas negras me tratam pior do que qualquer outra raça*” (029-A1), e atribui a este fato todas as suas desvantagens e dificuldades. Juntamente com situações individuais de violência descritas nos trechos acima, também deve-se considerar que o contexto sociocultural pode contribuir para a exclusão descrita pelos participantes do fórum, sabendo que, por se tratar de uma comunidade de língua inglesa, há membros de diversos países e nacionalidades.

⁷ O termo *curry* se refere a indivíduos sul-asiáticos. No discurso dos *incels*, é comum a expressão *currycel*, um indivíduo que atribui sua condição de celibatário involuntário à sua etnia.

Algumas falas aproximam-se de noções discutidas entre os ativistas pelos direitos masculinos, como as maiores chances de exposição à violência e a reduzida discussão acerca dos ônus causados pela masculinidade. Um usuário expressa essas noções, relatando que “*os homens estão obviamente ficando pra trás em todas as áreas da vida e a gente precisa de apoio, homens são abusados e sexualmente violentados igual as mulheres, na verdade temos muito mais chances de exposição à violência*” (036-A1). Segundo dados coletados pela Organização Mundial da Saúde (2019), verifica-se que a mortalidade por homicídios a nível global foi quatro vezes mais causadora de óbitos em homens do que em mulheres, e a taxa de óbitos por acidentes rodoviários foi 2,8 vezes mais elevada em vítimas do sexo masculino em relação ao sexo feminino.

A tese central do feminismo, que as mulheres estão perpetuamente em desvantagem em todos os aspectos, está errada. Na verdade, ao longo da história a sociedade tratou as subfêmeas como crianças, coisas a serem protegidas. Por outro lado, a sociedade não se importa com as dificuldades masculinas. Ela só os vê como ferramentas pra trabalho pesado e lutar guerras, e qualquer demonstração de fraqueza era punida com o ostracismo. A sociedade espera que os homens sejam durões e violentos, e ao mesmo tempo prende eles pelas mesmas razões (037-A4).

Entende-se que este usuário do fórum se sente injustiçado pela organização social que privilegia as mulheres ao poupá-las de trabalhos braçais e atividades com maior risco de morte, por sentir que seu papel de homem o expõe a tais perigos, sem lhe trazer benefícios. Por outro lado, o sexo feminino beneficia-se de sua aparente fragilidade que lhe garante proteção, mas também colhe as vantagens do movimento feminista que busca por liberdade e possibilidade de escolher. Nesta ótica, o sexo feminino passa a ser entendido como opressor do masculino, por gozar de direitos decorrentes do trabalho dos homens e contribuir para sua angústia ao privá-los das relações sexuais.

Neste entendimento, não há discussão acerca de desvantagens particulares ao sexo feminino, como a violência doméstica, tráfico sexual e casamentos prematuros – práticas que diferem da violência que afeta o sexo masculino por ocorrer em espaços privados (Organização Mundial da Saúde, 2019). Pode-se supor que as sensações de sofrimento e exclusão provocam uma lógica tendenciosa, que se distancia da realidade objetiva em determinados momentos. Um dos participantes ressalta, no entanto: “*Se os incels são tão perigosos como o IncelTears diz que somos, então por que é que a maior parte da violência contra as subfêmeas acontece em seus relacionamentos?*” (038-A1), sugerindo que há reconhecimento de tais circunstâncias, mas estas não são levadas em consideração nos tópicos por entender que, na falta de indivíduos que acolham os sentimentos dos celibatários involuntários em seus contextos sociais, o espaço encontrado nos fóruns é reservado exclusivamente para tratar dos problemas que lhes afetam

diretamente, deixando de lado problemas sociais que afetam outros grupos por entender que estes estão amparados e tem maior visibilidade.

4.2 Solidão e exclusão: a violência sofrida

Outro aspecto manifesto em excertos diversos do material analisado diz respeito a sentimentos de solidão e tristeza, que no geral decorrem da sensação de exclusão derivada de viver em um mundo que lhes é hostil. Conforme apresentado, alguns participantes do fórum relatam vivências infanto-juvenis permeadas por situações de abuso e violência, e o impacto psicológico destes acontecimentos parece ter perdurado até o momento atual, afetando sua autoestima no desenrolar de sua vida e suas relações.

Em um dos tópicos, que pergunta sobre as condições de vida e de moradia dos participantes do fórum, dois participantes referem-se a si mesmo como NEETs, acrônimo de língua inglesa cujo significado é pessoa que não estuda e está fora do mercado de trabalho. Um deles afirma ter desistido de sua educação (004-D3) e o outro relata ser “*autista e depressivo, sem contatos sociais ou passatempos*” (004-D2). Um terceiro membro diz que tem estado só após ter saído de um centro de socioeducação, mas felizmente está morando com um amigo, apesar de não ter muitas amizades (004-D1). Em outras postagens, também encontramos falas nas quais um participante afirma não ter nenhuma rede social de apoio nem nada (019-D10) e outro menciona que as suas únicas saídas de casa são aproximadamente duas vezes por semana, para ir a uma loja do bairro (027-D1).

Num outro tópico, que questionava acerca da história de vida de *incels* com mais de 30 anos, um dos participantes se definiu como um solitário (019-D4). Outro afirmou nunca ter tido amigos ou recebido convites pra festas durante a escola, e sua faculdade era “*ir pra aula e voltar pra casa e chegar num apartamento vazio*” (019-D7). Outro usuário também se considerava solitário, afirmando que, apesar de ter amigos, via raramente, uma vez por semana, por estes estarem ocupados com seus estudos, trabalho e outras coisas. Estes amigos nunca vêm visitá-lo, nem mesmo aqueles que se dizem seus melhores amigos (019-D5). Estes excertos evidenciam que, para além da ausência de relações sexuais, os *incels* carecem de vínculos afetivos em seu cotidiano em diversos setores de suas vidas, tanto no que diz respeito a contato físico quanto a presença psíquica de pessoas que consideram próximas.

Um dos usuários afirma que o fórum se tornou seu “*único ponto de comunicação e conexão humana*” (010-D2) e outro reforça esta ideia em outro tópico, dizendo: “*é por isso que*

eu tenho tanto medo da censura afetar os imageboards⁸ a ponto de eles amarelarem ou fecharem, porque é só isso que eu tenho, sem isso eu nem sou humano” (032-D5). Na ausência de outras relações significativas, os *incels* que se utilizam destes fóruns parecem encontrar nestas comunidades anônimas um espaço seguro para compartilhar seus pensamentos, sentimentos e estabelecer vínculos por meio da comunicação virtual, de forma contrária ao que encontra em outros ambientes de sua vida. Não é possível afirmar que tal ausência de vínculos se dê por conta do sujeito ou de questões exclusivamente referentes a seu ambiente, mas pode-se teorizar que o conjunto decorrente da interação do autor da postagem com seu contexto social resulta na sensação de um espaço desfavorável, similar ao ambiente hostil observado nos relatos que compõem a primeira categoria de análise.

Como eu disse quando me apresentei aqui, eu nunca fiz parte de nenhum outro círculo social fora da minha família . . . só comecei a crescer/amadurecer quando comecei a interagir com outros caras nos imageboards. A internet é meu verdadeiro lar, o mundo real é como um sonho, que nem parece real. Eu passei minha juventude inteira na frente de um computador, uma média de 8 a 12 horas por dia. Eu passei mais tempo on-line que vivendo no mundo real (032-D4).

Na ausência de um ambiente social que estimule e favoreça o desenvolvimento de vínculos saudáveis, em alguma medida a internet parece funcionar como um outro mundo, um espaço que elimina distâncias e conecta sujeitos fisicamente distantes que compartilham de ideias em comum, oferecendo a possibilidade de se encontrar com indivíduos com experiências semelhantes, que são capazes de oferecer empatia e diálogos nos quais o indivíduo sente-se confortável.

Outro participante conta sua experiência e seus sentimentos neste excerto:

Eu evitei pessoas ativamente por toda a minha vida, nunca tive amigos, as poucas vezes que os normies de alguma forma quiseram ser amigáveis comigo eu fugi e fiz um esforço pra ficar sozinho . . . tudo o que eu queria fazer nessa vida é deitar na cama com meu laptop sem ter que trabalhar ou ser perturbado por ninguém, do mesmo jeito que eu fazia quando era criança. Mas estou sozinho num sentido mais existencial, eu acho. Me sentindo tão diferente, sem poder compreender a vida de uma pessoa normal ao ponto que a maior parte dos livros e filmes são completamente impossíveis para eu vivenciar porque não consigo me identificar de jeito nenhum (040-D1).

Neste trecho a solidão é discutida tanto por seu aspecto concreto, na ausência de relações físicas, quanto em seu impacto psicológico, que promove a sensação de distanciamento em relação à experiência humana. Nas discussões apresentadas, observa-se que os fóruns *on-line* representam para os membros um espaço de conexões diferentes das relações estabelecidas pela proximidade e contato físico em seu cotidiano, no qual podem encontrar outras pessoas capazes de compreender sua experiência de masculinidade e angústias vividas em relação aos

⁸ Um site ou página da Web onde os usuários podem postar imagens relacionadas a um determinado assunto ou tópico e responder às postagens de outros usuários, normalmente de forma anônima.

relacionamentos heterossexuais. Contudo, há outras manifestações observadas que indicam que estes vínculos não são suficientes para conter as sensações de tristeza e vazio decorrentes da experiência constante de se perceber enquanto um sujeito solitário:

Humanos são animais sociais, nós ficamos literalmente loucos em confinamento solitário. É totalmente natural se sentir chateado ou deprimido se você nunca teve afeto ou intimidade. O IncelTears só vê os incels como um monólito de gordos de barba rala que chamam todas as mulheres de biscate. É uma generalização muito grande e ignora todos os fatores individuais nas nossas vidas pessoais que nos levam a postar aqui (007-D8).

Em consonância com outras falas encontradas no fórum, este indivíduo explicita o valor que dá para relações afetivas e o impacto da ausência delas. Embora o celibato involuntário seja definido somente pela ausência de relações sexuais, pelo discurso dos participantes tem-se a noção de que a ausência de sexo não é a única limitação que enfrentam: esta parece ser consequência de uma história de relacionamentos interpessoais difíceis e frustrantes, que geram sofrimento e angústia, afetando a capacidade de estabelecer novas relações saudáveis.

Eu sou um incel. Não escolhi essa vida, não sou o que a sociedade diz que os incels são. Eu não odeio mulheres e não odeio pessoas. Eu não quero matar pessoas . . . sou só um sofredor. Tudo o que eu queria era amar e ser amado, ser desejado, nada mais, nada menos (011-A1).

O sentimento de rejeição e consequente sensação de abandono e solidão são bastante presentes em trechos como este. Tal intensidade nos faz pensar acerca da constituição psíquica destes indivíduos, entendendo que se faz necessário ser acolhido e admirado por alguém no início de sua vida, e estes homens descrevem o amor e o acolhimento como um sentimento distante, uma sensação desconhecida e que lhes parece proibida por algum motivo. A vivência dessas pessoas parece ser marcada pelo sentimento de solidão e da tristeza decorrente da falta de contato, amplificada pela desesperança.

Neste relato, também é possível observar menções a sentimentos violentos. Este participante rejeita a ideia do senso comum de que um *incel* é sinônimo de indivíduo violento ou misógino, afirmando não desejar ferir ninguém, tendo pelo contrário o desejo de receber amor e afeto, sentir-se correspondido em suas relações com outras pessoas. Outros participantes também associam a solidão com a agressividade, como nestes dois excertos:

Homens sangram e comem assim como as mulheres, homens também sentem dor, se sentem deprimidos, sentem fome igual as mulheres . . . eu entendo porque tem um número grande de incels amargurados, o mundo mostrou ódio pra eles, ódio é tudo o que eles conhecem, uma vida de ódio e abuso pode estragar de verdade uma pessoa (036-D2).

Se nós sofremos bullying, somos esculachados e rejeitados nossa vida toda e aí finalmente decidimos “foda-se, não quero ser parte de uma sociedade que me odeia”, de repente os estranhos somos nós, e nada do que nós fazemos ou digamos pode mudar o fato de que eles só focam nas nossas falhas, não na nossa luta (038-D2).

O histórico de privação de relações afetivas e a exposição prolongada a sentimentos negativos de solidão, rejeição e dor evoca raiva e ódio que, embora não estejam sendo defendidos por estes membros do fórum, são estados com os quais estes sentem compreensão e empatia. A hostilidade percebida nas pessoas e no mundo em geral faz surgir sentimentos que ferem os próprios *incels* e os outros ao seu redor, como no caso deste membro, que relata como a solidão afetou seu humor: “*atualmente eu me sinto nervoso, amargo e com inveja a maior parte do dia* (035-D1). Tais sentimentos afetam sua capacidade de relacionar-se com as outras pessoas, promovendo assim uma situação que se retroalimenta da ausência de bons vínculos e atrapalha a possibilidade de estabelecer novas conexões favoráveis.

No trecho a seguir, um dos participantes destaca que atitudes violentas não são exclusivas dos *incels* e que, ainda que participantes do grupo tenham alguma afiliação com atos do gênero, outros indivíduos com uma vida social diferente também apresentam tais atitudes, inclusive cometendo crimes contra seus parceiros.

Tem incels que mataram pessoas e o escambau mas normies também cometem assassinato então isso não é algo só dos incels. Também tem normies que mataram seus parceiros e tal. Incel significa literalmente homem solitário que tem dificuldade com o sexo oposto (024-D2).

Tal distinção sugere que o que os une enquanto um agrupamento nestes espaços específicos da internet não são sentimentos agressivos ou desejo de cometer atos violentos, mas o impacto causado pela ausência de relações românticas, que promove sofrimento pelo isolamento que os impede de receber afeto e compartilhar suas vivências.

Num outro tópico, há uma enquete que pergunta aos membros se tratariam mal uma namorada que lhes tratasse bem. Um total aproximado de 75% afirma que não, compartilhando também alguns comentários sobre o assunto:

Se você tivesse uma namorada leal e atenciosa, você trataria ela mal? Pessoalmente eu não. Por que eu o faria? Não sou um pedaço de bosta ao contrário do que dizem, meu único pecado é que eu sou feio. Se uma moça fiel e apaixonada me aceitasse, não vejo por que agir como um cretino (041-D1).

O IncelTears falava que se a gente namorasse nós machucariamos as mulheres, mas eu aposto que a maioria dos caras aqui seriam namorados e maridos carinhosos, atenciosos e apaixonados. Caras que sabem que conseguem outra menina fácil não tem motivo pra tratar bem as suas mulheres porque pra eles elas são descartáveis (041-D3).

Supõe-se que tais pontos de vista representam as ideias da maior parte dos votantes, que afirmam corresponder aos cuidados de outra pessoa, caso estivessem em uma relação positiva e carinhosa. Estes participantes expressam descontentamento com a forma com a qual a comunidade *incel* é vista, afirmando que, mesmo apesar das representações desagradáveis e

violentas, seus desejos incluem uma relação íntima e afetiva, reconhecendo que neste cenário não apresentariam motivos para agir com intenções agressivas, valorizando o relacionamento.

Todavia, as expectativas por relações afetuosas e positivas não parecem ser cumpridas, na esfera dos relacionamentos amorosos ou em outros aspectos. Como observado pelos trechos que compõem a primeira categoria de análise, tais vínculos são permeados por agressões físicas e psicológicas, que parecem reforçar e aprofundar a ausência de contatos significativos e a consequente sensação de solidão.

Um membro relata: *“Eu me impus algumas vezes. O pessoal da escola falava pra eu me impor pra tirar sarro de mim. E quando eu realmente o fazia eles ficavam chocados e me davam sermão”* (032-D3). Na situação descrita, este indivíduo reforça a ideia de que, independente das atitudes que tomava – priorizando a si mesmo ou seguindo o que era sugerido pelo grupo – não recebia apoio de ninguém que estava próximo. Outro participante relata aspectos de sua vida atual:

Toda a solidão e bullying na escola fizeram minhas notas despencar Tenho fingido ir a uma universidade boa mentindo pros meus pais todos os dias fiz este tópico pra mostrar para os não-incels lendo que é isso que o bullying e a rejeição faz com alguns de nós. Isso não é sobre mulheres ou sobre sexo, é sobre o que minha vida se tornou porque eu nasci com uma deformidade e características faciais ruins (a causa do meu bullying) (039-D1).

O relato deste membro do fórum compartilha sua situação de estar mentindo para os pais, pois não consegue lhes contar que não conseguiu entrar na universidade, decepcionando suas expectativas, e passando o ano sozinho numa biblioteca. É evidente que sua história de vítima de *bullying* teve consequências duradouras, impactando tanto suas notas quanto sua capacidade de confiar em si mesmo e solucionar o conflito no qual se encontra buscando apoio de sua comunidade, ao invés de isolar-se.

Tais decepções são explicitadas em falas que remetem aos excertos analisados na primeira categoria temática, fazendo menção à experiências de violência e sofrimento em suas vidas e destacando o impacto de tais vivências para sua capacidade de estabelecer relações com outras pessoas. Além disso, observa-se que os membros do fórum também destacam os aspectos divergentes entre suas experiências de vida e suas vivências ideais, nas quais constituem relações íntimas com outras pessoas. Algumas das falas apresentam a ideia de que tal isolamento reduz sua condição de humanidade, excluindo-os ainda mais da possibilidade de se relacionar e gozar dos privilégios exibidos pelas outras pessoas:

Genes errados? Você não merece humanidade, desculpa. Nenhuma experiência humana pra você, só isolamento e dor brutal. Foda-se minha vida. Estou triste pra caralho. Meus pais também eram psicopatas que me faziam estudar de 4 a 8 horas por dia sem motivoninguém precisa estudar 5 horas todo dia pra ser feliz, quase nenhum normie precisa disso pra ter uma namorada (022-D3).

Outro participante desabafa em um pedido: *“Um pouco de respeito e empatia. Eu sou uma porra de um ser humano, eu já estou sofrendo e as pessoas querem ver você sofrer mais, puta que pariu”* (011-D7). Há a percepção de ausência de sentimentos como compaixão e respeito, diante da qual o autor da postagem sente necessidade de reiterar sua condição humana, que parece em xeque na ausência de demonstração destes sentimentos. Um outro membro menciona, em outra fala, algo similar: *“Ficar careca . . . foi a pior coisa da minha vida. Nunca me senti como um homem jovem na escola e na faculdade por causa disso, pra ser honesto eu nunca nem me senti humano”* (011-G4).

Entende-se que falas como esta estão relacionadas com a ausência de contatos afetivos e experiências significativas envolvendo outras pessoas, levando a percepção de si como alguém alheio à sua comunidade que, em última análise, também poderia perceber-se como fora do coletivo da humanidade.

Em outras falas, observa-se que os *incels* igualam sua situação a uma infelicidade perpétua, por terem a perspectiva de uma vida solitária, com a sensação da certeza de um destino trágico, onde alguns trechos falam por si: *“Como caralhos eu fui feito pra ser feliz sabendo que eu nunca vou ser amado por ninguém, nunca vou ter uma família e sempre vou ser sozinho”* (016-D1); ou, *“você vai acabar sendo um miserável rejeitado perpétuo que não presta pra nenhum tipo de contato íntimo ou relação de pertencimento”* (033-D3); e *“Sei que você fica vendo todos os seus amigos recebendo amor e sexo enquanto você é privado disso graças a sua incrível genética de merda”* (033-D5). Tais falas centram-se nessa visão, nas quais estes indivíduos expressam seus receios e perspectivas de viverem uma existência marginal, excluídos da possibilidade de estabelecer um núcleo familiar – direito oferecido a todas as outras pessoas de suas comunidades.

Também pode ser visto no discurso dos fóruns manifestações de pensamentos com a ideia de que a infelicidade lhes foi transmitida no momento do nascimento, uma explicação que justificaria as situações de angústia e sofrimento. Um usuário diz: *“Eu acho que eu fui destinado e amaldiçoado a ser incel desde a minha concepção”* (019-G12). No trecho abaixo, é expressa uma ideia similar:

Eu nunca vou ter nada de bom e ninguém nunca vai me amar não importa o quão bom eu seja em algo do mesmo jeito que minha mãe disse quando eu era criança, acabou pra mim desde meu nascimento, está explicado porque ela me abandonou pra morrer. . . . mas realmente não tem esperança nenhuma pra mim, tudo o que eu sempre vou ser é um incel (026-D2).

Há ainda a manifestação de outro usuário, dizendo: *“A sua satisfação com a vida depende completamente do quanto você consegue tirar o foco da sua mente da solidão. Se você*

não consegue, então você fica miserável pra sempre” (019-D1). Tais excertos comunicam uma dificuldade em lidar com a tristeza, que parece perdurar indefinidamente e ampliar sua sensação de solidão.

4.3 Vingança e retratação: a violência atuada

Uma terceira categoria corresponde a menções de agressividade e violência direcionada a terceiros, em falas que muitas vezes se opõem às agrupadas na categoria anterior. Em alguns trechos encontrados nos relatos, os membros do fórum compartilhavam pensamentos negativos nos quais expressavam seus desejos de agredir pessoas de seu convívio, como podemos ver neste trecho: *“Hoje vi adolescentes bonitas e fiquei triste por não poder tê-las Eu meio que queria esmagar os rostos delas contra o balcão e estragar sua beleza”* (005-C2).

Aqui, pode-se entender que a frustração por não poder se relacionar com as adolescentes é canalizada para elas, na intenção de puni-las por evocarem sensações de impotência e insatisfação. Neste fórum, que aparenta ser um local seguro onde os *incels* encontram indivíduos com os quais conseguem estabelecer vínculos e falar sobre suas histórias, também há expressão de pensamentos e ideias que provavelmente seriam condenadas por outras pessoas, mas que não encontram repressão por parte do grupo.

Num outro tópico, cujo título pergunta aos membros qual a maior meta ou objetivo de suas vidas, dois usuários responderam: *“eu queria me tornar Hitler com as pessoas se matando quando ouvissem que eu iria visitar suas cidades (034-C1)”* e *“o coronavírus sofrer uma mutação e acabar com quem transa (034-C2)”*. Uma terceira resposta à mesma pergunta foi: *“não me importo com quem morre, desde que eu não tenha que ver eles me inferiorizando o tempo todo (034-C3)”*. Um quarto usuário disse: *“eu quero que todas as subfêmeas que me chamaram de feio, me humilharam, me inferiorizaram por causa da minha aparência e me zuaram aprendam uma lição (034-C4)”*. Duas outras respostas expressavam metas e objetivos centrados nos próprios indivíduos, que almejavam mudança e condições mais favoráveis, sem relação direta com manifestações de agressividade.

Somente um dos fóruns analisados estabelece em suas regras que é proibida a discussão de atividades ilegais, o que coíbe a discussão e planejamento de ações de violência, tais como os atentados previamente cometidos por Rodger e Minassian, que trouxeram atenção midiática aos *incels*. Contudo, há falas que expressam pensamentos e desejos dos membros que se aproximam de tais ações, como: *“eu durmo toda noite pensando em matar todo mundo (037-C4)”*. Outro participante fala, em resposta à ideia de trabalhar como terapeuta: *“Subfêmeas . . .*

. eu diria a elas que tudo o que lhes aconteceu é culpa delas porque é verdade . . . queria criar uma autoestima ainda mais baixa nelas e ódio por si mesmas (008-C1).

Em outros momentos, há falas nas quais os participantes evocam ações como os assassinatos em massa sob uma luz positiva, como neste trecho: “*Ser não violento enquanto a sociedade oprime a gente? Não valeu, o único jeito de resolver o problema dos incels é com um levante beta* (014-C2)”. A ideia de uma rebelião de celibatários involuntários foi expressa por Alek Minassian, numa postagem em seu Facebook antes de seu atentado, e pode ter tido inspiração na autobiografia de Elliot Rodger, na qual este detalha sua história e seus pensamentos sobre as situações vividas que lhe causavam sofrimento. Após sua entrada na faculdade, ele relata:

Desde que minha vida deu uma guinada trágica aos 17 anos, eu tinha fantasias frequentes de como seria terrivelmente satisfatório punir todas as crianças populares e jovens casais pelo crime de ter uma vida melhor do que a minha . . . como uma solução definitiva para lidar com todas as injustiças que eu tive que passar pelas mãos das mulheres e da sociedade . . . dei a isso o nome de Dia da Retribuição. Seria um dia em que eu faria uma retribuição e uma vingança absoluta com todos os vermes hedonistas que viveram vidas de prazer que eles não mereciam. Se eu não posso ter, vou destruir . . . Se eles não me aceitam entre eles, são meus inimigos (Rodger, 2014, p. 101, tradução nossa).

Rodger atingiu um total de dezenove pessoas antes de cometer suicídio ao executar seu Dia da Retribuição, concretizando seu plano de punir aqueles que viviam uma vida que, segundo ele, prejudicava seus direitos. Observa-se uma lógica semelhante em falas encontradas no material de análise, como: “[sobre ainda ser BV (Boca Virgem)] . . . *isso é brutal demais. Eu queria poder soltar uma bomba nuclear nesse planeta!* (017-C4)”. Ao recorrer à violência como forma de lidar com o que lhe causa aflição, os *incels* supõem que poderiam eliminar a fonte de seu sofrimento, que entendem estar situada em outras pessoas, ou mesmo no mundo inteiro, como a última fala sugere.

Além disso, o uso da violência pode servir não apenas para o fim deste estado de angústia, mas para a busca de vingança, como também é citado por Rodger, havendo desejo de provocar um sofrimento igual, ou maior, nos indivíduos considerados como responsáveis pela dor sentida pelos *incels*. Duas falas encontradas no conteúdo selecionado, falam explicitamente do tema. Uma é a seguinte afirmação, ao se referir à garota que havia rejeitado um pedido de namoro seu: “*que ela devia se matar . . . porra. Eu queria me vingar mas não sabia como* (020-C5)”. A outra diz: “*Eu não quero equalizar as condições, eu quero que todos os homens compartilhem das Stacies enquanto as Beckys e mulheres sub-humanas fiquem privadas de sexo. Eu quero vingança*” (025-C4). Numa terceira fala, um participante relata seus pensamentos, ao sentir-se atacado pelo comportamento de uma mulher: “*Ela ousou olhar pra*

mim desse jeito quando eu podia, mesmo na minha forma física sub-humana, acabar com ela num segundo. Quebrar aquele corpo de velha em dois” (027-C3).

Ainda que a vingança não seja efetuada por ações com efeito físico letal, deve ser considerada como expressão de sentimentos de raiva e hostilidade, devido à frustração advinda das relações com os indivíduos que estão próximos. Um membro diz “[que os normies] não recebam empatia da sociedade do mesmo jeito que eles fazem com a gente” (024-D4).

Outras falas a esse respeito são encontradas em um tópico que questiona a legitimidade de certos participantes, como pedófilos e indivíduos que apoiam a violência, cujo discurso parece divergir e atrapalhar os celibatários involuntários. Alguns dos participantes apresentam sua opinião: “*Concordo em não aceitar aqui volcels⁹ que nunca tentaram e acho que gente grosseira (grosseira com a gente). Mas eu acho que apoiar a violência está certo. A gente vai aguentar os bluepills arreganhando nossa bunda?” (014-C1).* Num outro trecho, é dito o seguinte:

nós já somos odiados, então é melhor aceitar os Elliot Rodgers e caras grosseiros só pra irritar os normies. Mesmo se o incels.co se afastasse dessas pessoas, a opinião e o tratamento dos normies e das subfêmeas pra com a gente não ia mudar, não tem por que tentar mudar pra agradar normies e o IncelTears (014-C3).

Mesmo sem defender ou desejar diretamente práticas violentas, os participantes parecem tolerar indivíduos que agem desta forma, considerando a violência enquanto resposta legítima diante da frustração, causada por sua dificuldade em relacionar-se com outras pessoas, provavelmente compartilhando de ideias e sentimentos agressivos de forma ocasional, ainda que não sejam expressos em ações. Tais sentimentos agressivos são manifestações advindas da sensação de frustração e perseguição sentida, que povoam o imaginário dos *incels* como uma terceira possibilidade que escapa à filosofia da pílula negra de tolerar suas limitações ou escapar por meio da morte. Assim, eles compartilham suas fantasias de dominar seu ambiente ameaçador e estabelecer suas próprias regras mais favoráveis.

Ao compartilhar tais ideias, entende-se que os *incels* atribuem a responsabilidade por seu mal-estar aos outros – *Chads*, *normies* e mulheres em geral. A ausência de relações sexuais e outros contatos afetivos se daria, portanto, devido à interferência e à capacidade desses outros de controlar o que eles entendem como mercado sexual, relegando os celibatários involuntários a um papel de vítimas, do qual parece não haver formas de escapar, ainda que tentem. Considerando isto, pode-se encarar o uso da violência como única forma de retratação vista como possível por este grupo, que se enxerga numa posição de fragilidade, e entende que

⁹ Como são chamados os indivíduos em situação de celibato por razões que estão dentro de seu controle.

manifestações de poder e retaliação podem servir para equalizar e trazer justiça frente à sua condição atual.

4.4 Suicídio e desesperança

Há também menções ao suicídio, que é entendido como uma solução e uma fuga de seus sofrimentos. O retrato dos *incels* em reportagens jornalísticas está frequentemente vinculado a atos de violência em planejamento ou atentados, mas na leitura dos tópicos, observou-se manifestações frequentes do desejo de acabar com a própria vida, como forma de escape de seus sofrimentos entendidos como permanentes. Os sentimentos negativos parecem oscilar entre alvos externos e os próprios *incels*, sendo a aniquilação da fonte de sofrimento a única solução definitiva para seu problema.

Alguns exemplos encontrados referem-se tanto a intenção de acabar com a própria vida, quanto ao desejo de morrer ou de não existir, como: “*Frequentemente tenho pensamentos suicidas graças a minha repugnância*” (015-E3); ou “*Pode ser que eu me enforque por outros motivos*” (001-E1). Um outro usuário afirma que “*tomara que eu morra logo*” (026-E4) e outro diz: “*dickcels realmente sabem o que é não ter esperança nenhuma*” (031-E2).

“*Não há esperança de escapar dessa prisão, não existe liberdade além disso, só um estado de sofrimento sem propósito*” (033-E2), relata outro participante, evocando a ideia que é referida pelos membros do fórum como *cope or rope*, aguentar sua situação ou escapar pelo suicídio. Tal ato parece estar associado tanto a possibilidade de fugir de seu estado de tristeza, entendendo que não há possibilidade de mudanças em sua vida, mas também pode ser uma forma diferente de manifestar a agressividade percebida nos excertos analisados na categoria de análise apresentada anteriormente. Um outro membro do fórum conta: “*Já me falaram pra me matar, que sou feio, que ninguém nunca vai me amar*” (039-E2), trazendo a ideia de que buscar a própria morte não é apenas entendida como uma possibilidade de fuga, mas como sentimentos hostis de terceiros, que os colocam em contato com situações e ideias que envolvem a violência.

Conforme observado na análise realizada por Maxwell et al. (2020), o suicídio é contemplado como uma possibilidade após situações de contato com a rejeição e o rompimento de vínculos. Pessoas externas à comunidade *incel* podem entender esta reação como uma forma exagerada e desproporcional de lidar com a tristeza e frustração, mas pode-se pensar que a experiência de solidão intensifica a importância dada às relações sociais, assim como amplifica o sofrimento que decorre de suas perdas. Assim, para além da agressividade direcionada a outras pessoas, uma outra forma de lidar com a agressividade, no caso dos *incels*, parece ser

direcioná-la contra si mesmos, buscando vias concretas que, em última análise, poderiam culminar no suicídio.

4.5 Noções sobre sexo: masculinidade e feminilidade

Um dos critérios de seleção para os tópicos analisados visava dar enfoque aos membros do fórum e sua própria visão de si, sem o objetivo de realizar de forma sistemática uma coleta de dados acerca da sua percepção sobre o feminino. Ainda assim, o conteúdo selecionado apresentou menções e trechos que explicitavam experiências e visões do sexo feminino, caracterizado de forma negativa e desagradável, como neste trecho: *“Eu não suporto meninas adolescentes. Qualquer mulher com menos de 25 anos, eu basicamente não suporto. Hoje em dia elas estão presas nesse modo bebê até chegar no fim dos 20, começo dos 30 anos”* (005-B6).

Observa-se que o desagrado causado pelo sexo feminino é atribuído a características diversas, como uma ausência de inteligência, ou uma tendência inata à misandria. Em algumas falas, explicitou-se uma inimizade entre os participantes da comunidade virtual e as mulheres, tidas como *“as arrombadas são a razão de todos os problemas masculinos. Só dou risada de alguém que pede ajuda pra umas arrombadas. São bocetas sádicas que tem prazer com o nosso sofrimento”* (030-B4). Tais fóruns vedam a participação de mulheres, de forma que tais observações não são confrontadas diretamente por seus alvos.

Em outros trechos, também se encontram falas que reforçam a ideia de que há uma relação causal entre o sexo feminino e o sofrimento dos *incels*. Dois membros afirmam de forma clara que *“Os homens subestimam o quanto as mulheres os odeiam”* (009-B3) e *“elas [as mulheres] são criaturas malignas”* (009-B4).

As mulheres não querem nada mais do que ver você morrer uma morte dolorosa. Elas odeiam sua existência. Odeiam seus genes. Ao contrário dos homens, as mulheres são muito hostis com genética ruim . . . Elas sabem que a sua vida não é nada além de tortura e sofrimento. Ainda assim elas não te abraçariam pra literalmente salvar sua vida, imagina dar algum prazer sexual. Por que vocês acham que isso acontece? Não é coincidência (009-B1).

Uma das queixas apresentadas é que o padrão que determina o valor das mulheres e dos homens é desigual e injusto para os últimos, oferecendo conquistas e elogios ao sexo feminino por realizar um trabalho mais fácil. Um dos membros do fórum afirma: *“Arrombadas = jogar no modo fácil. Tudo o que elas fazem é visto como útil e valioso”* (030-B5). Outros membros seguem uma lógica similar, dizendo: *“Ser negligenciado se torna mais fácil por essa sociedade bluepilled que fica empurrando essa ideia de que as mulheres são esses anjos inocentes que só*

querem um cara legal e respeitador e são o gênero menos raso” (018-B2), e que “Um monte de coisas tem que dar certo para que um homem se encaixe na sociedade” (018-B4).

Contudo, um dos participantes destaca um aspecto na relação entre estes dois gêneros, ao dizer: *“Essas táticas de humilhação não teriam nenhum poder se os homens não fossem igual cachorros brigando uns com os outros para conseguir a buceta das madames porque a única coisa que uma vadia pode oferecer é sexo e é isso aí. São os homens que colocaram um valor nisso” (042-B5).* Sua compreensão é de que tal discrepância no valor dado aos homens e às mulheres tem como responsabilidade a supervalorização do sexo, explicitado como único bem que pode ser oferecido pelo sexo feminino.

Embora as críticas às mulheres sejam tão contundentes, elas são importantes para fazer sexo, intensamente desejado pelos incels. Há comentários feitos por diversos participantes que reforçam a importância da atividade sexual em suas vidas. Um trecho diz: *“incels normalmente dizem que ser molestado não é tão ruim quanto ser incel” (012-E2).* Isso denota que a virgindade e a ausência de relações sexuais são entendidas como mais dolorosas do que tais situações de abuso. Outros membros do fórum dizem que *“reconhecem que amor e sexo são as partes mais vitais e crítica para a automanutenção e sobrevivência da humanidade” (033-H4),* e que viver *“. . . se torna sem sentido quando algo tão básico como sexo e reprodução é tirado de você. É algo básico, assim como comida ou água, não se pode morrer sem sexo, é verdade, mas há outros tipos de morte” (037-H1).* Tal atividade ocupa um lugar central no projeto de vida dos participantes, e assim torna-se compreensível seu entendimento de que a virgindade é o maior dos sofrimentos que lhes pode ser imposto.

Natureza feminina e feminilidade são coisas completamente diferentes. Ser gentil e doce e sensível, amável e espírito livre não são traços femininos . . . a natureza feminina é o oposto polar da feminilidade. A natureza feminina é repugnante e não tem nada atraente nela. Mulheres verdadeiramente femininas só existem na imaginação masculina (044-B1).

Este excerto, que representa a teorização de um dos participantes sobre o sexo feminino, apresenta um pensamento dicotômico, que divide as mulheres em seções bastante distintas: aquelas que são sensíveis e gentis, existentes apenas na imaginação do sexo masculino; e as mulheres no mundo real, que possuem uma natureza descrita como repugnante, coincidindo com outras descrições apresentadas em falas diversas nesta categoria.

Tais visões negativas acerca da feminilidade parecem entrar em conflito ao se realizar uma análise atenta das falas e ideias dos *incels* sobre sexo, sendo a ausência da prática sexual a situação que representa de forma sintética suas dificuldades. Mesmo tendo tais características

desprezíveis, as mulheres ainda permanecem enquanto objeto de desejo necessário para a realização do objetivo de estar em um relacionamento heterossexual. Um dos participantes relata um acontecimento de sua adolescência:

Na sétima série tinha essa menina na minha sala. Ela era ruiva com uns peitões Porra, ela tinha até a versão feminina do meu nome Adivinha? Esse Chad saiu do reformatório e foi transferido pra nossa escola uma vez ele foi no banheiro e pegou um pedaço de merda e começou a passar cocô em todas as paredes. Depois ele foi pro corredor e começou a passar lá também, nas maçanetas e tudo mais. Um completo psicopata Então, essa menina virou a cadelinha desse cara nunca vou me esquecer dessa imagem: o Chad e a menina no corredor, ele levantando ela pra ela conseguir beijá-lo. Todos os caras virgens passando e se sentindo uns merdas. Aposto que ela se divertiu por sinalizar algo assim, humilhando centenas de perdedores que estavam ali. . . (032-B1).

Ainda que esta garota, sua paixão, o decepcionasse ao se envolver com um rapaz com características explicitamente negativas, seu relato nos leva a entender que ele ainda se sentia atraído por ela. O estado de idealização no qual torna-se possível estar apaixonado por alguém se mantém mesmo diante de tal atitude inesperada, acrescido de sentimentos de ódio e mágoa pela decepção ocasionada. Pode-se tomar isso como ponto de partida para teorizar qual o papel da figura feminina no imaginário dos *incels*, que parece se destacar tanto quanto elemento de desejo quanto figura de poder, capaz de ferir e punir.

É possível supor que a relação com o sexo feminino seja calcada em noções idealizadas, que ao ser confrontada com dados da realidade e situações nas quais as mulheres não agem de modo correspondente ao esperado por estes homens, passam a ser vistas de forma exagerada e intencionalmente cruel. Da mesma forma, a percepção acerca da sexualidade feminina também é bastante generalizante, considerando que todas, jovens e adultas, possuem as mesmas intenções e interesses em relação a sexo. Este entendimento também contribui para uma visão excludente e preconceituosa sobre as mulheres, por resumi-las a características específicas observadas em algumas situações que lhes parecem relevantes.

Estes comentários, que foram realizados num tópico que visava debater sobre a participação de determinados membros que falavam de temas polêmicos, tais como violência ou interesse sexual em menores de idade, apontam para uma distinção entre jovens adolescentes e crianças, entendendo que após a puberdade estas adolescentes estão aptas para o sexo, e automaticamente deixam de ter quaisquer características infantis, como a necessidade de proteção: “[acerca de comentários sobre pedofilia no fórum] . . . *subfemêas jovens continuam sendo subfemêas e jogo limpo. Seria melhor acabar com todas como se fossem baratas, mas se um colega incel quer molhar o biscoito, eu não me importo*” (012-E4).

Por que caras atraídos por meninas pós-púberes de 14 e 15 anos estão sendo colocados no mesmo nível que viados que querem comer meninos de 5 anos? Vocês sabem que essas meninas

provavelmente já transaram? Já receberam pau dentro de todos os seus buracos, muitos dos quais de homens adultos? (012-E3).

A fala a seguir retoma a temática da desigualdade de condições entre homens e mulheres, demonstrando descontentamento pelo privilégio do sexo feminino em conseguir sexo independente de sua aparência, o que não vale no caso dos *incels*. “*É totalmente injusto que mulheres feias ainda podem ser sexualmente usadas por um Chad enquanto homens feios não conseguem nem atenção de uma mulher com o mesmo nível de beleza deles*” (025-H2). Tal discurso passa a mensagem de que o sexo é sempre algo positivo e que nunca é indesejado, mesmo numa situação contra a vontade, como sugere a expressão “*sexualmente usada*”.

Assim, é possível entender que tanto as noções acerca da feminilidade quanto das relações sexuais estão fundamentadas nas impressões psicológicas dos *incels*, ignorando alguns elementos da realidade na construção de suas crenças. Um outro aspecto constatado na observação do discurso dos participantes, também diz respeito à percepção negativa de características femininas, especialmente quanto atribuídas a si. Estes elementos de personalidade associados a feminilidade são vinculados à ideia de incapacidade e desprezados pelos membros do fórum, como pode-se observar no trecho a seguir:

Eu era visto como tendo uma aparência feminina, pequeno, baixinho, franzino, feio. Odiava esse rótulo. Sou muito masculino por dentro, tenho Asperger com altas habilidades, o que é um cérebro extremamente masculino, mas era tratado igual bosta por todo mundo (019-H8).

Este participante descreve um dos motivos pelo qual sentia-se tratado de forma diferente, entendendo que sua estatura reduzida o diferenciava de outros homens, diminuindo sua atratividade. Ele reforça características que julga masculinas, como a inteligência, para ampliar sua distinção perante a feminilidade. Outro membro do fórum relata: “*eu nunca me senti como um homem por causa da minha altura. Me sinto um pré-adolescente. É tão terrível A genética é uma coisa tão cruel, nenhum cabelo na minha cabeça mas um monte pelo meu corpo*” (011-H8). De forma similar ao usuário citado acima (019-H8), este último participante sente-se profundamente incomodado com aspectos físicos que desviam de aspectos entendidos como tipicamente masculinos.

Um terceiro membro, em um tópico dedicado a falar acerca dos *dickcels* (*incel* que atribui a causa de seu celibato ao tamanho do pênis), afirma: “*Sim, algumas subfêmeas até esquecem da sua aparência subhumana se você tiver um pau gigante pra que elas possam montar e chupar. É por isso que caras negros pintudos que são medianos/feios se dão tão bem*” (031-H3). No mesmo tópico, o autor da postagem principal diz:

O tamanho do pau afeta um homem no seu núcleo. É a essência da masculinidade; o fator que afeta todos os níveis de confiança e auto aceitação . . . não existe nenhuma quantidade de

escapismo ou combustível vital pra compensar o fato de que você tem um pinto do tamanho de uma criança prepubescente. Eu não consigo imaginar quantos homens de níveis variados de atratividade perderam totalmente seu senso de autoaceitação nesse mundo e foram encaminhados pra solidão e mesmo pro suicídio por conta desse único fator (031-H1).

Preocupações com o tamanho do pênis são comuns, e o ideal de imagem masculina contemporânea possui um órgão genital maior do que a média. Tal construção contribui para a insegurança de muitos homens com o seu corpo, que temem a possibilidade de ter um pênis inferior, ainda que em muitos casos esta insegurança se prova infundada (Mondaini et al., 2002). No caso dos *incels*, tal visão sobre si se soma à dificuldade de estabelecimento de relações e sensação de ser inferior, o que também pode afetar a percepção de sua própria masculinidade.

Vito et al. (2018) discutem o caso de Elliot Rodger à luz da noção de masculinidade hegemônica, reforçando que o corpo e seus atributos masculinos constituem um instrumento de poder; que a maioria dos homens não consegue alcançar, mas permanecem investidos na busca por este ideal, que continua a ser socialmente reforçado. Outra ideia fundamental na masculinidade hegemônica é a heterossexualidade, que não é apenas experimentada, mas precisa ser trazida a público, já que em espaços masculinos tais relatos funcionam como uma forma de estabelecer dominação entre os outros homens.

A partir deste conceito, pode-se pensar na condição de virgindade ou celibato dos *incels* que, como destaca este participante do fórum, frequentemente é utilizada no discurso popular para associações negativas acerca da capacidade masculina: “*Como podem dizer que ser virgem não importa, quando os homens são humilhados por serem virgens? Exemplo: pau pequeno (não vai fazer direito), inseguro, virgem (comumente usado como insulto), incel, certeza que você termina rápido demais*” (042-H1). Pode-se supor que estes indivíduos têm de lidar com o sofrimento decorrente de suas limitações sociais e também de um exercício da masculinidade que lhes parece insuficiente, reforçando sua condição de exclusão. Assim, buscam se desassociar e rejeitar aspectos femininos que estejam vinculados à sua aparência ou personalidade.

Um outro usuário do fórum contribui com uma fala sobre sua história, dizendo:

Me tornei ainda mais isolado. Eu era extremamente resistente a viver uma vida normal Bom, isso tinha muito a ver com meu medo da sexualidade. O motivo pelo qual a puberdade me assustava tanto era porque eu me sentia tão atraído pelas meninas que eu sentia que eu estava dando pra elas poder sobre mim. Some a isso o fato de que eu era feio, e parecia que estava destinado a ficar sozinho Em resumo: minha vida é completamente reduzida a uma palavra: fracasso (019-H6).

Neste relato, o participante correlaciona o medo da sexualidade com uma atração pelo sexo oposto que é sentida como muito intensa, que parece fugir ao seu controle e deixá-lo a mercê daquelas que desejava. Esta relação se aproxima da contradição observada nas falas

selecionadas nesta categoria, que coloca o sexo feminino como algo que ao mesmo tempo é cobiçado, mas descrito de forma negativa e perigosa.

As mulheres querem que os caras tratem elas mal porque aí elas podem assumir a tarefa de mudá-lo, e aí quando elas conseguem, elas ficam de saco cheio e largam dele. Isso também se aplica aos Chads, um Chad bonzinho também vai ser explorado, traído e não vai ter tanto sucesso com as mulheres quanto um Chad bad boy (041-B2).

4.6 Senso de privilégio ferido e autodepreciação

Juntamente com os temas já apresentados, muitas falas encontradas nos tópicos selecionados remeteram a outro aspecto dos participantes da comunidade *incel*: um senso de privilégio ferido, de desrespeito ou violação a algo que estes homens consideram ser direitos adquiridos com seu nascimento. Para os *incels*, o sexo é algo ao qual teoricamente todos os homens (ou pelo menos eles mesmos) deveriam ter acesso, sendo este o ponto crucial que evidencia sua inferioridade em relação aos demais. Assim, supõem que o feminismo lhes usurpou o acesso irrestrito ao corpo feminino e a possibilidade de impor a satisfação de seus desejos às mulheres; bem como direcionam sua inveja aos *Chads*, por estes possuírem o monopólio sexual.

Com suas teorizações, os *incels* buscam uma explicação que possa oferecer sentido a uma contradição que parece lhes atormentar: o fato de serem homens possuidores de qualidades diversas, herdeiros de privilégios diversos trazidos pela organização social patriarcal e assimilados pela cultura na qual foram educados, mas que falham no intento de estabelecer relações com o sexo oposto, sendo excluídos desta possibilidade de prazer e realização, que parece representar duas formas de satisfação: a primeira enquanto a ideia concreta do prazer advindo da relação sexual e de um possível relacionamento afetivo; e a segunda sendo um sentimento de validação de sua existência e pertencimento à comunidade, assim como de uma maior inclusão nos padrões de masculinidade.

Assim, pode-se pensar que este senso de privilégio ferido se fundamenta em duas crenças: na ideia de que as relações sexuais lhes são um direito universal, garantido por sua vontade e desconsiderando o desejo da outra parte envolvida; e que este grupo é tão possuidor deste direito como os outros homens. Embora reconheçam que suas características físicas são diferentes e lhes deixam numa posição desfavorável, os *incels* acreditam que são merecedores de um tratamento semelhante ao de outros homens, rejeitando a busca de outras possibilidades de conquista sexual. Atribuem a diferença física como responsável por seu infortúnio e se negam a reconhecer ou repensar atitudes novas que poderiam mudar seu cenário, baseando-se

na teoria de que os interesses do sexo feminino se baseiam exclusivamente em demonstrações primitivas de força e virilidade e, portanto, não há nada que possa ser feito por eles enquanto o sexo feminino possuir liberdade de escolha.

Deste modo, os *incels* mostram resistência a estabelecer relacionamentos de acordo com situações e experiências individuais. Suas referências para tais relacionamentos parecem depender de modelos externos, buscando o padrão estabelecido pela ideia de masculinidade hegemônica, tendo como objetivo valorizar os atributos tidos como ideais a fim de poder gozar de tal posição e suas vantagens. Vito et al. (2018) afirmam que homens que se sentem marginalizados na cultura masculina tendem a buscar de forma rígida condutas que se enquadrem numa ideia estrita de masculinidade, e pode-se tentar entender sua resignação e dificuldade em agir a partir desta hipótese.

“Você não tem direito a nada é uma frase autoevidente tão estúpida que engana incels e não afeta mais ninguém” (007-F7). Esta constatação indica o descontentamento dos *incels* com a privação sexual a qual são submetidos, por supor que outros grupos de indivíduos não estão sujeitos a esta mesma condição, gozando plenamente de seus direitos, ou com uma grande quantidade de coisas que lhes são socialmente autorizadas. Em ambas as interpretações, esta fala remete a uma possível idealização por parte dos *incels*, que neste trecho sugerem que outros indivíduos não estão sujeitos a constrangimentos e frustrações. Pode-se pensar nisso observando sua relação com as mulheres, entendidas a partir de um prisma negativo, no qual são frequentemente caracterizadas como desumanas, poderosas e irracionais, cujo objetivo maior é escolher um bom parceiro sexual. Não há reconhecimento ou consideração das dificuldades que o sexo feminino enfrenta na busca de relacionamentos, ideia que pode ser verificada no trecho a seguir:

Se eu ainda pudesse sentir raiva eu a direcionaria pra eles. A vida deles [dos normies] é de estabilidade mental e sucesso. A gente fica com menos do que os restos. Nós não recebemos nada. Não apenas excluídos, mas mortos como a Lassie no quintal (036-F3).

Um outro participante afirma: *“Se eu não tenho direito a nada porque isso iria gerar problemas para outras pessoas, então por que é que eles podem fazer a minha vida mais difícil?”* (007-F1). Nesta sentença, observamos o autor identificar-se com um papel de vítima, cujo sofrimento é injustificado por se considerar inofensivo, incapaz de gerar ataques e prejuízo àqueles que são seus algozes. Este raciocínio assemelha-se à visão apresentada acerca da feminilidade, na qual as mulheres são definidas de forma generalista e reduzidas às suas ações que agravam o sofrimento dos *incels*. Neste caso, as outras pessoas que impedem a realização dos desejos deste indivíduo também são entendidas a partir de uma ótica restrita, que supõe que tais indivíduos realizam todas as suas vontades e não enfrentam sofrimentos.

Ainda que não se considerem explicitamente bonitos ou atraentes, alguns participantes do fórum demonstram incômodo com a ideia de se relacionar com mulheres consideradas feias ou inferiores a um determinado nível de beleza (avaliado de 0 a 10, sendo 10 o mais alto). Um participante afirma: “*Eu não consegui com que nenhuma menina melhor do que uma 4/10 considerasse sair comigo, e eu me recuso a pegar a rapa do tacho (gordas ou sapatonas*” (019-F9). De modo similar, embora alguns participantes discutam a respeito e utilizem serviços de garotas de programa, outros se opõem a este tipo de prática sexual.

Discussões como estas sugerem que alguns *incels* consideram-se superiores diante das possibilidades de relacionamento que lhe são apresentadas, rejeitando-as por não serem dignas o suficiente para suas qualidades e, de certa maneira, dando continuidade ao celibato. Assim, observa-se a existência de uma nova contradição, entre a visão de si enquanto pária e sub-humano e a sensação de ser superior ao que lhe é ofertado pelo mundo.

Eu pedi uma sacola quando coloquei meus produtos no caixa e ela me deu uma olhada estranha, quando ela olhou ela me deixou ensacar meus próprios itens mesmo que tivesse sido mais fácil ela mesmo fazer. A pior coisa é que ela era uma baleia horrorosa. Eles deviam pelo menos empregar subfêmeas bonitas como caixas pra eu pelo menos ter um colírio para os olhos (027-F5).

Nesta fala, este membro do fórum mostra-se irritado pelo atendimento recebido numa loja, e destaca seu desagrado com a aparência pouco atraente da caixa. Seu entendimento é de que esta pessoa deveria lhe servir – tanto nas funções de seu trabalho, empacotando os produtos comprados, quanto com bons modos e uma aparência agradável. Ao não lhe oferecer o que era esperado, o autor desta postagem revela seu incômodo e ofensa, encontrando-se em uma situação onde tem a sensação de privilégio ferido, em que não tem sua importância reconhecida pelas pessoas ao seu redor.

Também pode-se observar reações, consoantes com essa sensação na história, a seguir:

Essa menina super gata 7/10 fazia Educação Física comigo e eu gostava muito dela Eu dizia coisas como “Oi, o que vai fazer no final de semana?” ou “E ai, como foi o fim de semana?” Ela respondia “bom” ou “nada” de um jeito muito quieto sem nem olhar pra mim. O que me deixava muito puto e revoltado é que ela sempre puxava conversas com o chad que sentava perto de mim e nunca me reconhecia. Eu era uma porra de um fantasma pra ela Decidi seguir ela [no Instagram] e torcer pra ela me aceitar e me seguir de volta. Ela tinha uma conta privada. Eu só tinha uns 30 seguidores até então porque eu era um fantasma pra todo mundo Mas o que me deixou mais chateado foi que ela não me seguiu de volta. De novo, ela tinha uns 300 seguidores e tava seguindo quase 1000 pessoas incluindo meu amigo normie impopular fracassado Tudo isso me deixou muito chateado e com ciúme. Lembro de fazer um buraco socando a parede de tanto estresse e frustração com essa desgraçada me tratando igual merda. Até hoje eu fico tão puto pensando nisso que tenho vontade de matar ela Então mandei uma mensagem pra ela. Falei oi e perguntei se ela podia me seguir de volta. Eu só queria o sentimento de que uma menina de quem eu gostava estava me seguindo de volta . . . [Ela disse] “não tenho tempo, estou ocupada ficando com a minha família” Alguns dias depois tentei mandar outra mensagem e perguntar como estava sendo o Natal. Ela respondeu de volta dizendo que estava bom. Fiquei surpreso que ela me respondeu. A gente falou de coisas

que gostávamos de fazer e provavelmente foi um dos melhores dias da minha vida No dia seguinte decidi que iria tentar chamar ela pra sair e pedir ela em namoro e ela disse não porque eu era um “babaca insuportável” e ela “não queria eu mandando mensagem pra ela mais” e quando eu perguntei que merda eu tinha feito de errado ela disse “EU JÁ TE FALEI” e me bloqueou Depois das férias de final de ano quando nos encontramos de novo na escola eu fui até ela na hora do almoço e falei que ela era uma boceta maldita e que deveria se matar (020-F1).

Neste relato, o autor fala sobre seu interesse amoroso, destacando sua boa aparência ao narrar a história. Contrariando suas expectativas, ela não retribui sua atenção, evitando se engajar em conversas, ou segui-lo no Instagram. Tal recusa não parece afetá-lo, prosseguindo em sua tentativa de conquista independente das reações da garota e tentando iniciar um relacionamento após o que parece ser a única conversa recíproca que ambos mantêm. Pode-se supor que, ao ignorar os sinais observados no comportamento desta garota, os interesses do autor da postagem estavam enfocados na satisfação de seus próprios desejos, sem haver preocupação em agradá-la, ou se esforçar para conseguir o seu interesse.

Ao se mostrar indignado por não ser seguido pela garota, já que ela seguia seu amigo “*impopular fracassado*”, o autor explicita um senso de importância em relação a si próprio, possivelmente julgando-se superior a seu colega e mais digno da atenção da jovem, o que também pode ser aplicado a sua reação ao seu relacionamento com o *Chad* que sentava próximo dele. Os sentimentos de raiva e incompreensão pelo desinteresse de sua colega em relação a si, são intensificados pela comparação com outros pares, com características consideradas inferiores, mas que ainda assim obtiveram sucesso no intento desejado pelo sujeito.

Nesta lógica encontra-se uma contradição, que aparentemente é inexplicável: a ideia de que os indivíduos com as maiores qualidades não obtêm o maior reconhecimento. Assim, os sentimentos negativos em relação a própria aparência e capacidade de estabelecer relações e a filosofia fatalista da *blackpill* divergem desta concepção de si mesmo, enquanto um indivíduo que deve ser apreciado por suas características intrínsecas.

Minha personalidade é a epítome da contracultura. Eu não conseguiria me misturar com os normais nem se eu tentasse. Gosto de filosofia e história (baboseira judaica de esquerda não conta, que é o que 99% das pessoas que gostam do que eu gosto acreditam), que ninguém mais gosta, a menos que você seja incel. Mulheres e normies são burros demais pra isso e Chads estão ocupados demais transando pra isso. Eu só gosto de jogos incel de estratégia no PC e eu não consumo mídias modernas porque não sou um viadinho. Meu senso de humor são só piadas politicamente incorretas sobre raça, judeus, misoginia ou ódio a um grupo de pessoas não especificado. Homens normies não conseguem me entender porque eles não têm consciência, mulheres não me entendem porque é da natureza delas serem burras e idiotas igual macacos. Dito isso, minha personalidade não é ruim. Eu não fiz mulheres rir ou algo assim porque meu QI é alto demais e minhas piadas passam despercebidas, mas incels e homens em geral parecem gostar das minhas piadas. A minha personalidade só está num plano superior e só pode ser aceita por pessoas iguais a mim (045-F1).

Esta postagem evidencia um sujeito que se sente apartado dos outros, afirmando que seus interesses não são compartilhados por outras pessoas, “*a menos que sejam incel*”. Seu senso de humor, que se utiliza de piadas sobre grupos específicos, também não parece muito popular. As explicações encontradas pelo autor para justificar tal impopularidade focam nas supostas deficiências do interlocutor, frisando que os *normies* e as mulheres são burros demais e por isso não são capazes de apreciar suas qualidades, apresentadas como um QI muito elevado e uma personalidade que está num nível superior.

Tal discurso de um valor não reconhecido pelas pessoas ao redor também vai ao encontro desta ideia de privilégio ferido, no qual os *incels* tem uma sensação de importância maior do que lhe é dada e de que seu valor devido não é reconhecido, atribuindo para isso falhas na capacidade de terceiros de compreendê-los, como neste caso é feito com as mulheres.

Kalish e Kimmel (2010), ao discutirem a relação entre assassinatos em massa e o sexo masculino, afirmam que “o que transforma a sensação de ter sido enganado em um crime como estes é o senso de privilégio, de usar a violência contra outras pessoas, para que elas possam sofrer da mesma forma” (p. 455, tradução nossa), correlacionando tal sentimento com a sensação de humilhação que, no caso dos homens, demanda uma retratação em forma de vingança como forma de recuperar a masculinidade. Alguns discursos observados, tais como “*sinto que se eu não puder ter essas meninas então ninguém mais vai poder . . . como uma criança mimada, prefiro quebrar um brinquedo do que dividi-lo*” (005-F1), podem ser compreendidos nesta perspectiva, que busca reparar o dano sentido, retribuindo a agressão sofrida.

Tal noção pode ser observada no relato de Elliot Rodger (2014), ao falar de seu Dia da Retribuição: “minha tentativa de fazer tudo em meu poder para destruir tudo aquilo que eu não posso ter” (p. 137, tradução nossa). Num outro trecho, ele afirma:

Todas as vezes que eu via um cara andar com sua namorada bonita, eu tinha vontade de matar os dois do jeito mais doloroso possível. Eles merecem, eles devem ser punidos. Os homens merecem ser punidos por viverem uma vida melhor e mais prazerosa do que a minha, e as mulheres por dar essa vida prazerosa a todos os homens ao invés de mim (Rodger, 2014, p. 135, tradução nossa).

Assim, esta noção de privilégio masculino roubado tem como consequência o desejo da retribuição do sofrimento por meio de vingança, como forma de reforçar o exercício de características reconhecidas como tipicamente masculinas. De forma parecida com a fala citada anteriormente, ambos parecem mostrar-se ressentidos não apenas pela rejeição, mas também pela capacidade de terceiros de possuir aquilo que acreditam ser seu, o que não pode ser suportado, e demanda por alguma forma de compensação.

Além disso, também se observou falas autodepreciativas que destacam, com exagero, os pontos fracos destes indivíduos: “[Sobre ter sido estuprado] *Não é nenhum mistério que eu tenha virado essa coisa patética, nunca tive chance nesse mundo, fui feito pra sofrer desde o começo*” (021-G3). Outro indivíduo relata, em um outro tópico, que “*homens feios não tem valor, e por isso não tem direito a nada além de sofrimento, solidão, rejeição, bullying, ódio e a morte*” (007-F5). Nestes discursos, o que se sobressai é a maneira de expor o que sentem, muitas vezes ultrapassando os acontecimentos que geram angústia e se utilizando de explicações simplificadas que justificam sua situação. Ao descrever sua aparência, há ênfase apenas nos aspectos que lhes desagradam, negando ou ignorando que possa haver qualquer qualidade, como pode ser visto nos seguintes trechos:

Ainda pareço um pedaço de bosta inchado. E conforme eu fico mais velho as coisas só vão piorar pra mim, cada vez mais rápido. Como é que isso é justo? Como é que eu não deveria ficar com raiva do mundo e da sociedade? . . . Pra ter alguma sorte você precisa ter alguma parte de você que não é repulsiva (015-F1).

Também sou étnico, sou um cara baixo e desengonçado com problemas mentais graças a muitos anos de bullying e humilhação, tenho dentes amarelos, meu rosto é absolutamente fodido, tenho orelhas enormes, nariz imenso horroroso de judeu e sobrancelhas gigantes, sinceramente viver como um incel 2/10 é insuportável (015-F2).

Um outro participante do fórum diz:

Sou virgem com 21 anos e conforme mais e mais pessoas nesse site vão falando que já fizeram sexo em algum momento eu só vou me sentindo cada vez pior, mesmo entre os incels eu sou o mais incel de todos (017-F1).

Neste trecho, ele afirma sentir-se em maior situação de desvantagem do que todos os outros celibatários involuntários, o que implicaria num maior direito de sentir pena de si mesmo e maior validade de seu sofrimento. Ainda que de forma distorcida, este discurso também se assemelha ao do privilégio ferido, por buscar o resgate de uma posição de superioridade em meio ao sofrimento psíquico. Outros exemplos de falas autodepreciativas são: “*não tenho nenhuma forma de lidar com isso, eu aceitei que eu sou um monstro sub-humano com genética lixo que nunca deveria ter existido pra começo de conversa*” (017-F5); “*eu devo ser a coisa mais desprezível que já tocou neste planeta, queria nem ter nascido*” (026-F3); e “*minha vida acabou no instante em que eu saí do útero da minha mãe, e honestamente eu não tenho ideia de como consegui me iludir por tanto tempo*” (022-F6).

Tal discurso pode sugerir uma dificuldade por parte dos *incels* de manter uma visão realista de sua condição, utilizando como referência principal suas emoções e dados de sua realidade psíquica, deixando de lado informações mais objetivas acerca de si mesmo, ou de seu vínculo com terceiros. Como exemplo, o trecho a seguir mostra um dos participantes utilizando-se de acontecimentos em suas relações anteriores para prever como serão seus futuros contatos

com outras pessoas, manifestando uma certeza bastante similar a incontestabilidade que caracteriza a filosofia da *blackpill*:

Eu já tive amigos antes, e eu percebi que porque eu sou feio eu sempre vou ser tratado mal e sempre serei eu constantemente tendo que me defender. Não importava se eu falava mais que os outros e fazia as pessoas rirem mais do que os outros, como eu sou feio eu sempre terei um valor baixo. O motivo pelo qual eu sempre quis ficar sozinho (a maior parte do tempo) é que meu cérebro está me dizendo que eu sou feio demais pra ficar no meio dos outros (040-F4).

Em resposta a um tópico que pergunta se, caso tivessem uma namorada fiel e carinhosa, a tratariam mal, um dos *incels* questiona: “claro, no começo a gente ficaria super feliz de ter alguém nos amando. Mas e a longo prazo? Ficaríamos muito desconfiados de estar sendo cornos por exemplo” (041-G4). Com isto, pode-se pensar que tais impressões psicológicas também afetam sua capacidade de estabelecer e manter relacionamentos, contribuindo para a manutenção de sua situação desfavorável e agravando seu sofrimento, que acarreta numa busca de ações que efetivamente não contribuem de modo mais razoável para reverter este estado, algumas das quais utilizando de violência.

5 CONSTRUINDO SIGNIFICADOS PSICANALÍTICOS

A partir da apresentação realizada no capítulo anterior, acerca das temáticas mais prevalentes no discurso dos *incels*, aqui será dedicada a realização de análises utilizando o referencial teórico da psicanálise a fim de encontrar sentidos que ofereçam maior compreensão sobre este grupo, acerca de seus sentimentos relatados e comportamentos mais predominantes. Ao longo da etapa anterior, alguns elementos nas falas dos sujeitos presentes nos materiais selecionados surgiram em maior frequência e suscitaram atenção, como: a crença definitiva em que seus destinos estão traçados num caminho infeliz; a visão contraditória sobre o sexo feminino que descreve as mulheres como perfeitas e inalcançáveis, mas ao mesmo tempo inferiores e cruéis; e a ideia de que outros grupos sociais os oprimem e apropriam-se de prazeres e vantagens que os *incels* creem merecer – ideias frequentemente apresentadas de forma contundente e inquestionável. Estes pontos serão novamente apresentados em uma leitura que se utiliza da teoria kleiniana, traçando interpretações e aproximações entre os temas que permeiam as ideias dos *incels* sobre si próprios e os aportes oferecidos pelo material psicanalítico, para compreender de forma mais profunda os resultados obtidos na análise de conteúdo, apresentada na unidade anterior. É pertinente destacar que, neste capítulo, as categorias de análise são apresentadas nesta discussão em outro arranjo; e a categoria “Senso de privilégio ferido e autodepreciação” é discutida no terceiro tópico, assim como as categorias “Solidão e exclusão: a violência sofrida” e “Suicídio e desesperança” são interpretadas em conjunto no tópico que encerra esta seção.

5.1 Um mundo hostil enraizado em sentimentos persecutórios

O dado presente nas falas dos *incels* de que o mundo é compreendido enquanto um ambiente hostil e perigoso pode ser interpretado como manifestação de que o ambiente externo se apresenta como algo opositor e frustrante, tal como no entendimento kleiniano se apresenta ao recém-nascido e que, dependendo de como se configuram estas vivências em tão tenra idade, influenciam o modo como os sujeitos vivenciarão ao longo de suas vidas situações semelhantes. A percepção destes indivíduos sobre o ambiente que os cerca foi evidenciada na primeira categoria de análise, composta por uma congregação de falas que compartilhavam da expressão do sofrimento sentido pelos *incels*. A escolha do título “um mundo hostil: a violência percebida” faz referência a esta ideia: a da percepção por parte do grupo analisado de ocorrências que os vitimam de forma constante, mantendo-os aprisionados no que sentem ser

um ciclo injusto em que a possibilidade de sucesso nos relacionamentos é inexistente, devido à ausência de aceitação por parte dos *normies*.

Esta forma de entender sua condição aponta para a percepção por parte dos *incels* de uma relação desigual de poder entre seu grupo e as outras pessoas, tornando válida para eles a crença de que os *normies* possuem o controle das situações – o que os leva a se perceberem à mercê de outros grupos sociais detentores de múltiplos privilégios, entendidos como inacessíveis para eles, tais como beleza e habilidades sociais. Além disso, estes indivíduos entendem que, mesmo buscando formas diversas de equiparar-se ao padrão desejado para estabelecer relacionamentos, estão fadados ao fracasso, conforme explica a filosofia da pílula negra. A crença na ausência de possibilidades de mudanças, apesar de seus esforços, seria em seu ponto de vista o cerne do grande sofrimento psíquico do qual se queixam.

Esta dinâmica faz com que tal situação em que se encontram seja atribuída como culpa dos *normies*, como se estes não possuíssem empatia pelas limitações e sofrimentos abundantes na vida dos *incels*. A revolução sexual e o empoderamento decorrente do movimento feminista, ao oferecer para as mulheres maior poder de decisão sobre seus corpos e projetos de vida, são vistos pelos sujeitos depoentes como responsáveis pela diminuição do poder e das liberdades masculinas no contexto dos relacionamentos. Além disso, estes indivíduos do grupo estudado ainda se sentem mais prejudicados que os demais homens, por não desfrutarem dos privilégios do seu gênero em função de não se sentirem possuidores de uma aparência desejada e não serem percebidos como estereotipicamente masculinos, percebendo-se numa situação de negligência e marginalização por parte dos *normies*.

Uma das falas utilizadas na análise oferece uma síntese precisa deste pensamento, ao questionar a posição do sexo feminino como frágil e merecedor de maior cuidado ao longo da história. Na visão do autor da fala, as dificuldades impostas ao sexo masculino seriam maiores, pois a eles era esperado que executassem o trabalho mais fisicamente desgastante e a manutenção da segurança por meio do confronto físico, punindo qualquer demonstração de fraqueza com o esquecimento. Nesta concepção, tal exigência torna-se uma contradição à medida em que os homens devem desempenhar tais funções e demonstrar virilidade, ao mesmo tempo que podem ser punidos pelo uso da violência.

Ao mesmo tempo em que os indivíduos do sexo masculino são socialmente requisitados a agir de forma agressiva e impositiva, este comportamento também passou a se tornar alvo de reprovação crescente nas últimas décadas. Neste cenário, os *incels* sentem-se prejudicados e lesados com o que enxergam como uma proteção e busca excessiva por direitos femininos, pois entendem que as mulheres já acumulam privilégios por serem tradicionalmente protegidas da exposição a situações de violência – dado que estas são vítimas de uma ausência de liberdade

no modelo patriarcal tradicional, mas esta condição é equilibrada de certa forma pela noção de que os cuidados fundamentais para a sobrevivência deveriam ser providos pelo homem, mantendo-as mais seguras diante de determinadas situações de perigo; enquanto os homens tradicionalmente tinham maior exposição a condições de risco, associada a uma maior liberdade em fazer escolhas para seu futuro e seus desejos.

Partindo desta visão, o grupo analisado entende que no momento atual há uma perda de liberdades masculinas por conta da revolução feminista, e isso agrava seu sofrimento por pertencerem ao sexo do qual espera-se demonstrações de força constante, para os quais já há pouca oferta de ajuda e cuidado. No caso dos *incels*, pode-se hipotetizar que em sua história houve ocorrências – seja por sua intensidade, seja por dificuldade dos próprios indivíduos em defender-se – causadoras de sentimentos de carência e necessidade de proteção, dos quais foram privados pela suposição de que por conta de seu gênero estes deveriam suportar tais ofensivas. Diante desta falha em lidar com as cobranças estabelecidas pela realidade externa, tais sujeitos passam a sentir que sua condição no mundo é a de vítimas incapazes de esboçar ações que tenham impacto suficiente para defender-se e enfrentar as adversidades.

Tais sentimentos de privação, angústia e revolta podem ser pensados a partir do referencial kleiniano sobre a experiência do nascimento e as primeiras relações objetais. A intensidade da angústia ante ao sofrimento vivido e a imaturidade do ego no período demanda o uso de mecanismos de cisão, que garantem a preservação de suas experiências de bem-estar sem que estas sejam perturbadas e associadas ao sofrimento. No início da vida do sujeito há diversas vivências primitivas de caráter ansioso que remetem a experiências de ser hostilizado e de fragilidade, que parecem ter semelhanças com os relatos selecionados nos fóruns: ainda que as circunstâncias não sejam as mesmas, os sujeitos discursaram sobre situações nos quais sentiam-se atacados pelas pessoas ao seu redor (como sua família, amigos e a sociedade de forma geral), tendo suas necessidades deliberadamente ignoradas. Conforme a filosofia da *blackpill* sugere, estes sujeitos não têm recursos para defender-se desta perseguição, por estarem em posição inferior. Esta visão sobre si mesmos pode ser comparada ao estado de indefensabilidade e desamparo que provém destas experiências iniciais de intensa ansiedade – cuja intensidade varia para cada pessoa, assim como variam os recursos psíquicos disponíveis para suportar a frustração e o sofrimento associados a este período inicial.

Aqui, teoriza-se que esta visão dos *incels* sobre o tratamento recebido das pessoas que os cercam está associada à compreensão cindida de objeto, resgatando o objeto mau como causador de seu sofrimento, limitando o seu acesso a experiências satisfatórias, vínculos afetivos e reconhecimento social de seus pares. Diante do material apresentado, é possível analisar a percepção deles de que estão aprisionados em um mundo agressivo, que os persegue,

e que recorre a formas múltiplas de prejudicar sua existência como uma construção resultante do uso de mecanismos projetivos e introjetivos que remontam à suas primeiras experiências de vida, associados a um período marcado pela ansiedade e medos de natureza persecutória. É possível pensar que defesas como a identificação projetiva atuam neste contexto, fazendo com que as pessoas ao seu redor não sejam apenas identificadas como objetos maus devido a seus próprios conteúdos negativos, mas que também sejam percebidas como destinatários de um movimento projetivo por parte dos sujeitos analisados, que atribuem a terceiros seus estados mentais mais aflitivos, e posteriormente sentem-se atacados por estes.

A construção pessoal defendida pelos *incels* na filosofia da pílula negra pode ser entendida à luz da teoria kleiniana como uma ideia que racionaliza o jogo destas defesas primárias do ego; já que a crença nesta filosofia oferece como justificativa a ideia de que o sofrimento sentido em situações de conflitos interpessoais seria de responsabilidade inteira de terceiros, detentores de maior poder social, que decidem por excluir os *incels* das possibilidades de satisfação amorosa em um movimento aparentemente deliberado e discriminatório.

Esta percepção, que se constitui como uma distorção da realidade no momento atual, está vinculada a experiências e sensações reais de desamparo e temor, incluindo ocorrências repetidas de situações vexatórias relatadas em trechos encontrados no conteúdo analisado, que são associadas e sentidas como ataques realizados pelos indivíduos ao seu redor. Na análise de conteúdo, foram encontrados trechos que evidenciaram vivências de violência física e psicológica, advinda tanto do contexto familiar quanto de outras situações sociais, como *bullying* e discriminação racial. Tais relatos observados parecem impactar psiquicamente o entendimento dos *incels* sobre si mesmos e constituem objetivamente experiências em um ambiente hostil, que podem funcionar reforçando a visão ameaçadora projetada anteriormente em seu contexto socioambiental. Klein (1937/1996c) destaca que circunstâncias ambientais desfavoráveis podem evocar imagos infantis terríveis dos pais inflexíveis que permaneceram internalizadas pelo sujeito, o que ajudaria a compreender por que algumas pessoas são capazes de vivenciar situações abusivas e ainda assim dar continuidade a suas vidas sem a sensação de terem sido completamente vitimadas, ao contrário do que ocorre com os *incels* – no caso destes, a conjunção de vivências reais e ansiedades psíquicas estabelece um cenário de fragilidade e sensação de impotência, reforçando a percepção negativa, que se retroalimenta.

Em seu trabalho “Amor, Culpa e Reparação”, Klein também afirma que a satisfação de nossas necessidades de autopreservação permanece intimamente ligada à gratificação decorrente de sentir-se amado, derivando ambas da mesma fonte. “Ter o nosso sustento garantido, na mente inconsciente, também implica a garantia de não sermos privados de amor e de não perdemos a mãe” (Klein, 1937/1996c, p. 378). Assim, na impossibilidade de satisfazer

estas condições básicas, a penúria concreta vivenciada pelo indivíduo é intensificada por sentimentos derivados de vivências arcaicas em que a privação aparecia vinculada à sensação de desamparo – estabelece-se uma relação entre as imagos más das figuras paternas e as circunstâncias difíceis da realidade.

Para os *incels*, vivências de privação material, um lar agressivo ou experiências repetitivas de exclusão em seu contexto social, podem ter sido interpretadas como o retorno deste estado marcado pela presença dos objetos maus e inflexíveis, que falhavam em conduzir aos estados de satisfação e tranquilidade. Ao analisarmos seu contexto atual, privado de vínculos afetivos e valor social, a mesma relação pode ser pensada para explicar a razão pelas quais teorias utilizadas por eles para explicar sua condição atribuem a causa de seu sofrimento a elementos externos, que não estão sob seu controle e que não podem ser alterados por seu esforço.

5.2 Vingança enquanto consequência da inveja e ódio

Outros conteúdos relevantes encontrados nas falas analisadas dos *incels* eram caracterizadas por conteúdos agressivos e violentos direcionados a terceiros. Muitas vezes estas contradiziam dizeres encontrados em outros trechos, nos quais estes descreviam a si mesmos como sujeitos entristecidos e desejosos por contato íntimo, sem afiliações com discursos de ódio. Há trechos manifestando desejo de ferir, física e psicologicamente, as pessoas tidas como responsáveis pelo sofrimento sentido por eles: mulheres – particularmente as mais bonitas – por excluírem-lhes da possibilidade de realização do desejo de contato íntimo, e homens bem-sucedidos, que lhes usurpam o direito de tal contato e ocupam a posição desejada por eles.

As falas que compuseram este dado de análise estão associadas à ideia veiculada em algumas mídias de que a comunidade *incel* apresenta afiliações com grupos extremistas, discurso de ódio e terrorismo. Tais elementos, particularmente concentrados na terceira categoria de análise, parecem incorporar e externalizar a hostilidade percebida contra aqueles que são os causadores de tal sofrimento. A violência remete à possibilidade de vingança e de rebelião/revolução, afirmando-se na ideia de eliminar o intenso estado de angústia advindo da exclusão, destruindo aqueles que são os principais responsáveis por seu celibato involuntário.

Os relatos que tratam explicitamente do desejo de agredir, ferir e punir as pessoas entendidas como responsáveis por sua situação possuem componentes de inveja e paranoia. As mulheres e os *normies*, tratados como algozes, ocupam este papel que notadamente é marcado por mecanismos de idealização, associados a vivências esquizoparanóides. As relações de objeto estabelecidas nestas circunstâncias evocam os objetos parciais maldosos que expunham

o indivíduo a experiências de privação e frustração, mobilizando por parte do indivíduo contra-ataques sádicos que visam sua destruição. As mulheres são vistas sob um prisma maligno e, enquanto objetos, aproximam-se da definição kleiniana de seio mau: seu egoísmo e maldade são evidentes ao recusarem aos *incels* que desejam suas qualidades (a satisfação sexual, o afeto, o olhar apaixonado).

Fica evidente no discurso desses sujeitos a percepção de que todas as mulheres têm o poder de lhes proporcionarem a satisfação almejada, e que esta não ocorre por haver uma negação intencional, uma ruptura consciente de seus desejos com a intenção de prejudicá-los – um movimento consonante com a crença de que são vítimas e foram alvos de outros ataques ao longo de sua história pessoal. Assim, ao mesmo tempo, a figura feminina permanece dotada de grandes poderes e intenções terríveis – visão associada a mecanismos de defesa paranoides como a idealização e a projeção, que promovem uma distorção perceptiva e transformam o indivíduo em uma figura mais imponente do que de fato é. Sua personalidade inquestionavelmente sádica resulta dos processos projetivos típicos do ego arcaico, que atribui os conteúdos agressivos que surgem em si mesmos ao objeto externo – e tal construção psíquica é eficaz para a narrativa dos indivíduos analisados, pois ao terem a certeza de que há uma figura cruel que inevitavelmente os condenará ao sofrimento, os desejos de destruição e sentimentos de ódio encontram uma justificativa e podem ser entendidos como uma reação de proteção.

Em relação aos homens que ocupam a posição almejada pelos *incels*, pode-se entender neste caso que a inveja se manifesta perante a aparente ausência de inveja percebida nestes indivíduos. Klein (1957/1991d) afirma que a pessoa invejada é aquela que, no fundo, é possuidora de um objeto bom que lhe proporciona segurança e tranquilidade, e que por conta disto está livre da infelicidade alimentada pelo ressentimento. Este estado de sanidade e confiança – que constitui a fundação do estabelecimento de relações afetivas maduras – é atribuído à vida dos *normies* e se traduz em qualidades percebidas pelos *incels* como faltantes em si próprios.

Homens e mulheres *normies* exibem características desejáveis aos olhos destes indivíduos, que têm suas expectativas frustradas ao sentirem que não são capazes de gozar destas qualidades. Assim, tais manifestações hostis também sugerem uma dificuldade dos sujeitos de lidar com o conflito ambivalente, entre amor e ódio, que surge na posição depressiva – esta expressão maciça de seu sadismo nega de forma veemente as possibilidades de aproximação com tais figuras, que também lhes causam sofrimento. O manejo de uma relação interna com um objeto que frustra e provoca inveja, mas evoca desejo na mesma medida, torna-se demasiado complexo ante sua capacidade egóica limitada.

A adoção de tais discursos centrados no ódio, entendidos como um movimento reativo que visa defender os *incels* das agressões que estes creem lhes ser imputadas pela sociedade, evidencia a intensidade de seu sofrimento, ao buscar a destruição das figuras que seriam responsáveis por este estado de privação. Tal ódio expressa a raiva sentida por estes sujeitos ao não se sentirem bons o suficiente para atrair a atenção das pessoas desejadas (o interesse e desejo sexual por parte das mulheres, a amizade e o respeito por parte de outros homens), assim como a indignação ao verificar que outros indivíduos, também dotados de partes más, ainda assim conseguem preservar suas qualidades e vivenciar bons vínculos com outras pessoas. Há, neste contexto, a sobreposição de duas circunstâncias que mantêm os *incels* à margem da satisfação desejada, intensificando sua raiva.

Ao considerar que a visão dicotômica que ampara tais desejos lesivos está sustentada por mecanismos de defesa característicos de um período inicial do desenvolvimento, como a projeção e a cisão, também é válido destacar que o uso excessivo de tais recursos pode levar a empobrecimento do ego – estado em que o sujeito tem a sensação de ter perdido os aspectos sadios de sua personalidade. Isto dificulta a possibilidade de ação em seu favor e reforça a filosofia difundida entre os *incels* de que não há esperança de mudança, independentemente de suas ações, sustentando uma posição passiva de manutenção destes sentimentos hostis que se traduz em rancor e ressentimento, ante a falta de um estado satisfatório.

Assim, a expressão de tais ideias em conversas com outros membros que partilham dos mesmos sentimentos apresenta-se como uma das poucas possibilidades ao seu alcance, para dar legitimidade ao que sentem e agir em busca de uma vida mais favorável, ainda que isto se dê por meio de ataques virtuais e indiretos contra aqueles que supõem ter responsabilidade pelo sofrimento do grupo analisado. O sofrimento e a frustração excessiva fomenta sentimentos destrutivos nos *incels*, que os direcionam a pessoas de fora de sua comunidade em manifestações desejando vingança e retratação – tencionando aniquilar aqueles que possuem qualidades faltantes em si próprios, imaginando que a punição destes algozes permitirá que possam satisfazer seus desejos: ora pela ideia de serem libertos de sua situação social opressiva, ora por castigar outros indivíduos que ousaram se apropriar de algo que os *incels* acreditavam merecer, mas não conseguiram apreciar de forma satisfatória, por conta de sua dificuldade em lidar com a ambivalência em relação ao objeto e da persecutoriedade decorrente do uso de idealizações.

Também pode-se teorizar que esta solução encontrada pelo ego, na qual ocorre a projeção de desejos agressivos e hostis para o outro, encontra correspondência no ideal de masculinidade hegemônica que transpassa as vivências dos *incels*. Esta estratégia defensiva frente aos efeitos da inveja pode ser racionalizada enquanto uma conduta à altura do que é

esperado de um homem na condição de *alfa*, que reage e faz uso de suas características masculinas para se proteger. No caso de alguns *incels*, a elaboração de planos de vingança mescla aspectos socioculturais do que creem ser atitudes esperadas do ideal masculino que almejam ser e mecanismos de defesa psíquicos para lidar com a inveja, como a mitigação do sentimento amoroso e sua transformação em ódio e a desvalorização do objeto

O exemplo de Elliot Rodger (2014), que concretizou seu plano vingativo, remete aos estados confusionais que também são citados por Klein (1957/1991d) como defesas contra a inveja, prejudicando sua capacidade de reflexão e seu vínculo com as normas sociais da realidade. Tal dificuldade interna de discernir entre o que é bom e mau se associa aos outros mecanismos citados, culminando na certeza de que a execução de múltiplos assassinatos seria sua única possibilidade de mostrar seu valor¹⁰.

5.3 Autodepreciação, fracasso e componentes depressivos da inveja

A noção de “senso de privilégio ferido” também parece relevante para compreender a forma de pensar dos *incels*. O privilégio em questão é o direito de ser reconhecido enquanto dono de atributos valiosos, digno de maior atenção e respeito do que outros ao seu redor. Na ausência deste reconhecimento esperado, estabelece-se uma ferida que alimenta sentimentos de inveja diante da constatação de que outras pessoas, muitas vezes tidas como inferiores, passam a desfrutar daquilo que seria seu por direito. Nas falas relacionadas a isso em particular, o direito reivindicado é o sexo: os *incels* sentem-se não apenas rejeitados e solitários, mas mostram-se incrédulos e zangados ao constatarem que outros homens ocupam esta posição privilegiada ante o desejo feminino.

Tal sentimento encontra justificativa na visão de mundo rígida e categorizadora desses sujeitos, cujo discurso analisamos – nela os indivíduos possuem um valor social intrínseco, medido por seus atributos físicos e intelectuais. Em falas diversas, pode-se perceber que os participantes deste grupo têm apego às regras que lhes fornecem conhecimento sobre as interações sociais. Entende-se que os *incels* falham em estabelecer sua dominância e fazer valer seus predicados, fazendo com que vivenciem o fracasso – uma experiência intolerável e fonte de muita indignação que remete ao estado de desamparo psíquico já exposto.

A dificuldade em tolerar que lhes sejam negados de tais privilégios é expressa de duas formas diferentes: ora num discurso autodepreciativo, ora desejando usurpar as conquistas

¹⁰ “Eu sou o cara bom. A humanidade me atacou primeiro ao me condenar à experiência de tanto sofrimento. Eu não pedi por isso. Eu não pedi por isso. Eu não comecei essa guerra... eu não fui a pessoa que atacou primeiro... mas vou terminar retribuindo o ataque. Vou punir todo mundo. E vai ser bonito. Finalmente, eu posso mostrar ao mundo meu real valor.” (Rodger, 2014, p. 138, tradução nossa).

daqueles que enxergam como sua competição. De forma similar à utilizada para falar sobre as mulheres, os *incels* rebaixam-se e se descrevem de forma exageradamente degradante em alguns contextos, enquanto buscam enaltecer suas qualidades – seus traços consonantes com a expressão normativa da masculinidade – em outros momentos. Segundo a teoria psicanalítica, esta dinâmica pode ser entendida como uma forma imatura de lidar com a angústia, e analisada à luz dos mecanismos defensivos de depreciação do *self* e do objeto, já expostos anteriormente.

O aumento das ansiedades afeta sobremaneira os indivíduos que não contam com uma internalização adequada de seu objeto total, o que causa o retorno do uso de mecanismos defensivos arcaicos. Ao discorrer sobre a inveja, Melanie Klein (1957/1991d) também vincula o excesso deste sentimento com o surgimento prematuro da culpa, que desestabiliza a relação com o objeto ao sobrecarregar o ego com angústias de teor depressivo que ainda não podem ser processadas por completo, retomando ao ciclo que regride ao uso de defesas paranoides e ataques a um objeto parcial.

O termo *incel* deriva da expressão celibatário involuntário, e transmite a ideia de alguém insatisfeito com a condição na qual se encontra, de uma ausência de relações sexuais estabelecida contra sua vontade. Ao considerar as contradições apresentadas no discurso desses indivíduos, entende-se que o celibato ao qual eles se referem é definido como decorrente da falta de um tipo específico de relação sexual: aquele com mulheres consideradas bonitas e com alto valor sexual de mercado, que demonstrem desejo por aqueles homens. Seguindo esta lógica, por mais que alguns indivíduos vivam em países no qual podem encontrar-se com prostitutas, o contato com elas não parece ser válido para a dissolução da condição de *incel*. Da mesma forma, outros participantes relatam se indignar diante da possibilidade de se relacionar com mulheres de aparência entendida como inferior. Em muitos casos, essas possibilidades de sexo são rechaçadas justamente por evocar seu fracasso em ter uma vida sexual de acordo com seus desejos, sendo alternativas válidas apenas para homens que estão à margem do mercado sexual.

Assim, pode-se entender que muitos *incels* perpetuam sua condição de celibato ao recusar-se a se engajar em atos sexuais com mulheres que estejam fora de seu ideal. Ainda que os indivíduos possam não estar conscientes desta consequência, a recusa de um relacionamento com determinadas mulheres, baseando-se na crença de que a ausência de algumas características as invalida como opções válidas e satisfatórias de parceiras, torna ainda mais difícil a possibilidade de estabelecer um vínculo afetivo que possa se tornar um relacionamento romântico. Em uma das falas observadas, há uma discussão para estabelecer que tipos de indivíduos teriam ou não direito a frequentar aquele espaço do fórum, expressando incômodo com aqueles considerados *volcels*, celibatários voluntários, que seriam alvo do desejo das

mulheres mas continuariam sem sexo por sua própria responsabilidade ao recusá-las. Nesta lógica, pode-se supor que uma parte dos autodenominados *incels* teriam uma parcela de responsabilidade por sua solidão.

Ao considerarem-se superiores diante de certos tipos de relacionamento, eles rejeitam alguns vínculos e dão continuidade ao celibato involuntário, atuando de forma similar aos *normies* que, com suas normativas arbitrárias, limitam a possibilidade dos *incels* de construir novas relações. Contudo, sugerir que estes possam ser de alguma forma responsáveis pelo estado que lhes incomoda é uma possibilidade inaceitável, conforme observado pelos argumentos selecionados durante a análise de conteúdo: ora sua solidão lhes é imputada pelos *normies*, figuras com maior poder social, ora determinada estritamente por fatores biológicos imutáveis que afetam a eles e as mulheres – em ambos os casos, situações que se apresentam além de seu alcance.

Ao entender o celibato involuntário como uma consequência das ações de terceiros que estão fora de seu controle, os *incels* se livram da responsabilidade de agir em busca de mudar esta condição, diante do estabelecimento da crença que nenhuma de suas ações pode afetar a estrutura social tecida pelos grupos possuidores de maior poder social. Pode-se observar a presença de sentimentos ambivalentes neste caso: a culpa e o ódio são direcionados a objetos externos, poupando o ego de ataques; mas este movimento projetivo parece levar consigo as qualidades do sujeito, que passa a se ver como alguém incapaz de tomar atitudes que possam afetar sua vida, de modo a buscar aquilo que lhes traria satisfação. Neste caso, reconhece-se que esta visão empobrecida de si é fonte de sofrimento, mas também pode-se teorizar que esta condição é menos aterrorizante do que o confronto com os sentimentos que são atribuídos aos responsáveis pela sua ausência de relacionamentos e atividade sexual. Pode-se supor que uma admissão por parte dos *incels* de que suas condutas normativas são impeditivas para o encontro com uma parceira, despertaria neles os sentimentos de culpa, contribuindo para a visão autodepreciativa observada e causando sofrimento ao intensificar seus aspectos negativos.

Em outros momentos, também há falas sobre si próprios, nas quais os *incels* apresentam uma visão de si que enfatiza suas características negativas, incapazes de incluir aspectos positivos nessa descrição. Esta caracterização parece contradizer falas que aparecem em outros momentos, nas quais eles afirmam possuir qualidades não valorizadas e pouco reconhecidas – traços frequentemente associados a um estereótipo masculino, como raciocínio lógico acentuado. Há uma dificuldade em se descrever de forma racional, segundo a observação dos relatos encontrados, havendo maior ênfase em suas falhas ou em suas qualidades, dependendo das circunstâncias.

Ainda que estas duas formas de definirem a si mesmos pareçam contraditórias à primeira vista, ambas se assemelham ao depender da comparação com terceiros para a definição de seu valor. A ênfase em aspectos bons ou maus pode ser pensada enquanto uma distorção do autoconceito decorrente do uso de mecanismos de defesa – tal como a depreciação do *self*, que atua minimizando o impacto da inveja ao desvalorizar o sujeito, castigando-o. Por outro lado, ao frisar suas qualidades supostamente não reconhecidas, os *incels* buscam afirmar que são melhores do que os *normies* e teriam mais direito aos benefícios que desejam, reforçando sentimentos onipotentes que remetem a relações com um objeto parcial.

As relações que os *incels* estabelecem são descritas por eles como frágeis e inseguras, nas quais há pouco carinho e compreensão, provocando sentimentos de insatisfação e hostilidade. Pode-se pensar que o confronto com tais relações, que divergem do seu esperado, remetem aos objetos parciais que não puderam ser totalmente integrados, e assim torna-se impossível tolerar o contato com tais indivíduos, reagindo de forma desagradável e abandonando tais relacionamentos. As relações relatadas pelos *incels* parecem ser, em sua maioria, sustentadas por um interesse narcísico ao invés de pautadas na capacidade de amar decorrente da reparação.

5.4 O sexo e o feminino

O sexo parece ser um acontecimento com um lugar central no projeto de vida dos *incels*. Dito de outra maneira, a ausência de sexo é a expressão sintética das dificuldades vivenciadas por estes indivíduos: o fracasso em ocupar uma posição de destaque diante do interesse e do desejo feminino, a dificuldade em estabelecer relações sociais que permitam o estabelecimento de um relacionamento íntimo, a negação de um prazer associado à conquista da vida adulta. Em algumas falas, a condição da virgindade era percebida como causadora de maior sofrimento psíquico do que uma relação sexual forçada, baseando-se na ideia de que, para o sexo masculino, a virgindade está associada a um menor valor social e uma expressão insuficiente da masculinidade. As limitações sociais que os *incels* encontram, somadas a percepção de que sua masculinidade é exercida de forma falha, agravam o sentimento de rejeição, que culmina em uma situação de mais vitimização, injustiça e sofrimento, mantendo-os em um ciclo que se retroalimenta.

Neste cenário, a visão desses sujeitos sobre o sexo feminino é distorcida e maniqueísta: ora as mulheres são perfeitas e inalcançáveis, ora são malignas e inferiores – objetos de desejo passíveis de controle ou figuras soberanas e punidoras. O termo “complexo de Madona-prostituta” é encontrado em algumas produções (Bareket et al., 2018; Kahalon et al., 2019) –

atribuindo a Freud a origem da expressão – para se referir a um fenômeno similar, que diz respeito a uma visão dicotômica acerca das mulheres, encontrada em culturas antigas e produções contemporâneas. Tal visão sustenta uma narrativa sobre as figuras femininas em que seu comportamento sexual define se são mulheres puras, virgens e adequadas para um relacionamento duradouro; ou promíscuas e possuidoras de má reputação. Kahalon et al (2019) apontam a incoerência desta ideologia, que evoca nas mulheres o entendimento de serem desejadas, mas não poderem corresponder a este desejo.

Em uma observação que se assemelha a este pensamento dicotômico, alguns participantes expuseram que jovens prepubescentes deveriam ser tratadas como adultas, no que dizia respeito a seus direitos legais em situações de abuso e violência, pois o despertar sexual as destituía de pureza e necessidade de proteção, transformando-as em monstros. Assim, nota-se que, ao mesmo tempo que a associação com a sexualidade desqualifica estas mulheres do direito à proteção equiparando-as a vilãs, também as eleva à posição de desejo, enquanto figuras necessárias para sua “*ascensão*” – termo frequentemente utilizado pelos próprios *incels* para se referir ao fim do celibato.

Há semelhanças entre o observado por Freud (1912/2016) em seu trabalho “Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa” e o expresso pelos *incels*. Na fala de um dos participantes encontra-se a ideia de que a feminilidade existe apenas na mente masculina, enquanto o que ele nomeia como a verdadeira natureza feminina é terrível e cruel. Este ideal de feminilidade é construído por elementos difundidos pela cultura que reforçam uma determinada construção atribuída ao gênero feminino, mas também por suas vivências particulares no período inicial de suas vidas, que lhe oferecem entendimento sobre amor e vínculos afetivos a partir de figuras femininas, na qual a mãe possui destaque. Embora não tenham sido encontradas falas que falem de forma explícita acerca das características desta mulher desejada, teoriza-se que a parceira ideal, para além do sexo, seria a mulher gentil, carinhosa e atenciosa. Conforme apresentado, em contextos diversos, os *incels* carecem de contatos afetivos íntimos, sentindo-se apartados na maior parte do tempo.

Aqui, pode-se resgatar novamente a ideia já apresentada de cisão para pensar esta visão categórica que a filosofia da pílula negra apresenta sobre as mulheres: os aspectos aparentemente contraditórios atribuídos à figura feminina dizem respeito a uma não-integração deste objeto no mundo interno. Assim, os *incels* idealizam a mulher como possuidora de qualidades desejáveis e que trará a eles a satisfação que esperam, e rechaçam figuras femininas que não correspondem com esta ideia e ocasionalmente lhes causam frustrações. Pode-se citar como exemplo falas que demonstravam irritação com a aparência fora do padrão de mulheres encontradas na função de atendentes e colegas que rejeitaram convites ou declarações

amorosas. Um dos membros dos fóruns expõe sua ideia de que a natureza feminina e a feminilidade são ideias opostas, justificando que a natureza feminina é intrinsecamente vil e os traços considerados femininos, como gentileza e delicadeza, são frutos da imaginação masculina. Nesta fala, pode-se compreender de forma clara esta visão na qual a mulher permanece sendo percebida como um objeto parcial – ora sendo completamente benevolente e amorosa, ora sádica e cruel.

Em uma das falas encontradas, um participante conta que tinha estado muito obcecado com sexo durante a puberdade, a ponto de sentir medo do sexo feminino, por se sentir controlado pelas garotas. Neste caso, em que o desejo de se relacionar escapa ao controle do indivíduo, é possível pensar sob uma outra luz na expressão celibatário involuntário: mesmo apesar do desejo de estar em um relacionamento e poder desfrutar de relações sexuais, tal objetivo é atravessado por outros sentimentos e circunstâncias impossíveis de controlar – tanto externas, quanto advindas do inconsciente de cada sujeito. A expressão genital da sexualidade dos *incels* não parece se estabelecer sobre bases seguras por conta de perturbações decorrentes da agressividade e hostilidade excessivas, e estas perturbações se traduzem em um excesso de expectativas e demandas projetadas nas pessoas alvo de suas intenções.

Outro aspecto da relação complexa que os *incels* mantêm com a figura feminina diz respeito a própria intensidade de seus sentimentos sádicos, que parecem escapar de seu controle. Estes sentimentos permanecem presentes nas relações maduras, mas são expressos juntamente com o erotismo, tendo um caráter mais saudável e positivo. No caso dos indivíduos analisados, esta integração acontece de forma falha, e impede a internalização de uma visão feminina que contenha ao mesmo tempo os aspectos de “Madona” – a mulher cuidadora, piedosa, amorosa que merece ser preservada – e de “prostituta” – a faceta feminina que possui desejos sexuais, que busca sua própria satisfação e busca uma vida independente que nem sempre prioriza o parceiro. A expressão de seus impulsos agressivos na relação amorosa parece fracassar, por transformar o objeto de amor em algo perigoso e passível de se transformar em um perseguidor, o que reforça a necessidade dos mecanismos de cisão, mantendo a figura da mulher idealizada como a parceira desejada, que só é capaz de oferecer cuidado, gentileza e satisfação. Assim, ao evitar sua própria agressividade, o que lhes resta é desejar uma mulher igualmente dócil, que não existe na realidade.

O uso de idealizações para lidar com a inveja transforma a figura feminina em alguém com capacidades excepcionais, o que entra em choque com a ausência de satisfação dos desejos dos *incels*. Tais circunstâncias tornam-se possíveis de serem explicadas ao atribuir à esta imagem idealizada e poderosa atributos terrivelmente malignos, que justificam a falta de interesse feminino nos *incels*, sem que suas atitudes para com as mulheres tenham sua importância

considerada no desfecho de seus relacionamentos. Assim, fica claro que para estes sujeitos, o sexo feminino é entendido enquanto objeto parcial e a filosofia da pílula negra utiliza de forma maciça ideias que reforçam esta lógica, dificultando qualquer possibilidade de questionamento e retratação. Ao mesmo tempo que é possível desprezar o objeto mau por sua incapacidade em atender os desejos do sujeito, esta forma de pensar permite que se espere a perfeição e satisfação absoluta do objeto idealizado, reforçando esta visão distante da realidade e afastando os *incels* da possibilidade de estabelecerem contatos satisfatórios com uma possível parceira amorosa.

5.5 Solidão e exclusão: a tragédia da própria vida

Até este ponto, a construção apresentada resgatou aspectos da análise de conteúdo que revelavam sentimentos de sofrimento, vitimização, inveja e ódio em relação a outras pessoas, tendo-os como responsáveis por seus fracassos. Aqui, pretende-se pensar nos excertos que apareceram majoritariamente na segunda categoria de análise, cujo cerne são expressões que remetem à solidão, percebida enquanto consequência da marginalização vivenciada nas situações apresentadas previamente. De modo geral, os *incels* relatam falta de contatos afetivos e o desejo de serem acolhidos em um relacionamento íntimo – algo que está além de suas expectativas, devido a visão incompatível que têm de si e daqueles elementos externos à sua comunidade. A ideia de uma perspectiva de vida isolada e à margem dos vínculos sociais tradicionais provoca uma sensação de exclusão intolerável, fonte de grande sofrimento psíquico e tal tristeza é percebida de forma bastante intensa e difícil de lidar por parte dos *incels*, amplificada por sentimentos de desesperança, incapacidade de confiar em outras pessoas e a crença de que estão fadados à infelicidade.

Levando em conta a exposição teórica e as conjecturas realizadas entre as outras temáticas emergentes na análise de conteúdo, há vários elementos que fortalecem a hipótese de que os *incels* são sujeitos nos quais a relação com o objeto é marcada por perturbações diversas, que afetam sua capacidade de confiar em si e nos outros, estabelecer relações sólidas de amizade e romance e tolerar situações de frustração. Uma teoria que pode auxiliar a compreensão psíquica deste tipo de celibato involuntário diz respeito a dificuldade na internalização de um objeto bom, que foi vítima de ataques de natureza paranoide e invejosa durante as primeiras experiências da vida psíquica. Com isto, a percepção deste objeto danificado leva ao medo e a um sentimento de culpa precoce que desperta mecanismos defensivos empregados de forma excessiva. É possível inferir que, no caso dos *incels*, esta culpa gera uma angústia deveras intensa que paralisa a capacidade egóica de resgatar os aspectos bons internalizados, repercutindo nas tentativas de salvar o objeto.

Ainda que o indivíduo estabeleça uma integração parcial de seus objetos, estes sentimentos impedem a elaboração satisfatória da chamada posição depressiva, fazendo com que as defesas da posição esquizoparanóide sejam empregadas continuamente em situações de grande ansiedade, retornando às vivências de estados de confusão, persecutoriedade, inveja e ódio. Este arranjo precário mantém o indivíduo em situações constantes de sofrimento psíquico, e é possível pensar que a entrada na vida adulta – cujas demandas sociais requerem do sujeito uma capacidade fortalecida de lidar com seus afetos desagradáveis – expõe ainda mais os *incels* à suas limitações e situações de tristeza.

Frente a tamanho descontentamento que, conforme relatado pelos participantes dos fóruns, se repete por anos, é coerente pensar que um quadro de adoecimento psíquico se instala: contando com sintomas de desinteresse, angústia excessiva frente a possibilidade de novas interações sociais, desprezo por si e desesperança, uma descrição que se aproxima aos sintomas clínicos do quadro depressivo. Ao estabelecer esta relação, pode-se pensar no exposto por Freud (1917/2010a) e Klein (1935/1996a) acerca do estado melancólico, que corresponde a uma forma de recriminar o objeto ausente por meio da identificação que se estabelece entre ego e objeto. A teoria kleiniana possibilita tal leitura por meio da sua concepção sobre o estabelecimento das relações objetais, assim como o conceito de posições que podem ser retomadas ao longo do desenvolvimento.

Sentimentos excessivos de angústia, ódio e inveja tornam-se entraves na internalização completa do objeto total, mantendo o indivíduo em um estado incompleto de elaboração da posição depressiva. Isso afeta diretamente a capacidade de fazer a reparação e o manejo do sentimento de culpa, gerando estados aflitivos que demandam o uso de mais mecanismos de defesa e conseqüentemente mantém o objeto distante de sua integração.

A ausência deste objeto integrado e o intenso sentimento de culpa são vivenciados ora pelo uso de defesas típicas da posição esquizoparanóide – que reforçam os estados de ódio que se mantém por meio de uma visão cindida da realidade; e pelo direcionamento desta culpa e angústia depressiva para o próprio sujeito. Com isto, os momentos em que os *incels* manifestam sua infelicidade e sua desesperança também são as ocasiões em que abandonam as defesas primitivas de caráter paranoide e se aproximam mais da tentativa de elaboração da posição depressiva, ainda que manifestem um sofrimento psíquico intenso ao ter consciência de suas falhas e limitações.

É possível hipotetizar que, nestas circunstâncias, evidencia-se a debilidade de sua capacidade reparatória para com os objetos internos. Os *incels* conseguem reconhecer suas falhas, bem como as imperfeições das pessoas com quem se relacionam; mas parece impossível integrar estas percepções com sua capacidade de preservar e restaurar os objetos internalizados.

Assim, a culpa pelos impulsos sádicos e pelas retaliações ao objeto mau se retroalimenta, ampliando seu sofrimento e desesperança e alternando entre o funcionamento depressivo e esquizoparanóide. A reparação inadequada mantém, portanto, uma elaboração insatisfatória da posição depressiva, que na prática parece se traduzir numa dificuldade de amar e de ser amado – dado o receio de vivenciar a culpa pelos danos causados ao outro e de suportar as falhas e sentimentos hostis sem recorrer às defesas primitivas, como a cisão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da noção exposta pelos veículos de comunicação sobre os *incels* se centralizar nos aspectos agressivos do grupo, o resultado da análise acerca dos relatos feitos pelos próprios indivíduos sobre si revelou a predominância de conteúdo que descreve um intenso sofrimento psíquico. A filosofia da pílula negra pode ser pensada enquanto um recurso de tradução que permite racionalizar a compreensão inconsciente de um papel de vítimas, à mercê constante de outros homens e mulheres com melhores capacidades sociais que, nesta ótica, negam que os *incels* possuam quaisquer qualidades.

Tal visão de si mesmos como indivíduos limitados – conforme suas crenças, cerceados por suas condições genéticas, histórico de vida e organização social – conduz a um estado intenso de ansiedade, que demanda a mobilização maciça de defesas psíquicas. O uso de mecanismos como a projeção e a cisão é nítido em diversas ocorrências, evidenciando que o ego não é capaz de lidar com quantidades intensas de sofrimento. Partindo desta análise, este trabalho teoriza que a visão que têm de si enquanto sujeitos diferentes e mais limitados do que a norma social evoca um sofrimento tão insuportável quanto o das vivências iniciais diante da frustração de seus desejos e do imperativo de sobreviver, mesmo sem o amparo de outras pessoas.

A incapacidade de tolerar este sofrimento afeta de forma negativa a capacidade destes sujeitos de estabelecer novas relações ou encontrar interesses substitutos, dado o funcionamento psíquico que recorre a defesas mais primitivas e a prevalência das relações com objetos internos parciais, que não correspondem adequadamente à realidade. As expectativas sociais sobre indivíduos adultos envolvem a tomada de responsabilidade por eventos e atividades sujeitos a falhas e frustrações e, no caso dos *incels*, estas ocorrências são excepcionalmente intoleráveis por serem vivenciadas de forma persecutória, como punições infligidas pelos objetos parciais.

A agressividade que caracteriza seu discurso da figura feminina é uma das faces de uma relação perturbada com o sexo oposto, alimentada pela idealização enquanto defesa psíquica, que decorre de conflitos internos em relação ao ódio que sentem por si mesmos. O reconhecimento de imperfeições e hostilidades nas mulheres se choca com a imago perfeita existente nos discursos analisados, o que produz um contato indesejado com os objetos maus remanescentes da integração precária de objeto. A ideia de relacionar-se com um objeto imperfeito, para estes sujeitos, remete a uma punição frente às suas próprias falhas – sua capacidade de nutrir sentimentos exagerados de raiva, inveja e voracidade frente à frustração. Tal sensação de castigo intensifica as emoções negativas e impulsos destrutivos, sustentando um ciclo de raiva, inveja, rancor, ansiedade e culpa.

A inibição, que afeta sua capacidade de fazer e manter vínculos sociais positivos, também pode ser entendida a partir do temor que sentem ante o seu desejo de estar em uma relação afetiva na qual exista cuidado e respeito genuíno, dado que não há uma estruturação psíquica estabelecida que permita aos *incels* sentirem-se bons o bastante para resguardarem este vínculo tão desejado dos seus sentimentos de raiva e tristeza. Assim, a intensidade do seu desejo também pode ocasionar ataques intensos aos objetos internos, produzindo sentimento de culpa e temor pela retaliação às manifestações sádicas do sujeito, produzindo o ódio e tristeza encontrados nos relatos acessados.

De forma sintética, a queixa central dos *incels* gira em torno da ausência de amor e aceitação – a qual o grupo atribui a uma estrutura social dependente de outros indivíduos. Contudo, sua filosofia da pílula negra deixa convenientemente de lado as limitações e dificuldades em estabelecer contato com outras pessoas que decorrem de suas atitudes. É necessário, ao pensar de forma alinhada com a realidade, reconhecer que aspectos do seu comportamento também contribuem para reforçar esta solidão. Esta admissão é difícil para os *incels*, devido à sua capacidade incipiente de realizar uma integração dos aspectos bons e maus do sujeito, que transforma ideias sobre seus aspectos negativos em atribuições fantasiosas e implacáveis de culpa sobre si.

O conteúdo teórico trazido por Klein também possibilita uma interpretação acerca do amor e da necessidade de ser amado e protegido, um sentimento que se faz necessário de forma universal para a manutenção de um funcionamento psíquico saudável. A experiência proporcionada por uma relação prazerosa com o objeto bom na posição esquizoparanóide lança as bases para a posição depressiva, na qual o sujeito pode experimentar o amor – sentimento que assegura ao indivíduo sua capacidade de tolerar seu ódio e resguardar os objetos internos, permitindo a manutenção de bons vínculos com terceiros. Na análise realizada acerca das falas dos *incels*, pode-se propor a reflexão de que a internalização precária do objeto bom perturba sua capacidade de amar e de ser amado, evocando sentimentos intensos de culpa pelos danos feitos ao objeto que estão além de sua capacidade reparatória. Neste contexto, eles vivenciam a ausência deste objeto identificando-se com o mesmo e recriminando-se por seu estado em uma situação análoga à melancolia, ou regredindo a um funcionamento psíquico mais primitivo e relacionando-se com o objeto interno hostil, mantendo-se presos em um ciclo de ataques sádicos e medo da retaliação.

O discurso antifeminista dos *incels* ressoa com outros acontecimentos observados na atualidade, como o registro crescente de casos de feminicídio. O aumento no uso da violência e suas consequências evidenciam a necessidade de mais estudo e reflexão sobre questões específicas da saúde mental masculina, público que historicamente tem maior resistência a

frequentar serviços de saúde e buscar cuidado, particularmente no campo da saúde mental – decisões que se traduzem num menor índice de diagnósticos, maior abuso de substâncias e número mais elevado de suicídios (Organização Mundial da Saúde, 2019). A interpretação dos resultados leva ao entendimento de um sofrimento psíquico intenso nos indivíduos que discorreram sobre sua condição, que é agravado quando associado a situações de vulnerabilidade social e outros problemas que intensificam o impacto de tal sofrimento sobre o psiquismo.

As considerações acerca da pesquisa apontam, assim, a necessidade de buscar formas diversas para pensar sobre o tema, abordar estes sujeitos e oferecer aos *incels* outros elementos que lhes permitam transformar sua atual condição, pontuada por vivências negativas. Uma possibilidade se apresenta a partir da intenção de revisar e ampliar sua filosofia central. Na coleta de dados para o desenvolvimento da análise de conteúdo, em um dos fóruns foi possível encontrar uma série de postagens de um mesmo usuário (SergeantIncel, 2018a, 2018b, 2018c), nas quais este tinha o objetivo de apresentar o conceito denominado *Whitepill* (pílula branca, em tradução livre), criado por ele. A princípio, estas postagens não compuseram o *corpus* da análise por não atenderem aos critérios de inclusão, conforme indicado anteriormente no capítulo do método, mas justifica-se sua inclusão posterior nesta etapa do trabalho por entender que se trata de um conteúdo relevante, que aborda de forma direta algumas limitações observadas na filosofia da pílula negra a partir, da visão de um membro de sua comunidade.

Este participante apontou que o nome escolhido fazia referência à cor branca como derivada da soma de todos os outros espectros de luz visível, dado que sua teoria considerava que as filosofias da manófera iam sobrepondo-se umas às outras e expandindo o conhecimento sobre o tema. A pílula branca seria, assim, uma expansão da filosofia da pílula negra, visando ampliar noções de autoaceitação, capacidade de cuidar de si e planejar algo para o futuro – dado que a filosofia *incel* estaria correta aos seus olhos em explicar como a realidade funciona, mas fracassava em resolver o problema de qual a melhor forma para os *incels* de seguirem em frente e solucionarem as dificuldades encontradas, além de oferecer poucas instruções sobre como lidar com esta visão da realidade, tendo consequências negativas sobre o planejamento de vida, a motivação e a esperança dos *incels*.

A pílula branca teria como objetivo maximizar a felicidade do indivíduo, algo que poderia acontecer de duas formas: por meio de uma rejeição à sociedade, visando minimizar a possibilidade de sofrimento e criando uma vida estável pela aceitação de poucas ambições, uso de substâncias e hobbies que ocupariam o tempo livre; ou a aceitação da sociedade e suas condições falhas, permitindo a busca de algumas melhorias dentro das possibilidades de cada indivíduo (no campo da aparência física, conhecimento, vida social, etc.). Algumas sugestões

práticas que o autor da ideia utiliza, como exemplos de possibilidades para aumentar a felicidade dos *incels*, seriam abrir mão do desejo por um relacionamento – dadas as baixas chances de consegui-lo; desenvolver a personalidade por meio da aquisição de hábitos diferentes; dedicar-se ao aprendizado de novas coisas; encontrar algo que funcione como propósito de vida como uma fonte motivacional.

Ao confrontar a filosofia da *blackpill*, apontando suas limitações e o fato de que aspectos deterministas de sua filosofia contribuem para uma perda da esperança, conseqüente redução de uma postura ativa e pior qualidade de vida, o usuário SergeantIncel estabelece ideias que lhe permitem lidar com a crueza dos dados sobre a realidade de forma menos enrijecida e defensiva. Ao sugerir a aceitação das falhas da sociedade e propor possibilidades de melhora na vida dos *incels*, supõe-se que isso sugere a existência de alguma capacidade maior de tolerar a imperfeição do ambiente ao seu redor, o que sugere uma ação reduzida de mecanismos de cisão, idealização e negação, característicos do funcionamento esquizoparanóide. A aceitação de uma sociedade imperfeita equivale à compreensão de que o indivíduo tampouco é cobrado para oferecer tamanha excelência de forma constante, o que pode minimizar os sentimentos de culpa e autodepreciação.

A alternativa proposta de negar a sociedade e buscar sua satisfação em outras atividades que contornem a necessidade de contato humano tenciona ignorar seus desejos, demandando a elaboração de um projeto de vida que se adaptaria à falta de contato e encontraria satisfação em atividades solitárias – como passatempos ou uso de substâncias – algo que necessitaria de grande esforço. Em contrapartida, a aceitação das condições falíveis da sociedade atual também é uma noção que parece escapar à capacidade psíquica de muitos dos *incels*. A Pílula Branca é coerente ao reconhecer a necessidade de ampliação da filosofia da *blackpill*, por notar que esta última aborda de maneira insuficiente questões acerca da felicidade dos sujeitos, mas suas sugestões parecem demandar do grupo em questão uma capacidade de tolerar sua frustração para que avancem em busca de uma vida mais satisfatória.

Em um pensamento aparentemente paradoxal, pode-se teorizar que a sugestão dada por SergeantIncel (2018b), de abrir mão do desejo de um relacionamento, poderia, em última instância, aumentar as chances dos *incels* de encontrarem um parceiro. Ao reconhecer o valor alto que atribuem aos relacionamentos íntimos e a pouca chance de encontrar alguém que corresponda da mesma forma, surge a possibilidade de repensar as expectativas depositadas no ideal de relacionamento que desejam – o que poderia atuar na diminuição das idealizações defensivas e demandas psíquicas por um relacionamento que satisfizesse de forma completa todas as suas necessidades. Com isso, supõe-se que existiria um olhar mais tolerante e amigável

ante as mulheres e seus defeitos, aumentando a possibilidade de encontros que despertem a sensação de acolhimento e afeto e satisfaçam suas demandas afetivas.

As contribuições oferecidas por esta dissertação possibilitaram a ampliação do conhecimento acerca de um grupo inserido na esfera da cultura masculina produzida no ciberespaço. Ao longo do trabalho, reconheceu-se que este tema poderia ser ampliado por outras pesquisas, e que a investigação psicanalítica de aspectos patológicos associados à masculinidade é um campo que pode ser mais explorado, contribuindo na formulação de intervenções que possam mitigar o sofrimento psíquico destes sujeitos. Outras pesquisas também poderiam se dedicar à compreensão de aspectos diversos sobre os *incels* - como a investigação de fatores psíquicos que possam estar associados a esta condição, ou a realização de trabalhos a partir de estudos clínicos, que favoreçam análises acerca de possibilidades de intervenção em um contexto terapêutico. O objetivo presente de compreender, à luz da psicanálise, quem são estes indivíduos por meio de suas falas publicadas *on-line* serve como disparador para outras questões acerca de suas experiências, visando maior entendimento acerca deste e de outros fenômenos relacionados que possam ser relevantes ao campo da pesquisa psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- APieceOfFemShit (2018, 30 de outubro). *For Moids and Confused Lurkers: The differences between Femcel and Incel* [Reddit]. Recuperado de https://www.reddit.com/r/Trufemcels/comments/9spt1s/for_moids_and_confused_lurkers_the_differences/
- Aquino, A. R., & Assis, M. D. F. P. (2016). Narcisismo: subjetividades contemporâneas. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 6(2), 306-318. Recuperado de: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1795>
- Baele, S. J., Brace, L., & Coan, T. G. (2019). From “Incel” to “Saint”: Analyzing the violent worldview behind the 2018 Toronto attack. *Terrorism and Political Violence*, 1-25. doi:10.1080/09546553.2019.1638256
- Bardin, L. (1979). Organização da análise. In L. Bardin, *Análise de Conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, trads., pp 95-102). Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Bareket, O., Kahalon, R., Shnabel, N., & Glick, P. (2018). The Madonna-Whore Dichotomy: Men Who Perceive Women’s Nurture and Sexuality as Mutually Exclusive Endorse Patriarchy and Show Lower Relationship Satisfaction. *Sex Roles*, 79(9–10), 519-532. doi:10.1007/s11199-018-0895-7
- Burgess, E. O., Donnelly, D., Dillard, J., & Davis, R. (2001). Surfing for Sex: Studying Involuntary Celibacy Using the Internet. *Sexuality & Culture*, 5(3), 5-30. doi:10.1007/s12119-001-1028-x
- Collins, B. (2019). A horror tale of male entitlement: Jack the Ripper and “his” shadow, the incel movement. *International Public Policy Review*, 13(1), 10-16. Recuperado de: <https://ippr-journal.com/wp-content/uploads/2019/09/BrookeCollins.pdf>
- Costa, V. A. de S. F., & Queiroz, E. F. de. (2011). Transtorno de pânico: uma manifestação clínica do desamparo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 444-456. doi:10.1590/s1414-98932011000300002
- Diogenes. (2018, 28 de agosto). [Blackpill] COPE or ROPE [Fórum]. Recuperado de <https://incels.co/threads/cope-or-rope.70430/>
- Donnelly, D., Burgess, E., Anderson, S., Davis, R., & Dillard, J. (2001). Involuntary celibacy: A life course analysis. *Journal of Sex Research*, 38(2), 159-169. doi:10.1080/00224490109552083
- Farrell, T., Fernandez, M., Novotny, J., & Alani, H. (2019). Exploring Misogyny across the Manosphere in Reddit. *11th International ACM Web Science Conference 2019*, 87-96. doi:10.1145/3292522.3326045

- Ferreira-Lemos, P. do P. (2011). Navegar é fantasiar: relações virtuais e psicanálise. *Psico*, 42(1), 59-66. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6454>
- Freud, S. (2010a). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916), P. C. de Souza, trad., pp. 170-194). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2010b). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920), P. C. de Souza, trad., pp. 120-178). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2014). Terceira parte: teoria geral das neuroses. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol.13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917), S. Tellaroli, trad., pp.264-498). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2016). Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e Outros textos (1909-1910), P. C. de Souza, trad., pp. 270-284). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2019). A cisão do Eu no processo de defesa. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 19, *Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e Outros Textos* (1937-1939), P. C. de Souza, trad., pp. 216-219). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940).
- Ging, D. (2019). Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. *Men and Masculinities*, 22(4), 638-657. doi:10.1177/1097184x17706401
- González Rey, F. L. (2005). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios* (M. A. F. Silva, trad.). São Paulo, SP: Cengage Learning.
- Hartmann, U. (2009). Sigmund Freud and his impact on our understanding of male sexual dysfunction. *Journal of Sexual Medicine*, 6(8), 2332–2339. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2009.01332.x>
- Helsing, N. M. (2014). As mutações na cultura, no narcisismo e na clínica: o que muda e o que faz falar os pacientes limítrofes? *Cadernos de Psicanálise*, 36(31), 69–93. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1413-629520140002&lng=pt
- Hinshelwood, R. D. (1992). *Diccionario del pensamiento kleiniano*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

- Høiland, T. (2019). *Incels and the stories they tell* (Dissertação de mestrado, Universidade de Oslo). Recuperado de <https://www.duo.uio.no/handle/10852/69841>
- Hunte, Z. (2019). *'Female Nature, Cucks, and Simps': Understanding Men Going Their Own Way as part of the Manosphere* (Dissertação de mestrado, Universidade de Uppsala). Recuperado de <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1331052/FULLTEXT01.pdf>
- IncelsTears. (2020). *About Community* [Reddit]. Recuperado de <https://www.reddit.com/r/IncelsTears/>
- Jaki, S., De Smedt, T., Gwózdź, M., Panchal, R., Rossa, A., & De Pauw, G. (2019). Online hatred of women in the Incels.me Forum. *Journal of Language Aggression and Conflict*, 7(2), 240-268. doi:10.1075/jlac.00026.jak
- Kahalon, R., Bareket, O., Vial, A. C., Sassenhagen, N., Becker, J. C., & Shnabel, N. (2019). The Madonna-Whore Dichotomy Is Associated With Patriarchy Endorsement: Evidence From Israel, the United States, and Germany. *Psychology of Women Quarterly*, 43(3), 348-367. doi:10.1177/0361684319843298
- Kalish, R., & Kimmel, M. (2010). Suicide by mass murder: Masculinity, aggrieved entitlement, and rampage school shootings. *Health Sociology Review*, 19(4), 451-464. Recuperado de <http://eds.a.ebscohost.com.libproxy.uml.edu/eds/pdfviewer/pdfviewer?vid=4&sid=962bcf33-006c-4f99-aba8-380575633c26%40sessionmgr4001&hid=4210>
- Kiernan, K. E. (1988). Who remains celibate? *Journal of Biosocial Science*, 20(3), 253-264. doi:10.1017/S0021932000006593
- Klein, M. (1991a). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides (1946). In M. Klein, *Obras Completas* (Vol. 3: Inveja e gratidão e outros trabalhos, E. M. Rocha & L. P. Chaves trads., pp. 17-43). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1946).
- Klein, M. (1991b). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa (1948). In M. Klein, *Obras Completas* (Vol. 3: Inveja e gratidão e outros trabalhos, E. M. Rocha & L. P. Chaves trads., pp. 44-63). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1948).
- Klein, M. (1991c). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê (1952). In M. Klein, *Obras Completas* (Vol. 3: Inveja e gratidão e outros trabalhos, E. M. Rocha & L. P. Chaves trads., pp. 85-118). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1952).
- Klein, M. (1991d). Inveja e gratidão (1957). In M. Klein, *Obras Completas* (Vol. 3: Inveja e gratidão e outros trabalhos, E. M. Rocha & L. P. Chaves trads., pp. 205-267). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).
- Klein, M. (1996a). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In M. Klein, *Obras completas* (Vol. 1: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos, A. Cardoso, trad., pp. 304-329). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1935).

- Klein, M. (1996b). O desmame. In M. Klein, *Obras completas* (Vol. 1: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos, A. Cardoso, trad., pp. 331-345). Imago. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1936).
- Klein, M. (1996c). Amor, culpa e reparação (1937). In M. Klein, *Obras completas* (Vol. 1: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos, A. Cardoso, trad., pp. 346-384). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Laplanche, J., & Pontalis, J. -B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise* (P. Tamen, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Lilly, M. (2016). *'The World is Not a Safe Place for Men': The Representational Politics of the Manosphere* (Dissertação de mestrado, Universidade de Ottawa). /doi:10.1017/S0007114508981460
- Manivannan, V. (2013). Tits or GTFO: The logics of misogyny on 4chan's Random - /b/. *The Fibreculture Journal*, 158(22), 109–132. Recuperado de: [https://bbhosted.cuny.edu/bbcswebdav/pid-18079557-dt-content-rid-99865743_1/courses/BAR01_COM_4101_CMWA_1149_1/Manivannan - 2013 - Tits or GTFO The logics of misogyny on 4chan's Random - b\(1\).pdf](https://bbhosted.cuny.edu/bbcswebdav/pid-18079557-dt-content-rid-99865743_1/courses/BAR01_COM_4101_CMWA_1149_1/Manivannan - 2013 - Tits or GTFO The logics of misogyny on 4chan's Random - b(1).pdf)
- Maxwell, D., Robinson, S. R., Williams, J. R., & Keaton, C. (2020). "A Short Story of a Lonely Guy": A Qualitative Thematic Analysis of Involuntary Celibacy Using Reddit. *Sexuality and Culture*, 24(6), 1852–1874. doi:10.1007/s12119-020-09724-6
- Mondaini, N., Ponchietti, R., Gontero, P., Muir, G. H., Natali, A., Di Loro, F., Caldarera, E., Biscioni, S., & Rizzo, M. (2002). Penile length is normal in most men seeking penile lengthening procedures. *International Journal of Impotence Research*, 14(4), 283–286. doi:10.1038/sj.ijir.3900887
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.
- Moraes, R., & Galiazzi, M. do C. (2011). *Análise textual discursiva*. Ijuí, RS: Editora Unijuí.
- Nagle, A. (2015). *An investigation into contemporary online anti-feminist movements* (Tese de doutorado, Dublin City University). Recuperado de <http://doras.dcu.ie/22385/>
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 193–202. doi:10.1590/s0102-37722002000200009
- Oliveira, G. D. F. de, & Ceccarelli, P. R. (2015). Realidade virtual v. realidade psíquica. *Estudos de Psicanálise*, (44), 101-107. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000200011&lng=pt&nrm=iso
- Organização Mundial da Saúde. (2019). *World health statistics 2019: monitoring health for the*

SDGs, sustainable development goals. Genebra, Suíça: Organização Mundial da Saúde. Recuperado de <https://www.who.int/publications/i/item/world-health-statistics-2019-monitoring-health-for-the-sdgs-sustainable-development-goals>

Ramos, M. B. J. (2010). Narcisismo e depressão: um ensaio sobre a desilusão. *Estudos de Psicanálise*, 71-78. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200010&lng=pt&tlng=pt

Rodger, E. (2014). *My Twisted World: The Story of Elliot Rodger* [Relato autobiográfico]. 141p. Recuperado de <http://abclocal.go.com/three/kabc/kabc/My-Twisted-World.pdf>

Sakamoto, C. K., & Souza, C. F. de. (2012). Internet e subjetividade - Um debate preliminar. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 32(83), 294-312. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94624915005>

Schmitz, R. M., & Kazyak, E. (2016). Masculinities in cyberspace: An analysis of portrayals of manhood in men's rights activist websites. *Social Sciences*, 5(2). doi:10.3390/socsci5020018

SergeantIncel/incels.co. (2018a, 11 de setembro). The Pills as Sets: Blue, Red, Black, White [Fórum]. Recuperado de: <https://incels.co/threads/the-pills-as-sets-blue-red-black-white.73696/>

SergeantIncel/incels.co. (2018b, 14 de setembro). The Whitepill [Fórum]. Recuperado de: <https://incels.co/threads/the-whitepill.74439/>

SergeantIncel/incels.co. (2018b, 10 de dezembro). The Whitepill: Practical Guide [Fórum]. Recuperado de: <https://incels.co/threads/the-whitepill-practical-guide.93906/>

Shaw, D. O. (2019). *The new language of hate: misogyny and the alt-right*. *Kritika & Kontext*, 53-54(22). Recuperado de <https://www.jonstewart.dk/2018%20Jon%20Stewart,%20Classical%20Education%20in%20a%20Globalised%20World.pdf>.

Tomaz, R. (2013). A geração dos Millennials e as novas possibilidades de subjetivação. *Communicare: Revista de Pesquisa*, 13(1), 99-110. Disponível em <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/02/Communicare-13.1.pdf>

Van Valkenburgh, S. P. (2018). Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. *Men and Masculinities*. doi:10.1177/1097184X18816118

Vito, C., Admire, A., & Hughes, E. (2018). Masculinity, aggrieved entitlement, and violence: considering the Isla Vista mass shooting. *Norma*, 13(2), 86-102. doi:10.1080/18902138.2017.1390658

Zimmerman, S., Ryan, L., & Duriesmith, D. (2018). Recognizing the violent extremist ideology of 'incels'. In *Women In International Security*. Recuperado de <https://www.wiisglobal.org/publication/recognizing-the-violent-extremist-ideology-of-incels/>